

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

LÍVIA ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS MULHERES DE TRINTA: PERFIS FEMININOS NO ROMANCE
REGIONALISTA**

PATU
2016

LÍVIA ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS MULHERES DE TRINTA: PERFIS FEMININOS NO ROMANCE
REGIONALISTA**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN –
como requisito obrigatório para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Ma. Larissa Cristina Viana
Lopes

PATU
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C278m Carlos, Livia Alves Monteiro.
As mulheres de trinta: perfis femininos no romance regionalista / Livia
Alves Monteiro Carlos - 2016.
99 p.

Orientadora: Larissa Cristina Viana Lopes.
Coorientadora: .
Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respektivas
Literaturas), 2016.

1. Literatura de trinta. 2. Perfis femininos. 3. Personagens. I. Lopes,
Larissa Cristina Viana, orient. II. Título.

LÍVIA ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS MULHERES DE TRINTA: PERFIS FEMININOS NO ROMANCE
REGIONALISTA**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN –
como requisito obrigatório para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientador: Ma. Larissa Cristina Viana
Lopes

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Larissa Cristina Viana Lopes
Orientadora

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
1º Examinador

Prof.^a Ma. Maria Gorete Paulo Torres
2º Examinador

PATU
2016

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela inspiração para elaboração deste. Aos meus pais, Geraldino e Maria José pelo apoio e dedicação. Aos meus irmãos Lígia, Luana e Luan pelo incentivo e cooperação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente por ter me concedido o dom da vida e ter me conduzido até aqui para a realização deste sonho, e principalmente por me conceder força e coragem para alcançar meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Maria José e Geraldino, que sempre buscaram apoiar-me em minhas escolhas para a realização deste sonho. A vocês, meus sinceros agradecimentos pela coragem que me transmitem e pela alegria e amor que a mim atribuem.

As minhas irmãs, Lígia e Luana, por terem me dado coragem sempre que precisei para seguir em frente, dando sempre incentivo e apoio constante.

Ao meu irmão Luan e também amigo de curso com quem pude dividir anseios e trabalhos durante nossa jornada. A você, meu muito obrigada pelas alegrias, vitórias e angústias que podemos compartilhar.

Aos muitos amigos que conquistei durante o curso meus sinceros agradecimentos por terem sido companheiros e receptivos.

À minha professora e orientadora deste trabalho, Larissa Cristina Viana Lopes, por ter me dedicado parte do seu tempo para guiar-me na construção desta monografia, assim como também por ter se dedicado em todos esses anos, em que a tive como professora, em expor aulas maravilhosas na área de Literatura Brasileira, o que foi de fundamental importância para a escolha do tema deste trabalho.

Aos meus professores Silvânia, Sueli, Ananias, Gercina Dalva, entre outros, pela dedicação e ensinamentos de cada um, pois contribuíram não só para o meu crescimento enquanto discente do curso, mas também para meu crescimento pessoal.

Agradeço também aos professores Vieira e Gorete Torres, principalmente por me conceder a honra de participar da minha defesa, como também pelos valiosos ensinamentos que transmitiram para minha formação enquanto os tive como docente.

A todos deixo meu muito obrigada, respeito e admiração!

Ser Mulher ...

*Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...*

*Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...*

*Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...*

*Ser mulher, e, oh! atroz, tantática tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!
(Gilka Machado)*

RESUMO

O objetivo desta monografia é analisar a construção dos perfis femininos na literatura de 1930, através das personagens Conceição, Marina e Gabriela das obras *O quinze*, *Angústia* e *Gabriela, Cravo e Canela*, respectivamente, dos autores do período literário de 1930, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Com isso, pretendemos caracterizar e traçar os perfis femininos das mulheres no romance dessa década. Para realização desta pesquisa foi necessário nos ancorarmos em discussões teóricas sobre o percurso da mulher na sociedade, com Albuquerque Júnior (2013), Alves (2003), Confortin (2003), D’Incao (2012), Lucena (2003), Louro (2012), Orsini (2003), Pires (2003), Teles (1999) e nas discussões sobre a geração de trinta, com Almeida (1999), Albuquerque Júnior (2011), Belline (2008), Bosi (1994), Bueno (2015), Caminha (2010), Candido (1989; 2006) e Moisés (2012). Metodologicamente, esta pesquisa é qualitativa por darmos destaque ao comportamento das três personagens estudadas com olhar analítico aprofundado, e essencialmente indutiva, pois a pesquisa foi motivada através da leitura das obras. É caracterizada também como uma pesquisa de caráter bibliográfico e, por isso, também descritivo-analítico. Com base em nosso aporte teórico e nas análises empreendidas, chegamos a algumas constatações a serem ressaltadas sobre os perfis femininos que estudamos, pois verificamos que na literatura de 30, especificamente nas obras estudadas, que as mulheres rompem com os padrões que foram impostos a elas, assentados no patriarcalismo que subjuga o feminino. Dentro deste contexto, apresentam-se em Conceição, Marina e Gabriela perfis de mulheres engajadas, dispostas a fazerem o processo de transformação social, porquanto reivindicam o direito de formar sua própria maneira de viver, representando mulheres libertas das amarras sociais que as reprimem, consolidando com o período de 30 uma concepção inovadora na qual as mulheres decidem o rumo que desejam seguir ao trilharem seus próprios destinos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de trinta. Perfis femininos. Personagens.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to analyze the construction of the female profiles in the literature of 1930, through the characters Conceição, Marina and Gabriela of the works *O quinze*, *Angústia e Gabriela*, *Cravo e Canela*, Respectively, of the authors of the literary period of 1930, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos and Jorge Amado. With this, we intend to characterize and trace the female profiles of women in the novel of that decade. To carry out this research, it was necessary to anchor ourselves in theoretical discussions about the course of women in society, with Albuquerque Júnior (2013), Alves (2003), Confortin (2003), D’Incao (2012), Lucena (2003), Louro (2012), Orsini (2003), Pires (2003), Teles (1999) and in the discussions on the generation of thirty, with Almeida (1999), Albuquerque Júnior (2011), Belline (2008), Bosi (1994), Bueno (2015), Caminha (2010), Candido (1989; 2006) and Moisés (2012). Methodologically, this research is qualitative because we highlight the behavior of the three characters studied with an in - depth analytical, and essentially inductive look, since the research was motivated by reading the works. It is also characterized as a bibliographical and therefore descriptive-analytical research. Based on our theoretical contribution and analyzes undertaken, we come to some findings to be highlighted about the female profiles we studied, since we found that in the literature of 30, specifically in the works studied, women break with the standards imposed on them, In the patriarchy that subjugates the feminine. Within this context, profiles of engaged women are presented in Conceição, Marina and Gabriela, who are willing to make the process of social transformation, because they claim the right to form their own way of living, representing women freed from the social ties that repress them, consolidating With the period of 30 years an innovative conception in which women decide the course they wish to follow in tracing their own destinies.

KEY-WORDS: Literature of 30. Female profiles. Characters.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A MULHER NO SÉCULO XX: SUBMISSAS OU TRANSFORMADORAS?.....	13
2 O ROMANCE DE TRINTA: UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO DE AUTORES ENGAJADOS.....	28
2.1 O mundo ficcional e estilístico de Rachel de Queiroz.....	31
2.2 Graciliano Ramos e seu universo estilístico situado em personagens problemáticos.....	39
2.3 Jorge Amado: representações da identidade baiana e de um Brasil colorido.....	50
3 CONCEIÇÃO, MARINA E GABRIELA COMO REPRESENTAÇÕES FEMININAS DO ROMANCE DE 30.....	58
3.1 Conceição subvertendo as repreensões do feminino com sua inteligência e nível cultural.....	58
3.2 Marina, a moça que procura realizar suas vaidades e desejos luxuosos através do casamento.....	69
3.3 Gabriela: sensualidade e liberdade espontâneas por natureza.....	81
3.4 Comparando Conceição, Marina e Gabriela.....	93
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	98

INTRODUÇÃO

O século XX é marcado por intensas mudanças que se propagaram em vários níveis na experiência social e humana. E é nessa época que acontece uma descentralização nas tradições patriarcais estabelecidas pela cultura machista dominante, as quais reprimem o feminino, por isso as mulheres já não eram mais as mesmas, pois não reproduziam mais sem questionamento os modelos sociais que reduziam seu horizonte aos recônditos do lar, para serem boas mães, esposas e donas de casa.

Essa nova mulher que emerge no século XX é a que luta por seus direitos para ocupar novos espaços na sociedade, que lhes possam assegurar uma educação de qualidade, procurando ocupar seu espaço social e político. De fato, no começo deste século surge um começo da formação de uma identidade feminina, em oposição ao masculino, através da necessidade de independência e profissionalização. De tal modo, a tensão entre o tradicional e o moderno, em relação ao papel da mulher na esfera pública, armou o cenário do temor do masculino diante da modernização do feminino.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar a construção dos perfis femininos das mulheres na literatura regionalista, através das personagens Conceição, Marina e Gabriela das respectivas obras *O Quinze* (2004), *Angústia* (1982) e *Gabriela, Cravo e Canela* (2001), dos autores do período literário de 1930, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Para tanto, este objetivo se desmembra em três outros específicos: caracterizar as personagens de acordo com seu comportamento diante dos dogmas patriarcais, confrontando com a forma como eram vistas pelos outros de acordo com o contexto de cada obra; traçar o perfil de cada uma das personagens conforme a caracterização; comparar os perfis das personagens, a fim de estabelecermos semelhanças e diferenças na caracterização das mulheres na ficção de 30.

A nossa aproximação com esse objeto de estudo deu-se por meio dos seminários e estudos realizados durante as disciplinas de Literatura Brasileira, em que estudamos diversas personagens femininas que vão do Romantismo até a Literatura Contemporânea, através de que tivemos a oportunidade de entrar em contato com as obras e personagens que compõem o *corpus* da nossa pesquisa. Nesse sentido, estudar a figura feminina constitui-se um tema muito instigante, já que observamos durante o decorrer das disciplinas que encontramos os mais diversos perfis femininos registrados nas obras literárias, os quais são criados e abordados de acordo com as diferentes épocas em que são inseridos. Acrescentamos ainda ao nosso

interesse pela temática os encontros em nosso itinerário literário brasileiro com as mulheres mais recatadas até as mais revolucionárias.

Além disso, essa pesquisa surgiu com o intuito de responder os seguintes questionamentos: Como as personagens femininas da literatura de 30 são caracterizadas de acordo com seu comportamento diante dos dogmas patriarcais? Como essas mulheres eram vistas pelos outros de acordo com o contexto de cada obra? Como os perfis femininos dessas personagens são caracterizados? Quais semelhanças e diferenças na caracterização das mulheres na ficção de 30?

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa essencialmente qualitativa, uma vez que empregamos em nossa pesquisa uma perspectiva descritivo-analítica para estudar as personagens femininas, com as quais levamos em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades, sendo que esses pormenores não poderiam ser apreendidos em números quantificáveis.

Constitui-se também de uma pesquisa indutiva, pois nos debruçamos primeiramente sobre o *corpus* de trabalho, fazendo um estudo dos romances *O quinze*, *Angústia*, e *Gabriela, Cravo e Canela* para, em seguida, delimitarmos nosso objeto de estudo através do desejo de compreender quem são essas personagens: Conceição, Marina e Gabriela. Ademais, caracterizamos nossa pesquisa como documental e bibliográfica, uma vez que pesquisamos em fontes literárias que nos permitiram descrever e analisar fatos sociais e humanos.

Para fundamentar essa pesquisa, vamos nos basear nas discussões de Albuquerque Júnior (2013), Alves (2003), Confortin (2003), D’Incao (2012), Lucena (2003), Louro (2012), Orsini (2003), Pires (2003), Teles (1999) sobre a mulher na sociedade, e também em Almeida (1999), Albuquerque Júnior (2011), Belline (2008), Bueno (2015), Bosi (1994), Caminha (2010), Candido (1989; 2006) e Moisés (2012) sobre o romance e a geração de trinta.

Diante desta metodologia e deste aporte teórico, com esta pesquisa esperamos desenhar o perfil feminino da mulher em trinta com as personagens Conceição de *O quinze*, Marina de *Angústia* e Gabriela de *Gabriela, Cravo e Canela*, analisando a construção feminina perante os padrões tradicionais propostos às mulheres da época.

Para termos uma melhor compreensão das personagens nas obras fizemos uma análise das obras em que estão ancoradas essas mulheres. Bem como, analisamos também o universo estilístico e temático dos autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado para compreendermos o contexto literário do qual emergem as personagens estudadas, para isso, esta monografia, portanto, está dividida em três capítulos, a saber:

O primeiro capítulo é destinado ao estudo sobre a história das mulheres na sociedade, por meio de que fizemos um apanhado histórico-social que nos possibilitou refletir sobre a condição da mulher partindo do século XIX, para chegarmos a compreensão da mulher no século XX.

O segundo capítulo versa sobre a geração de 1930, período literário do qual as obras fazem parte, o Modernismo. Trata ainda do estilo de escrita dos autores estudados nesta monografia, além disso, analisamos as obras *corpus* do nosso trabalho, com o intuito de mostrar o espaço em que as personagens analisadas estão inseridas.

Por fim, no terceiro capítulo, analisamos as personagens femininas Conceição, Marina e Gabriela, traçando o perfil dessas mulheres, visando compreender suas representações diante a sociedade.

1 A MULHER NO SÉCULO XX: SUBMISSAS OU TRANSFORMADORAS?

Antes de começarmos nossa explanação sobre a mulher do século XX, é necessário que justifiquemos essa discussão, já que não faremos um percurso desde o início da história da humanidade. O século foi aqui determinado, o XX, porque esta pesquisa investiga mulheres da literatura da década de 30, ainda na primeira metade do século. Para compreendermos os desenhos femininos nas obras que estudaremos, julgamos ser necessária essa base teórica sobre quem é essa mulher da época mencionada, a fim de termos fundamentos teóricos para analisarmos as personagens da literatura regionalista.

Com tal justificativa, a discussão que segue busca discorrer sobre as mudanças na vida da mulher e da sociedade na passagem do século XIX para o XX e, neste, discutir sobre os novos papéis femininos.

No Brasil da chegada dos portugueses até as pelejas pela independência, deparamo-nos com as mulheres índias que tinham seus costumes diferenciados e só depois, por volta de 1549, o padre Manuel da Nóbrega escreveu aos monarcas de Portugal pedindo que enviassem mulheres para povoar as terras brasileiras. A população que se instalou na colônia trouxe seu modelo organizacional da família, então se estabeleceu na sociedade que se formava que as mulheres seriam restritas ao ambiente interno, a base de sua educação era aprender a se tornar mãe e esposa e, para isso, ensinavam a essa mulher a “lavar, coser e fazer renda”, pois, “instrução – leitura, escrita e contas” eram aprendizados só para homens, assevera Teles (1999).

O estilo de vida do povo brasileiro no século XIX era fundamentado através de modelos europeus, daí a família ser organizada de acordo com o patriarcalismo reinante em todas as instâncias da sociedade, um formato de organização familiar que estava relacionado às condições econômicas e sociais do país, afirma D’Incao (2012).

Esta mesma autora assevera que os patriarcas eram os grandes detentores de terras e escravos e, por isso, a figura deles era superior dentro do núcleo familiar, pois atinham toda a autoridade e poder de decisão na sociedade em que viviam. Esse modelo de administração da família se instalou no Brasil através dos colonizadores, que fincaram o modelo patriarcal de organização familiar, sendo a condição da mulher, dentro desse viés, muito difícil, não tendo a figura feminina nenhum poder de decisão, mantinha-se totalmente submissa.

Deste modo, a construção da história do feminino foi se organizando numa sociedade em que poderes, privilégios e tomadas de decisões ficavam a cargo dos homens, e as mulheres tornaram-se apenas subordinadas ao jogo social de suas convivências.

A mulher burguesa do século XIX é a mulher do lar, sem exceção significativa. Isso decorre de vários fatores históricos, mas a educação dada aos rapazes foi, sem dúvida, um dos fatores que permitiu essa uniformização do papel da esposa como dona de casa, tendo sob sua responsabilidade todos os aspectos materiais e emocionais da vida do marido e dos filhos. O rapaz aprendia na escola o que devia esperar de uma esposa. (PRADO *apud* ORSINI, 2003, p. 85)

O Brasil do século XIX conduzia as normas sociais para a mulher em meio as diferenças entre os sexos, uma vez que o padrão de moralidade imperante na sociedade sempre privilegiava o homem em relação à mulher no que se referia à vida familiar e em sociedade, o homem exercia cargos públicos, participava da política, administrava a economia. E as mulheres eram prendadas para serem mãe e esposa, administravam o lar e os filhos, sendo essas práticas o norte das convivências familiares da época, disseminadas e aprendidas também dentro das escolas.

A mulher desta época aparece detida numa sociedade que impunha regras severas a sua condição como pessoa, o cotidiano delas se manteve ancorado no tripé “dona-de-casa, mãe e esposa”, constituindo a imagem destas mulheres como a “rainha do lar”. Foram esses os estigmas propagados pela/na sociedade patriarcal, quando a mulher mantinha-se na esfera do privado, desempenhando o papel de cuidar da integridade do lar e da criação dos filhos, evidenciando-se o núcleo familiar como o seu ponto de domínio, de ambição e o seu único campo de ação, dentro destes padrões sociais.

Destarte, para cumprir sua missão dentro do modelo patriarcal, via de regra, “a mulher se casava ainda muito jovem e o marido, escolhido pelo pai, era, geralmente, bem mais velho.” (TELES, 1999, p.19). Nesse sentido, a mulher, antes do casamento, permanecia guiada pelo pai, a essa mulher dedicava-se cuidados para que não ousasse manchar a honra da família, até que contraísse matrimônio, passando da tutela do pai para a do esposo, para cuidar da sua nova casa no que se referiam as atividades domésticas e aos filhos.

Nesta perspectiva, Alves (2003) entende que a sociedade patriarcal implantava modelos para compor a identidade das mulheres, atribuindo-lhes que seguissem arquétipos inspirados na figura de Maria, a mãe de Jesus. Era-lhes imposto que a imitassem, sendo obedientes, passivas e submissas, eram modelos ideológicos apregoados pela Igreja Católica e confirmados na educação familiar e escolar. A mulher que ousasse desobedecer aos dogmas impostos pela Igreja era vista como uma pecadora, nisso eram ameaçadas pela inquisição de não obterem sua “santidade e salvação” para com Deus, ideologia essa patriarcal e racionalizada pela Igreja Católica.

A mulher mantinha-se cumprindo essas regras, com medo dos sentimentos de infração que uma transgressão pudesse gerar em sua vida, o que fincou um sentimento de culpa perpetuado no modo de ser mulher numa sociedade em que ela se mantém submissa ao mando masculino, e é caracterizada como que precisando de proteção sem indagar o porquê disso.

No início do século XX, a distribuição de lugares entre os sexos mantinha-se ainda num pensamento patriarcal, era determinado de acordo com o papel de reprodução dos sujeitos. A mulher permanecia na função de dominada e o homem de dominador, o que destina ao homem ser responsável pelos afazeres exteriores, o cargo de provedor do lar, no sentido de sustentar e dar conforto a família, podendo cuidar da administração política e administrativa da sociedade, sobrando para a mulher a obrigação de cuidar das atividades internas, do lar. Mas, apesar de ainda estarem estagnadas num período fortemente patriarcal, é nesse período que as mulheres intensificaram as lutas por sua emancipação, pois lutam para tornarem-se reconhecidas como cidadãs.

Esse modo de organização do trabalho entre o feminino e masculino firmou-se de acordo com as necessidades de divisão dos trabalhos que se transformaram em diferenças que determinavam o trabalho feminino como o que se mantinha no espaço interno e o do masculino no espaço do externo. Esses modos organizaram-se como princípio organizativo da vida transformando-se em base doutrinária das vivências e virando leis rígidas na sociedade patriarcal, por intermédio de um método sistematizado de adoção validado pelas tradições e através da doutrina religiosa. Isso delegou, ressalta Alves (2003), uma feição secular que ainda perdura em nossos discursos até os dias atuais, pois esse modo de pensar a submissão da mulher acreditava-se que era provindo de sua própria natureza.

Ainda de acordo com esta autora, as mulheres permaneceram por muito tempo na condição de produto e controladas pela sociedade, atribuíam-lhe as mais distorcidas facetas:

Subproduto humano (durante um certo tempo admitiu-se até que a mulher era destituída de alma), sua “debilidade” justificava os muitos defeitos que lhe eram atribuídos. As mulheres eram assim consideradas vis, inconstantes, covardes, frágeis, imprudentes, incorrigíveis, astutas, frívolas, preguiçosas, avaras, ambiciosas, orgulhosas, invejosas, voltadas a divagações inúteis e dotadas de reduzida capacidade intelectual. A aceitação incontestada dessas características “naturais” fizeram delas, de um lado, seres minusválidos e dependentes e, de outro, perigosos, sobre os quais se deveria exercer controle e vigilância constantes, o que implicava exigir e cobrar da mulher humilde, submissão, piedade e obediência e

limitá-la à vida doméstica ou, em algumas épocas e lugares, ao convento. (ALVES, 2003, p. 19)

A mulher na sociedade foi tratada durante muito tempo na condição de objeto, foram propagados maldosos julgamentos sobre a constituição do feminino, já até foi admitido nos discursos por tempos o mito de que as mulheres não possuíam alma, consideradas o sexo frágil, e, fundamentados em ditos religiosos. Às mulheres atribuíam defeitos características de mau-caratismo. Por esses motivos, eram consideradas inconstantes e dotadas de corruptibilidade.

Já aos homens, as imagens que os representavam eram de inteligentes, lógicos, racionais e firmes em seu poder de decisão, opondo-se objetivamente à mulher passiva, emocional, perigosa e até ameaçadora. Essas atribuições inferiorizaram as mulheres e as fizeram manter-se em situação de subserviência, aceitando todos os limites que se convencionaram como corretos dentro da sociedade.

O reflexo que temos dentro de um contexto de história mundial é que quando se fala em grandes feitos históricos que ecoam em nossos discursos pelo mundo, sempre a figura que está desenhando esta história como vitorioso e conquistador de grandes feitos e melhorias para o mundo é o homem. Assim, fica claro que a história da humanidade foi toda escrita no masculino e sobre os homens.

Muitos têm a ilusão e pensam que a história escrita no masculino acontece por existir uma generalização gramatical “do ponto de vista de gênero neutra [...] porque nossas regras ortográficas nos fazem conduzir para o masculino, quando estamos falando no plural (CONFORTIN 2003, p. 108)”. Quando a questão dos modos de ser mulher e homem constroem-se de acordo com o momento histórico em que estamos inseridos, conforme os tempos vão evoluindo os conceitos anunciados para as divisões entre os sexos vão se propagando de acordo com a conjuntura social em que estamos inseridos.

A ideia é que homens e mulheres são produzidos socialmente e esta produção se dá em múltiplas instâncias sociais: dá-se através dos discursos, das doutrinas, das imagens, dos símbolos, na escola, na família, na igreja, através da mídia, enfim, ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá ao longo da vida e se dá de acordo com as múltiplas influências e instâncias. Poderíamos dizer que quem melhor sintetizou esse processo foi Simone de Beauvoir com sua célebre “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, frase parodiada hoje por “Ninguém nasce homem, torna-se homem”. (CONFORTIN, 2003, p. 111)

Homens e mulheres são conduzidos na sociedade de acordo com os conceitos que vão sendo desenvolvidos, conforme a época em que estiverem situados nasce uma nova forma de representação dos sexos. Esse é um processo que acontece de acordo com os discursos ideológicos, de ajuste com o que é aceito ou não aceito para ambos, através do que se espera do comportamento humano de cada época e configura-se como um processo que está em construção desde o nascimento até todo o ciclo de vida. Os conceitos se formam e transformam e vão sendo disseminados pelas instituições sociais.

Na transição do século XIX para o século XX ocorrem mudanças significativas nos modos de ser mulher e homem. Com o processo de industrialização e mudanças socioeconômicas, a mulher passou a ocupar postos de trabalhos nas fábricas, mas na época enfrentavam péssimas condições trabalhistas e jornadas de trabalho exageradas, e seus salários eram inferiores aos dos homens que também figuravam no mercado enfrentando as mesmas condições péssimas e realizando jornadas trabalhistas também exageradas, discute Teles (1999).

Outro aspecto que motivou a entrada da mulher no mercado de trabalho foi a eclosão da primeira guerra mundial, pois os homens precisaram afastar-se de suas atividades para alistar-se como soldados a serviço da guerra, saindo as mulheres do lar procurando ocupar os espaços que os homens tinham de abandonar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

No século XX mudanças significativas em relação ao comportamento feminino adotado foram sendo conquistadas pelas mulheres dentro da sociedade. Com a instalação do Brasil República e a modernização, houve uma quebra das “hierarquias sociais e o conseqüente nivelamento dos diferentes grupos que segmentavam a sociedade [...] a partir de imagens que remetem à família e, mais particularmente, uma ameaça ao Pai como representante da autoridade, da ordem e da hierarquia.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 29).

Nesse novo século, o modelo da família patriarcal estava ameaçado, as novas tendências invadiam o Brasil e o sertão nordestino, as tradições da família patriarcal estavam sendo solapadas aos poucos. Foram os novos ares que se implantaram após a Primeira Guerra Mundial, que fizeram também essa época ser descrita, de acordo com o autor supracitado, como uma feminização da sociedade. Nesse ínterim, ocorre um processo de horizontalização em relação ao feminino, deixando o patriarcalismo em decadência.

Estes discursos masculinos falam com temor de um alastramento do feminino pela sociedade, trazido pela abolição das fronteiras entre etnias e

raças com a Abolição, pelo progressivo acesso ao mundo da política de parcelas da sociedade antes excluídas, com o advento da república, pela necessária ampliação do espaço social para a inclusão de novos grupos que emergiam com crescente influência e poder como: os comerciantes, os industriais, os operários, a classe média e, notadamente, as mulheres, surgidos todos com o processo de urbanização e industrialização, visto como agentes principais neste processo de desvirilização da sociedade, trazido pela perda progressiva dos valores, sociabilidades e sensibilidades descritas como patriarcais. (ALBUQUERQUE JUNIOR, p. 29)

O feminino se espalhava na sociedade, as lutas por igualdade ou até mesmo pela tomada do poder dos homens cresciam, as mulheres vinham num período em que ocorreram muitas transformações sociais que foram propiciadas devido a alguns acontecimentos históricos, como a libertação escravagista, as grandes guerras mundiais. As minorias que eram excluídas da sociedade passaram a se incluir na política e no trabalho, elevando vozes que antes não tinham o direito de serem ouvidas.

A sociedade estava se preparando para receber os novos modelos de pessoas que se propagavam na sociedade com grande controle de poder nas instâncias sociais, como as minorias que antes eram excluídas da sociedade em detrimento aos patriarcas que eram os detentores maiores do poder social, esse quadro já não era mais o mesmo, pois com os novos ares que o Brasil vinha ganhando em meio as transformações sociais e econômicas, os antes excluídos começavam a se incluir ganhando voz e visibilidade. Nisso as mulheres aos poucos reivindicavam seus direitos, renunciando, assim, que os tempos mudaram e devido a crescente modernização, urbanização social e industrial, o país, que era considerado um grande ambiente rural, foi ganhando face nova.

Os sujeitos excluídos estavam ganhando sua liberdade, acontecia a desvirilização da sociedade: o “macho” considerado o patriarca estava deixando de ser o centro de tudo, com isso, os princípios e valores de antes, tidos como corretos, encontravam-se abalados para a figura do pai, pois seu mundo, outrora inatingível, agora se encontrava ameaçado com o alastramento do movimento feminista que reivindicava/reivindica um equilíbrio entre os sexos.

O que se colocava como tarefa para as elites do país [...] era como alargar a sociedade para incluir estes novos agentes e suas reivindicações, sem que a ordem social fosse solapada, sem que as hierarquias fossem seriamente invertidas. É neste contexto de mudanças e de preocupação com a inclusão de novas demandas sociais que a mulher aparece como uma questão. É nítida, neste momento, uma crescente preocupação com a possível quebra das hierarquias de gênero, que estes discursos definem como hierarquias de

sexo. As mudanças trazidas pelo fim da sociedade escravista, inclusive para a organização da família, pareciam solapar os lugares de sujeito tradicionalmente reservados para homens e mulheres, trazidas pela vida urbana e pelo mundo que se modernizava, pareciam ameaçar a dominação masculina de forma insuportável para homens que teriam sido educados numa “ordem patriarcal”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 30)

Nesse momento de grandes transformações sociais, os antigos detentores do poder propuseram-se a tomar medidas que pudessem receber esses novos sujeitos os quais queriam seus espaços, de maneira que as bases já existentes não fossem destruídas, para, assim, não acontecer uma inversão hierárquica, pensando-se na mulher não ocupando o lugar dos homens ou o contrário disto.

Os homens, que até então só apareciam como os dominadores, sofrem com todas essas mudanças sociais, pois as mulheres que antes eram retidas aos recônditos dos lares e educadas para serem mães e esposas, e os homens preocupados em dar ordens, é um quadro que já não era mais o mesmo. A mulher lutava para que a hierarquia que existia entre o masculino e o feminino fosse rompida.

A grande mudança, sem dúvida, está no fato de que a dominação masculina não se impõe mais como a evidência de algo que é indiscutível. [...] esta evidência passou a ser vista como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou justificar. [...] De todos os fatores de mudança, os mais importantes são os relacionados com a transformação decisiva da função de instituição escolar na reprovação da diferença entre os gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução e, correlativamente, à independência econômica e à transformação das estruturas familiares. (BOURDIEU, 1999, p.106 *apud* CONFORTIN, 2003, p. 115)

Emerge na sociedade uma grande mudança, o homem não detém mais da palavra como algo indiscutível, as leis tidas como naturais para homens e mulheres começaram a ser violadas e os discursos masculinizantes vão sendo questionados. No entanto, ocorre uma grande mudança no entorno da educação feminina, as mulheres quando submissas só tinham o direito à escola primária, não sendo possível alcançarem níveis mais altos de escolaridade, no qual o masculino exercia total domínio.

As disciplinas nessas escolas voltadas para a mulher eram focadas em atividades do lar, como costura, as receitas, bordados, além de aprenderem músicas ou atividades artísticas, enquanto os homens tinham o ensino voltado para disciplinas que fossem úteis ao mercado de trabalho (TELES, 1999).

Com a chegada dos novos tempos, as mulheres passaram a questionar esse padrão e requerer que houvesse melhorias em seu sistema educacional, para que pudessem alcançar seu espaço como um lugar autônomo. Era difícil romper com as tradições que já estavam enraizadas, havia um estigma muito forte em relação às transformações sociais para com o feminino, como argumenta Louro (2012, p.453):

Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada. Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não as afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade.

A figura feminina passou por muito tempo a imagem de sexo frágil, por isso eram sempre controladas, cabendo a elas acatarem as regras sociais impostas. A saída dos recônditos do lar para o mercado de trabalho não foi uma tarefa fácil de ser alcançada.

Esse processo se deu primeiramente para com as pessoas que ficavam à margem da sociedade, pois as famílias que aceitavam a saída das mulheres de sua casa para trabalharem eram vistas com desprestígio, pois a função de manter o sustento familiar era uma tarefa masculina. Mas com a implantação do Brasil República e o enfraquecimento do modelo familiar patriarcal, as mulheres puderam sair à luta para ajudarem no sustento familiar. Ainda assim os discursos masculinizantes afirmavam que o trabalho feminino as prejudicaria, pois elas deveriam preservar a integridade do lar.

O novo país que emergia apresentava novas feições, com o advento da República o modelo do trabalho adotado era assalariado, os centros urbanos cresciam cada vez mais, a classe média ia enriquecendo através dos operários que vendiam à custa de muito suor a sua força de trabalho, vivendo de honorários miseráveis. A mulher desse novo cenário era duplamente explorada, exercia uma jornada dupla, trabalhando em fábricas e no lar, além disso, era ainda submetida a receber salários mais baixos, apesar de exercer uma jornada de trabalho maior que a dos homens (TELES, 1999).

Decorre disso a luta por melhores condições trabalhistas e de destaque em alguns movimentos aos quais se submeteram, encabeçaram movimentações grevistas por melhoria

salarial e redução da jornada trabalhista, denunciando a exploração a que eram sujeitas por seus patrões, pois trabalhavam entre doze e quatorze horas por dia.

Vale ressaltar que as mulheres nesse processo de lutas por melhores condições de trabalho, batalharam concomitantemente com os homens, mas a vitória foi masculina porque tiveram triunfo e conseguiram reduzir sua jornada em oito horas de trabalho e as mulheres obtiveram a redução apenas para nove horas e meia de trabalho (TELES, 1999).

A década de 20 foi privilegiada no que diz respeito às lutas e propostas de mudança. A república dos coronéis não dava mais conta da ebulição social e política do país. Só no ano de 1922, tivemos a Semana de Arte Moderna, a Revolta do Forte de Copacabana e a Fundação do Partido Comunista do Brasil. Com a “Semana de Arte Moderna”, iniciou-se um marcante salto cultural. Os desenhos fantásticos de Anita Malfatti apareceram com um novo grafismo, distante da academia. Anita era independente, original e inventiva. (TELES, 1999, p.44)

Como podemos perceber, na década de vinte, o Brasil passava por uma reviravolta, estava vivendo uma onda de inconformismo social, os povos pediam mudanças no modo de governar o país. Com isso, houve a fundação do Partido Comunista, o qual instituiu que os direitos são iguais para todos, lutavam para acabar com a oligarquia, tendo em vista que o brasileiro não aguentava mais o modo de governo dos coronéis.

O período era de repletas agitações e a classe intelectual brasileira enxergou nessa bagunça em que o país se encontrava a hora de mudar os padrões estéticos antigos tanto nas letras como nas artes, para dar lugar a uma renovada estética que viria a surgir totalmente contrária ao que já tínhamos em termos de arte.

Como exemplo de mulher neste contexto Teles (1999) cita a artista Anita Malfatti, por ser mulher e passar a revolucionar com sua inteligência o campo das artes com algo que divergia dos padrões exigidos na academia. Ela foi vista como uma mulher que quebrou o padrão nas artes plásticas da década de vinte. Nas primeiras décadas do século XX, a sociedade passava por uma série de modificações e a identidade dos sujeitos passava por um processo de transformação.

Os lugares e identidades de sujeito estavam em processo de mutação. Os territórios existenciais tradicionais sofriam um processo de desterritorialização. O que parecia ordenado, estático, imóvel, certo, inquestionável, começava a se mover para contestar a ordem anterior. Os homens e as mulheres já não eram mais os mesmos, já não reproduziam sem questionamentos os modelos sociais anteriores, as hierarquias sociais que

vinham do passado. Estava se modificando não apenas a forma de fabricar artefatos e objetos, mas, principalmente, a forma de se fabricarem sujeitos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 31)

Com a modernidade surgiam novas maneiras de se produzir subjetividades entre os sujeitos, que ganhavam novas identidades, podendo escolher seu próprio estilo de vida e de conceber as coisas. Nesse processo, há a ideia de que a subjetividade deve ser construída de maneira independente e diferente dos modelos tradicionais. Acontecia uma mudança nas bases tradicionais da sociedade, as pessoas não ocupavam mais os lugares que antes eram “naturais” e isso aparecia nitidamente nos modos de ser mulher e homem, quando vemos, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres lutando intensamente por sua liberdade a todo custo e, aos poucos, conseguindo ocupar lugares que só os homens ocupavam. Desse modo, o masculino também tinha de aceitar os novos sujeitos e formas de ser que emergiam na sociedade, daí a identidade dos indivíduos passarem por transformações. A este respeito Lucena (2003, p 161-162) afirma que:

O que podemos chamar de “evolução” das mulheres ao longo do tempo é a sua transformação em alguns aspectos. Da total dependência em relação ao homem, a mulher emancipou-se, embora isso ainda não se tenha concretizado por completo. Há extremos de situações que caminham e retornam, num movimento lento, se levarmos em conta o ponto de partida. As mudanças ocorrem de modo diferenciado conforme fatores sociais e históricos. As mulheres agem e pensam, na sociedade atual, de acordo com características que vão de um extremo ao outro – total submissão e total emancipação.

Ocorreu nesse período um rompimento nas relações sociais femininas que se configurou como uma evolução na produção da subjetividade feminina. As mulheres não estavam mais aceitando serem subordinadas ao homem, queriam ter sua própria voz dentro dos espaços que ocupavam e também não permitiam mais serem mandadas em sua maneira de se comportar, conquista essa que foi sendo concebida aos poucos.

Conforme as necessidades históricas, as mudanças iam ocorrendo e as mulheres iam adquirindo características que as tornavam decididas, determinadas, trabalhadoras, muito mais libertas em suas escolhas, ao contrário das mulheres de tempos anteriores. Surge a mulher emancipada, a qual lida muito bem com os lugares que antes eram por convenção do masculino, transitam em características do passado e do presente, provocando uma quebra nas hierarquias existentes entre os sexos. Vejamos como se pensava ser essa mudança uma ameaça para a sociedade:

Este nivelamento social era ameaçador à medida que começava a atingir a instituição que era nuclear na ordem social: a família. O fim da dita sociedade patriarcal significava um progressivo enfraquecimento do sentimento de solidariedade de família, que tendia a ser substituído por um crescente individualismo e, perigo maior, pela solidariedade de classe. A mulher exercia um papel decisivo na preservação desta instituição e, para isso, era fundamental não só respeitar a distribuição e hierarquia tradicional de papéis, que esta implicaria, como era necessário que a mulher se preparasse, se educasse, para exercer o papel de mãe e educadora dentro de um mundo em transformação. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 37)

Era dito que se as mulheres ganhassem a independência e o direito de serem livres, usufruiriam de posições que antes só os homens podiam participar, como o direito de trabalhar, de tomar decisões, entre outros. A partir disso, o núcleo familiar estaria ameaçado, pois, com a nova maneira que os sujeitos estavam sendo formados, a mulher abalaria as relações familiares, já que a função de cuidar dos filhos e do lar sempre foi vista na sociedade como uma tarefa feminina.

Portanto, nesse processo de transformação que crescia, era intuito tomar medidas para frear as mudanças no comportamento das mulheres, afirmando que era fundamental que se educassem dentro dos padrões para cuidar da família.

Estas alterações sociais pelas quais passavam homens e mulheres assinalam que a determinação do que é “de homem” e o que é “de mulher” não é apontado por natureza, mas sim através da cultura em que estamos inseridos.

Nisso temos os grupos feministas que emergiram com grande força no século XX, com o objetivo de questionar “a naturalização das identidades assentadas no corpo sexuado e defenderem a modificação daquilo que parecia ser um destino inscrito na própria carne de homens e mulheres” (ALBUQUERQUE JÚNIOR 2013, p. 39). Porém, a temática dos sexos torna-se uma indagação a ser discutida, “como aspecto central e perigoso na definição das identidades” (p. 39). As determinações para cada sexo que pareciam estarem concretizadas na sociedade começavam a se deslocar, ficando os homens descontentes com o fato de as mulheres se distanciarem cada vez mais do entorno doméstico, uma verdadeira representação e também anúncio de um mundo patriarcal ameaçado.

Como acreditar em uma sociedade em que as mulheres passavam a praticar os mesmos esportes que os homens, passavam a fumar, a jogar, a beber, a reivindicar o direito de votar e ser votada? A desigualdade, que parecia ser, para estes homens ligados às elites agrárias em declínio, um dos fundamentos da ordem social, estaria vivamente ameaçada. Assim como a mulher na horizontal era um perigo para qualquer homem, a horizontalização

das relações sociais, inclusive as de sexo, ameaçava destruir a família e com ela a sociedade. Por isso lançam mão das ameaças médicas e de teorias ditas científicas que procuravam demonstrar os perigos que esta igualdade traria para as mulheres não apenas do ponto de vista moral, como do ponto de vista físico. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 43)

Tendo o despertar feminino como um avanço, os discursos giram no entorno de questionar essas mudanças como positivas ou negativas, as mulheres passavam a invadir os espaços que eram determinados para homens e passaram a praticar ações que antes lhes eram proibidas, na medida em que os homens percebiam seu “recuo” na sociedade.

Ora, as mulheres questionavam e exigiam o direito de participarem ativamente da escolha dos governantes do país, como também lutar pelo direito de constituírem-se agentes do próprio campo político, acionando seus direitos de serem pessoas públicas. Procuravam cada vez mais se ocuparem com atividades que antes não faziam parte de seu mundo, fazendo nascer uma sociedade na qual a horizontalização dos gêneros ameaçava as relações sociais e a constituição da família segundo o ideal patriarcal.

Assim, na sociedade do século XX, os homens procuravam executar o fim dessa ameaça de horizontalização, através da medicina e pesquisas nelas relacionadas, tentavam estagnar a busca pelo nivelamento entre os sexos.

O caráter feminino da carreira intelectual será ressaltado, ainda mais, à medida que este começo de século também vai assistir à entrada de várias mulheres na vida acadêmica e literária, lugar de ascensão e visibilidade social. Isto provoca um acirrado debate sobre a conveniência ou não de a mulher seguir a carreira das letras e até que ponto isto seria compatível com seu precípuo papel de mãe e esposa. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 60)

Notamos que o feminino ganha mais visibilidade a partir do século XX, com a modificação dos padrões educacionais e a frequente emancipação da mulher entrando nos espaços que antes por elas não eram habitados. A mulher passa a frequentar cursos de nível superior, as universidades, havendo também mulheres que passam a ocupar lugares dentro das artes e da literatura, ganhando prestígio e admiração. Esses espaços que elas vão ocupando e ganhando visibilidade abre-se como uma questão: se é correto para as mulheres seguirem carreiras do mundo da arte? Se isso afetaria o papel de ser mãe e esposa, já que este ainda era considerado um dos mais importantes papéis para as mulheres dentro da sociedade?

Segundo Pires (2003), as transformações pelas quais passam os sujeitos dentro da sociedade, são mudanças que ocorrem dentro de nossa cultura através de experiências cotidianas que são geradas pelo inconformismo surgido através das repreensões do dia a dia. As transformações sociais que vão ocorrendo vão estabelecer juízos de valores múltiplos às mudanças que vão advindos, que se propagam nos discursos sociais, os quais irão procurar aprovar ou reprovar essas mutações. Isso é o que permite que os sujeitos sociais façam um mapeamento que possibilite construir, através de análises dos fatos, as mudanças ocorridas em nossa cultura e em nossa história.

[...] os homens pareciam ansiosos e angustiados com a participação crescente das mulheres na vida pública, particularmente, no mundo das letras. A necessidade de reafirmar a superioridade do intelecto masculino sobre o feminino mostra que os homens já não estavam tão mais seguros disto. Parece que estamos diante de mais uma tendência ao nivelamento, homem e mulheres, pouco a pouco, caminhavam para se igualem no campo intelectual. Diante disto, lança-se mão do mesmo discurso médico e pretensamente científico, o mesmo que antes havia condenado a mulher de letras à infertilidade, agora procurava mostrar que, embora estas fossem capazes de correr com o cérebro, de ter muitas ideias, de ter imaginação, não conseguiam racionalizá-las, ordená-las, a mulher continuava representando o irracionalismo e a sensibilidade extremada. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 61)

Nesse aspecto de virada na posição social do feminino, os homens não estavam sabendo lidar com o nivelamento entre os sexos, eles não queriam aceitar que as mulheres tivessem ganhando a patente de cidadãs sociais e podendo participar da vida pública, ganhando reconhecimento de sua capacidade e inteligência. A verdade é que este se tornava o século das mulheres, e os homens tentaram de todas as maneiras possíveis reprimir as modificações correntes, mas as mulheres não se renderam e se transformaram, invadindo todas as instâncias sociais, ganhando o *status* de inteligentes e determinadas em suas lutas, competindo no campo intelectual junto com os homens.

Aparecem neste mesmo momento, ideologias médicas que tentam abafar esse lado intelectual da mulher, acusando que ela, ao se render ao campo intelectual, estaria comprometendo a sua feminilidade. Muitos se utilizavam de artifícios científicos, a fim de provar que as mulheres teriam um cérebro que se desenvolve diferente do masculino, comprovações essas que julgamos como sendo uma forma de não aceitação da libertação feminina.

As relações hierárquicas entre os sexos são estratégias de poder que, articuladas a partir do discurso, tentam encobrir as desigualdades, naturalizando-as. Produz-se um consenso e o que foi construído culturalmente é atribuído à natureza. Os paradigmas culturais de gênero, tanto quanto outros referenciais de diferenças – como a raça e a classe – estruturam toda a vida dos indivíduos, sejam mulheres ou homens, determinando seus discursos e suas condutas. (PIRES, 2003, p. 207)

Por conseguinte, as diferenças entre os sexos e posições ocupadas através do feminino e do masculino é um procedimento de poder, são vinculadas nos discursos e tentam que os sujeitos sociais aceitem as diferenças entre os sexos como sendo natural e não como algo que é construído através da cultura.

O modelo de uma alteração nas relações de poder entre homens e mulheres é incontestável. Neste começo de século, que era visto por estes homens das elites do Nordeste, como marcado pela tendência a tudo igualar e horizontalizar, a tomada do poder pelas mulheres parecia uma ameaça real. Esta seria uma das faces mais radicais e explícitas do processo de feminilização pelo qual passava a sociedade, desde o advento da República. Era a face mais problemática do declínio da vida rural e do modelo patriarcal, que esta havia sustentado. A vida urbana trazia como um dos seus maiores males esta vinda para a praça pública da mulher a gritar slogans em defesa de seus direitos de cidadã. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 95)

Desta maneira, as mulheres passam a escrever uma nova história através das mudanças incontestáveis ocorridas entre o feminino e o masculino, surgindo a ameaça da igualação entre homens e mulheres, uma vez que, no século XX, as mulheres conquistam novos espaços que ameaçavam a soberania masculina, a ponto de verem nesse processo de modificação uma reversão do poder do masculino para o feminino. Por isso, foi considerado que a sociedade sofria uma espécie de feminilização, a qual ameaçava a decadência da vida e o modelo de organização da família patriarcal. Nisso a vida urbana expandia-se e com ela as mulheres procuravam nos espaços públicos alcançar seus direitos como cidadãs.

Considerando as discussões aqui realizadas, percebemos que a evolução histórica tem demonstrado o percurso seguido pelas mulheres a fim de adquirirem a sua emancipação. Foram grandes lutas por elas enfrentadas, mantiveram-se durante muito tempo governada por seu pai e marido, recebendo uma educação que as ensinavam a tornarem-se mulheres do lar, mãe e esposa. Até que através de várias transformações históricas, tais como a abolição dos escravos, as guerras que se propagaram, e a crescente modernização que se instalava no

Brasil, as mulheres saíram às ruas reivindicando direitos que lhes eram negados a todo custo, fato que possibilitou que de mulheres do lar passassem a ser as mulheres que lutavam por sua liberdade, conquistando alguns direitos, tais como, o direito de trabalhar. Passaram também a frequentarem universidades e a engajaram-se no mundo da arte e da literatura, competindo com os homens em todas essas estâncias, conquistando essas que foram concebidas com muita luta, ficando, assim, evidente que as pessoas que emergiam na sociedade do século XX quebravam as tradições no modo de se conceberem mulheres e homens.

Tendo em vista que nossa pesquisa visa estudar os perfis femininos nas obras *O quinze*, *Angústia* e *Gabriela, cravo e canela*, depois da discussão aqui empreendida sobre a mulher do século XX, é importante que conheçamos o universo dos escritores e das respectivas obras das quais analisaremos as personagens Conceição, Marina e Gabriela, respectivamente. É por esta razão que o capítulo seguinte discute sobre o Modernismo de 30, focando nos autores e obras investigados aqui para que nos inteiremos dos contextos das personagens que serão analisadas no capítulo 3.

2 O ROMANCE DE TRINTA: UMA ANÁLISE DA GERAÇÃO DE AUTORES ENGAJADOS

O modernismo foi uma estética com um marco iniciado em 1922, através da Semana de Arte Moderna, que deu origem a primeira fase modernista, com o intuito de revolucionar os padrões da arte que existiam no Brasil, tendo em vista que “A Semana da Arte Moderna foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas.” (CANDIDO, 2006, p. 125). Esta primeira fase se caracteriza por um maior compromisso dos artistas em inovar a estética na arte e na literatura.

Apesar dos modernistas de 1922 terem resgatado nossas raízes culturais por meio do nacionalismo crítico, nesses artistas habitava mais uma preocupação com a estética na busca de algo original rompendo com o tradicional. Isso foi o que abriu espaço para que surgisse em 1930 uma geração de escritores mais maduros, originando a segunda fase modernista, que é caracterizada pela prosa de ficção, escrita por um grupo de autores que trazem temáticas sociais com as quais vêm mostrar a miséria que assolava o país.

Bueno (2015) traz a ideia de João Luiz Lafeté, o qual estabelece que o romance de 30 é um seguimento do movimento modernista, como sendo uma segunda fase do modernismo de 22. A hipótese postulada por ele para confirmar essa ideia é de que “todo movimento estético tem um projeto estético e outro ideológico” (BUENO, 2015, p. 44). É o que ocorre com o modernismo brasileiro em que o movimento surgido na primeira fase configura-se como um projeto estético.

Conforme o autor supracitado, o projeto ideológico foi a fase de 1930, que se configura como um quadro literário que tende a quebrar com alguns esquemas ufanistas, que privilegiavam a estética em temáticas nacionalistas. Nesta fase, a preocupação central do romance foi a preocupação com o projeto ideológico, pois os romancistas propunham o engajamento social e político da literatura, buscando trazer à tona a realidade social e econômica do Brasil. Nesse momento é visto que o interesse anterior de redefinição da linguagem não é mais concebido como uma preocupação, a marca fundamental que surge é a da construção de uma literatura regionalista, adquirindo como marca profunda a temática social.

Bueno (2015) entende que de uma geração para outra acontece uma mudança na forma de enxergar o Brasil em relação ao destino do país: os modernistas de 20 compreendiam o país com um entendimento vanguardista, o país manifestava-se como um

país “novo”, em que havia grande possibilidade deste ser construído, trazendo uma visão utópica de que o país encontrava-se em fase de desenvolvimento e modernização; já para os modernistas de 30, encontramos traços reais de um Brasil em que mostra-se que o país encontrava-se trágico e pouco promissor diante das mazelas que assolavam a nação. Surge com essa geração a consciência de que o país encontrava-se mesmo em estado de subdesenvolvimento e, logo, a literatura desta época entra como divulgadora da realidade do Brasil.

É desse modo que nasce o romance puro por excelência, uma vez que os autores da geração de 30 retratam regiões que sofreram poucas influências vindas do estrangeiro e que se encontram em meio de total descaso governamental ao enfrentarem a mazelas sociais. Nessa perspectiva, muda-se a visão que muitos tinham do Brasil, comenta Candido (1989, p. 140):

[...] até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de “país novo”, que ainda não pudera realizar-se, mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de “país subdesenvolvido”. Conforme a primeira perspectiva, salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra.

Antes de 1930, os modernistas tinham em mente que o país era “novo”, cheio de riquezas e belezas naturais que serviriam para fazer o Brasil avançar. Na nova década, eles se direcionavam a população pouco consciente dos problemas a serem resolvidos. Então, esse romance de 30 foi revelador para que as pessoas tomassem consciência dos problemas existentes no Brasil, tendo nesse romance um verdadeiro documento dos estereótipos de pessoas e das adversidades existentes no país.

Por esses motivos, com essa segunda fase da literatura modernista, é possível pensar numa arte romanesca genuinamente brasileira, em que os autores aparecem mais maduros, porque não mais predomina neles a preocupação em romper com a tradição de regras fixas anteriormente proclamadas por estéticas literárias. Nesta fase, os autores constroem um material riquíssimo que permite levar ao povo brasileiro ao conhecimento das regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos e industriais, como Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente.

Essa literatura de 30 trouxe romances de fundamental importância para as pessoas que desconheciam o Brasil, pois o território é muito amplo e o povo não conhecia a realidade

que se passava em específico nas regiões, por isso esses livros constituíram um acervo respeitável de conhecimentos de realidades locais, como é o caso do Nordeste como cenário central em diversas obras.

É o caso do “romance do Nordeste”, considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura. (CANDIDO, 1989, p. 187)

Os romancistas dessa segunda geração preferiram trazer à tona uma visão crítica das relações sociais, essa característica torna esse romance como o romance verdadeiramente brasileiro, ficando essa fase conhecida como o romance do Nordeste, por ter sido este o cenário de maior destaque nas obras da época. É nessa década que o modernismo atinge seu ápice, e, de “literatura regional” passa a ser adotada como uma “literatura nacional”. Através dessa literatura foi que as pessoas foram tomar conhecimento do Brasil e do que verdadeiramente acontecia de bom e ruim nele. Nessas obras surge a análise do homem em relação ao meio onde vive, nelas vêm explícitas as injustiças sociais, o mau trato para com o homem devido a fenômenos naturais, sociais e políticos.

Essa literatura traz em seu eixo a preocupação pelos povos do Brasil, pretendendo levar a nação às adversidades presentes em cada região, ambicionando a aproximação com o pobre e com o desvairado, passando a ideia de romance puro por excelência por mostrar o país verdadeiramente como ele é.

A ficção regionalista teve um papel importante e diferente de toda a literatura existente até então, pois exerceu também a função de redescoberta do Brasil, trazendo a ideia de unificação de um Brasil disperso. No que se refere à estética, a total liberdade atingiu uma preocupação maior com aspectos sociais e menor com a linguagem. (ALMEIDA, 1999, p. 204).

O surgimento do romance regionalista está condicionado a um acontecimento que pode ser identificado como o encontro do autor com o local que está sendo retratado. Este escritor, para poder trazer a tona a sua criação toma contato com o meio, testemunhando-o, vivenciando-o, contemplando-o para poder exprimir sua criação. Esse romance torna pública a realidade de um determinado povo e as características de uma determinada região, expondo-a fielmente, vinculando as suas memórias colhidas através do contato com o ambiente, ao que

existe de mais fundamental na estrutura da sociedade que se quer abordar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Albuquerque Júnior (2011) analisa que os personagens do romance de 30 são formados por tipos simbólicos, com perfis fixos dos tipos humanos existentes, diante dos conflitos que os entrelaçam devido ao fracasso e à insatisfação, tanto do meio externo quanto do interno, dos problemas advindos pelos sofrimentos encontrados no meio onde vivem, assim como das angústias psicológicas e sociais que enfrentam no decorrer da trama. São personagens que não negam a si mesmo, têm como certo a continuidade de “um modo de ser”, de “um modo de pensar”, de “um modo de agir” dentro do padrão regional do espaço onde está sendo representado.

Os romances dessa fase trazem temas regionais inspirados nos acontecimentos do Nordeste da época, o que dava origem a temas como a decadência da sociedade açucareira, o beato em contraponto com o cangaço, o coronelismo. Esses temas foram os reveladores da essência regional, porém esses romancistas constroem através desses temas tradicionais e folclóricos uma tática política para denunciar as condições regionais nas quais se encontravam grande parte da população. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Portanto, o romance de 30 teve um papel fundamental na literatura, pois consolidou a literatura brasileira através de uma prosa moderna, deixando para trás todos os arcaísmos que existiam nela. São romances narrados com uma linguagem simples e direta, com a qual se denuncia as injustiças e adversidades que se instalam na sociedade, através de personagens oprimidos que passam a ocupar a narrativa que antes era, em sua maioria, ocupada com personagens burgueses. Desta forma, a literatura composta pela geração de 1930 foi muito importante para que o povo brasileiro conhecesse e questionasse a realidade, principalmente a da região Nordeste, a qual condena o povo à fome, miséria e seca.

2.1 O mundo ficcional e estilístico de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz foi uma escritora renomada que, desde seus primeiros escritos realizados sob o pseudônimo de Rita de Queluz, chamou a atenção de inúmeros críticos e admiradores de sua produção. Foi com a publicação de *O quinze*, em 1930, que Rachel fez-se conhecida no mundo da literatura, o livro chamou a atenção de diversos críticos modernistas e foi com este que se tornou membro do movimento, protagonizando nesta época como uma literata engajada. Rachel nesse contexto foi tradutora, dramaturga e cronista, sendo, dessa maneira, grande colaboradora da literatura brasileira com um vasto acervo.

No ano de 1915, Rachel presencia em sua vida uma das maiores adversidades ocasionadas por um fenômeno natural, a seca. Acontecimento que deixa grandes sequelas, agravantes tanto na terra quanto no povo, o devastador fenômeno natural que assolou o Nordeste, a seca de 1915, considerada uma das mais terríveis já enfrentadas pelo povo sertanejo. Caminha (2010) afirma que: “a família, que há dois anos voltara a morar em Fortaleza, testemunha uma das maiores e mais devastadoras secas já havidas no Ceará [...] experiência que marcaria fundo o espírito e a memória da futura romancista” (p. 7). Anos mais tarde, é essa seca que inspira Rachel de Queiroz a escrever o romance que a deixará conhecida, *O quinze*, obra esta que causou grande alvoroço entre os intelectuais (CAMINHA, 2010, p. 11).

Esta obra será explanada com detalhes no final deste tópico por ser parte do nosso *corpus*. Deste modo, a partir de agora, será feito um breve passeio cronológico pelas obras da autora e depois um retorno detalhado de sua primeira obra para a compreensão do contexto da personagem que será analisada no próximo capítulo.

Em 1932, a autora publica seu segundo romance, *João Miguel*, nessa narrativa Rachel expõe, com profundidade psicológica e social, a vida de um preso de uma pequena cidade do interior. É o trabalhador João Miguel que, bêbado, põe fim a vida de um pobre coitado assim como ele. Com isso, vai para a prisão, onde consegue entender a tragédia que lhe desgraçou a vida. Nesse romance a autora analisa o subconsciente humano, o impulso assassino que domina por instantes o sentimento do homem passivo.

O protagonista não consegue compreender o que o leva a praticar o delito e é enfático ao afirmar que matou o homem, mas nada mudara em sua cabeça, continua sentindo-se a mesma pessoa, mesmo depois de ter ganhado o status de criminoso, permanece inalterado no homem considerado, agora, mal, os mesmos princípios. Há, nesse sentido, uma mistura de fatalismo com o efeito da bebida, o criminoso demonstra-se sem entender o que aconteceu e sem uma consciência moral do ato praticado, por isso, afirma sentir-se o mesmo homem, não formando um sentimento de culpa. Nessa obra apresenta-se um homem que toma consciência do valor da liberdade e da reconquista dela após sua absolvição e fortalecimento no sofrimento.

Em 1939 foi publicada a obra *As três Marias*, uma composição em que a autora encontra-se com seu estilo bem maduro, o qual a faz conquistar o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. Nesse romance a escritora aborda sobre o papel da mulher na sociedade. Muitos consideram que se trata de uma obra autobiográfica sobre o tempo de colégio de Rachel, no Internato Imaculada da Conceição. Com essa obra a romancista entra definitivamente para o

mercado de trabalho como escritora e consolida seu nome nas letras nacionais, afirma Caminha (2010).

O livro é narrado em primeira pessoa pela personagem Maria Augusta que, ao chegar ao internado, conhece Maria José e Maria da Glória, as amigas que ficam conhecidas como as três Marias e compartilham juntas todos os sentimentos e segredos. Na obra, apresenta-se a condição feminina das personagens desde a chegada ao internato até a vida adulta, traçando-se o perfil de cada personagem em adaptação à vida social e afetiva após o fim da vida no colégio.

Escrevendo para o teatro, em 1958, publica a peça *A Beata Maria do Egito*, escrita em três atos e quatro quadros. Nesta obra a romancista tem como pano de fundo as proximidades de Juazeiro do Norte, cidade em que transcorre a ação, na qual a beata recruta populares, formando um grupo de fanáticos religiosos para unirem-se à rebelião liderada por Padre Cícero, o qual trava uma grande luta política conhecida como a Sedição de Juazeiro, em 1914. No drama, a Beata Maria do Egito se oferece para morrer no lugar do religioso, mas quando é presa a caminho de Juazeiro, vê-se obrigada a entregar-se ao tenente, em troca de sua liberdade, mostrando que não se assume santa como creem os fiéis, mas que segue os ideais dos santos religiosos (CAMINHA, 2010).

Um dos maiores romances da literatura brasileira é o *Memorial de Maria Moura*, publicado em 1992, com a qual a carreira da autora conclui-se de maneira exemplar e, como Caminha (2010, p. 34) afirma, “Tudo está ali como se *Os Sertões* de Euclides da Cunha se tornassem matéria romanesca: a força da terra, o sofrimento do homem, a brutalidade da luta”. Neste romance, a prosa traça a luta de Maria Moura diante a terra, mostrando todo o envolvimento dela com a terra e a brutalidade que adquire através da luta por ela.

Para a composição de Maria Moura, a romancista buscou inspirações externas em exemplos de mulheres com características de liderança, como na Rainha Elizabeth I e em inspiração local de velhas matriarcas, de personagens literárias cearenses e cangaceiros. Neste livro há o encontro de toda a obra de Rachel de Queiroz, em que todos os perfis femininos de mulheres fortes criados pela romancista se unificam em Maria Moura, que é um tipo de Lampião feminino que luta pela posse da terra, trai e tem ambição de poder.

Voltando para *O quinze*, o já citado romance de estreia da escritora, que retrata a grande seca ocorrida em 1915, apresenta-se nele como os cearenses resistiram a seca que assolava o sertão Nordestino. A obra é dividida em dois planos principais em que se mostram 1) a relação entre Conceição e Vicente e 2) a saga da família de Chico Bento.

Nessa obra, Rachel apresenta os aspectos sociais da vida do sertanejo em consenso com o psicológico de cada personagem em relação ao drama da terra, posição social que ocupa, as injustiças e o descaso com que os governantes cuidam das pessoas diante da catástrofe. O sertanejo pobre via como única solução em sua condição de luta contra as adversidades da terra devastada pela seca a emigração para o Norte; tem também os que ficam na terra a fim de lutarem por ela e não a desprezar, vendo tudo que é vivo nela padecer.

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam espalhava pelo chão.

Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. (QUEIROZ, 2004, p. 15)

No trecho acima podemos entender que o personagem Vicente manifesta-se como amante da terra que habita e, mesmo tendo consciência da grande seca que se impregna no sertão, decide lutar pela terra. Então Vicente resolve ficar e lutar contra a catástrofe e, para isso, conta com seu capital financeiro que lhes permitirá comprar os suprimentos para amenizar as sequelas da seca em sua propriedade já em sinais de destruição.

Tudo isso está condicionado pelo fator econômico, ou seja, a classe social que o indivíduo pertence e as condições que lhes são impostas pelo meio, através dos recursos que se dispõem a cada um. Enquanto o sertanejo Vicente encontra meios para continuar na terra, nos deparamos com Chico Bento, que diante da ameaça da grande seca que já se faz presente, recebe de Dona Maroca, sua patroa, uma carta de ordem de despejo do gado “se não chover até o dia de São José”. Ele é dispensado da fazenda e novo desempregado. O sentimento que se põe diante de Chico Bento é de desespero, condicionado pela falta de trabalho e sustento, que o leva a migrar para o Norte do país.

AGORA, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.
Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.

Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...

Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida.

Ela ouvia chorando enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. (QUEIROZ, 2004, p. 31)

Nesse trecho percebemos que a seca define a posição de vida de Chico Bento e família, a condição de retirante, e devido o personagem se ver na terra sem condições de sobreviver nela, só lhe resta sair rumo à sobrevivência. Compreendemos que a ideia de partir não é bem aceita por Cordulina, esposa de Chico Bento, triste em meio a ideia de seu esposo, mas ele tenta animá-la, ambicionando enriquecer no Norte, pois com a seca já não há mais trabalho para ele na região sertaneja. Chico Bento vai atrás das passagens que o governo estava cedendo na época para que os retirantes deixassem o Ceará e fossem em busca de oportunidades:

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. [...]

– Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

– Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte!

O homem sacudiu os ombros:

– Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens não pode ser... [...]

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

– Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer! (QUEIROZ, 2004, p. 34-35)

Fica evidente o descaso com que Chico Bento foi recebido pelo sujeito que entregava as passagens aos retirantes, e sua tentativa de ir para o Norte neste momento torna-se mais difícil ainda, diante da frustrante tentativa de conseguir uma passagem para ir até Fortaleza. Aparece, com isso, o descaso que se apresenta no entorno dos programas sociais, que foram destinados para suavizar algumas consequências da seca, sendo esses recursos desviados para benefício próprio de alguns. E assim Chico Bento não vê outra solução a não ser seguir a pé com sua família para a capital.

Já as pessoas de melhores condições de vida que tiveram de abandonar a terra para não sofrer com os danos da seca, tiveram uma saída, para Fortaleza, digna, com passagens custeadas de acordo com suas condições financeiras. É o caso de Dona Inácia, avó de Conceição, que é convencida por ela a deixar o Logradouro e ir para Fortaleza onde permaneceriam até o fim da seca:

Conceição mal acreditava ter conseguido convencer a avó da necessidade daquela viagem.

Dona Inácia se apegara a tudo que a pudesse reter no sertão, rabujou, zangou-se, gritou que faria como quisesse, que não iria, não iria, não iria! [...]

E afinal quinze dias depois Conceição conseguia arrastar Mãe Nácia, que desolada e chorando, era como uma velha estátua a quem roubam um pedestal, e carregavam atabalhoadamente, na confusão de uma mudança feita às pressas. [...]

A fumaça do trem escurecia o céu transparente, num arremedo e nuvens. De um e outro lado, a mata parecia esgalhamentos de carvão sobre um leito de cinzas. (QUEIROZ, 2004, p. 38-39)

De fato, o sofrimento das pessoas que possuíam mais recursos mostra-se inferior ao daqueles que se dispunham de pouco ou quase nada, como ocorreu com Chico Bento, que ficara sem perspectiva alguma de conviver naquela terra, nas condições em que ela encontrava-se.

Já Dona Inácia resistiu o quanto pode para não sair de sua terra, tendo de ser convencida por Conceição através de seus muitos argumentos, os quais renunciaram a sua avó que enfrentaria dificuldades sozinha na fazenda, e afirmou ainda que a decadência da seca poderia desencadear algumas rebeliões quando o desespero aumentasse. Dona Inácia cedeu e viajou, mas não a pé como Chico Bento e família, aquela tem condição de comprar sua própria passagem e seguir viagem no trem.

Chico Bento e família, perante a árdua penitência, deparam-se com grandes mazelas, como o encontro com um grupo de retirantes preparando uma vaca, que encontraram morta, para saciar a fome:

Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

– De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

– De mal-dos-chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus.

Chico Bento cuspiu longe, enojado:

– E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...

O outro explicou calmamente:

– Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...

Chico Bento Alargou os braços, num gesto de fraternidade:

– Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão! (QUEIROZ, 2004, p. 44)

Chico Bento se compadece diante da cena mostrando-se uma pessoa muito humana ao oferecer sua pouca comida ao próximo, num momento em que vê o homem na condição de

animal, pois os retirantes encontram-se num ponto em que viram-se obrigados a disputar a carniça com os urubus. Assim, o personagem, indignado com tanta miséria, salva os “colegas” de passarem por essa humilhação, transparecendo princípios de cordialidade e subserviência do homem sertanejo, que mesmo podendo encontrar-se com a fome em outro momento, não titubeia em dividir sua comida com o grupo de retirantes.

A convivência dos retirantes com a seca não foi nada fácil e dias difíceis se aproximaram da família do Chico Bento, que se via sem ter o que comer:

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.
 – Mãezinha, cadê a janta?
 – Cala a boca, menino! Já vem!
 – Vem lá o quê!...
 Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...(QUEIROZ, 2004, p.51-52)

Na “primeira fome”, a família entra em estado de desespero, os filhos rogam por comida e Cordulina tenta apaziguar o ânimo das crianças. Com isso, Chico Bento, sem nenhum dinheiro para comprar comida, também se desespera e decide vender sua única rede de dormir, mas tudo que consegue é uma rapadura e um litro de farinha, ou seja, saciaria a fome por pouco tempo.

Porém, o maior drama enfrentado por Chico Bento foi o momento em que seu filho morre durante a viagem:

DEITADO numa cama de trapos, arquejando penosamente, estava um dos meninos de Chico Bento, o Josias.
 O ventre lhe inchava como um balão. O rosto intumescera, os lábios arroxeados e entreabertos deixavam passar um sopro cansado e angustioso.
 A mãe ia e vinha, arranjava-lhe um pano debaixo da cabeça, mexia no fogo feito a um canto, lastimava-se, praguejava, atordoava-se.
 Estavam arranchados numa velha casa de farinha, toda atravancada pelos aviamentos desmantelados. (QUEIROZ, 2004, p. 57)

A seca devastava a vida dos retirantes que seguiam sua penitência e perderam um filho para a seca. Isso aconteceu quando a família analisava a terra e tudo que nela se notava a fim de adquirir algum alimento que enganasse a fome, a qual já fazia parte da vida dos personagens durante a viagem. Nessa caminhada, Josias encontrou um roçado desprezado e examina-o em busca de algum alimento, é desse jeito que encontra uma mandioca, come-a, mas envenena-se e morre. Eis a maior desilusão da viagem.

Desilusão, desesperança e fome levam a família ao furto:

– Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que matei! Já caíram com a fome!...

– Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra.

Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

– Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até de mais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento. (QUEIROZ, 2004, p.72)

Apesar de ser um sertanejo cheio de valores, a necessidade de comida já havia ultrapassado os limites, a família do personagem estava chegando ao ponto máximo da situação da fome e vez ou outra eles se viam sem ter o que comer. Quando Chico Bento vê um animal alheio mata-o pensando em suprir a necessidade dos seus por algum tempo, mas é humilhado pelo dono do animal, um senhor indignado com o “roubo” do retirante.

Logo, as pessoas que tinham como sobreviver diante a seca, em seu lugar de origem, muitas vezes não se compadeciam diante de situações como essa, pois este que vê o retirante em situação extrema, humilhando-se por um pedaço da presa que havia matado para saciar a fome da família pelo menos com uma refeição, não sente piedade, mas acusa o furto. Chico Bento, mesmo quando toma ímpetos de lutar contra aquela opressão, seu espírito e instinto de homem bom o fazem esmorecer.

Enquanto os retirantes passavam por tanto sofrimento, tendo que seguir uma grande travessia a pé para chegar a Fortaleza, Dona Inácia e Conceição mantinham-se bem estruturadas sem passar necessidade alguma: “Dona Inácia como já se habituara, fazia o seu crochê na sala de visitas. Os desenhos caprichosos da varanda de rede. Conceição estava na escola”. (QUEIROZ, 2004, p. 76-77). A rotina de Dona Inácia não mudou muito, pois ela em Fortaleza tinha uma vida tranquila e aconchegante, apenas o que a incomodava era a saudade de sua terra, o Logradouro. Conceição, por sua vez, continuava sua rotina normal de professora, no entanto não deixavam de se compadecer com os efeitos da seca sobre os sertanejos.

Na obra também nos deparamos com o sertanejo amante da terra que não quer abandoná-la, é o que acontece com Vicente que, durante a catástrofe, olha para a terra com esperanças de mudança:

O que desolava Vicente, o que enchia seu coração enérgico de um infinito desânimo, era a tristeza da inutilidade do seu esforço.

Em vão, mal amanhecia, iniciava a labuta sem tréguas, cavando aqui uma cacimba, consumindo partidas de caroço de algodão, levantando, com suas próprias mãos, que o labor corajoso endurecera, as reses caídas de fraqueza e de sede.

Parecia, entretanto, que o sol trazia dissolvido na sua luz algum veneno misterioso que vencia os cuidados mais pacientes, ressequia a frescura das irrigações, esterilizava o poder nutritivo do caroço, com tanto custo obtido. (QUEIROZ, 2004, p.124)

Vicente apresenta-se com sentimentos de inconformismo diante da seca e reflete sobre todo o esforço que faz, acreditando na amenização dos efeitos da seca até perceber que muito do seu esforço está sendo em vão, pois, mesmo com os recursos utilizados para cuidar da terra, é engolido pela grande seca que lhe dá bastante prejuízo. Contudo, ele não se deixa vencer, como todo bom sertanejo, assim, faz o que pode para continuar vendo sua fazenda funcionando.

O Quinze traça um panorama dos dramas vivenciados pelos povos que habitavam o Ceará, para isso a narrativa aponta as consequências causadas pela seca como a fome, a sede, as injustiças sociais, através de personagens que travam uma verdadeira luta pela sobrevivência, retratando como a seca se manifestou diante das diferentes classes sociais.

2.2 Graciliano Ramos e seu universo estilístico situado em personagens problemáticos

Romancista, contista, cronista e memorialista, Graciliano Ramos é um escritor nordestino, regionalista da década de 30. Apontando com intensidade “os relacionamentos entre os valores que integram o conjunto da cultura regional, nas palavras do *manifesto regionalista*, Graciliano o faz por uma inversão da visibilidade e dizibilidade inventadas por ele para a região”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 256). O autor apresenta-se numa escrita neorrealista, com a qual seu único objetivo dentro do movimento regionalista foi fundar o compromisso de retratar somente a verdade existente no Nordeste.

Em seu grande acervo de obras, ele soube representar com delicadeza a dura realidade do homem nordestino sem abandonar a verdadeira essência do homem do sertão.

Seus personagens são ancorados no homem real de “carne e osso”, através do qual aponta as dificuldades psicológicas e sociais do homem Nordestino. Investigando os dramas vivenciados de acordo com o destino traçado em seus personagens, ao produzir em seus romances a luta que se estabelece entre opressores e oprimidos, escreve dentro de temas relacionados aos dramas sociais do Nordeste, como a seca, as desigualdades sociais e o coronelismo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Bosi (1994) aponta que o escritor apresenta explicitamente a relação que conduz o grande ponto de tensão, presente no eu do escritor em relação com a sociedade que o gerou, contudo traduz-se nesses romances a opressão vivenciada de um povo que se mantinha silenciado. Por esta razão, Graciliano traz em cada personagem que compõe um pouco da “face angulosa da opressão e da dor” (BOSI, 1994, p. 401-402), cultivando os valores culturais da região em que vivia, por ter propriedade em abordar em suas obras sobre temas que tinha total conhecimento, porquanto os vivenciava de perto.

Desta maneira, sua escrita vem marcada por um realismo crítico que constrói personagens os quais compartilham de problemas coletivos de um povo, daí os protagonistas em suas obras apresentarem-se de modo que o “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível”. (BOSI, 1994, p. 402).

Nesse sentido, devido haver um grande desnível de classe em relação aos indivíduos que habitam a sociedade, o personagem principal das obras graciliânicas não aceita a forma como o mundo se constitui, já que ele é desprovido de força para mudar a sociedade que se mostra injusta. Na maioria desses romances, este herói acaba por não aceitar a forma como o mundo está organizado, adotando uma aura de inconformismo, passa a não aceitar nem a si mesmo, pois se vê como ser deslocado no mundo.

Caetés, primeiro romance de Graciliano Ramos, publicado em 1933, é narrado em primeira pessoa pelo protagonista do romance, João Valério, e este, por meio da ironia e narração do cotidiano, confecciona duas narrativas que se entrelaçam. No primeiro plano narra-se a história de vida de João Valério, homem reservado e sonhador que se vê caído de amores por Luísa, esposa de seu patrão, Adrião. João Valério se envolve com Luísa e, com o passar do tempo, Adrião toma conhecimento do romance e suicida-se. No segundo plano narra a sua trajetória de produção de um romance histórico sobre o calvário enfrentado pelo bispo Pero Fernandes, que foi devorado pelos índios caetés.

Vidas Secas, publicado em 1938, é narrado em terceira pessoa. A história relata a fuga de Fabiano e sua família em meio a uma grande seca e sem condições de lutar contra ela em seu lugar de origem, até que retiram-se em busca da sobrevivência, passando por uma série de sofrimentos. Os filhos de Fabiano e sinha Vitória, esposa do protagonista, que apesar de ser analfabeta é mais esperta de que o esposo, na obra são apresentados sem nome, denominados como “o menino mais novo” e “o menino mais velho”, o que confere a obra um processo de animalização para com o ser humano, principalmente se considerarmos que a cachorra do grupo tinha o nome de Baleia, nome o qual humanizava o animal, causando na obra de Graciliano um efeito de zoomorfização e antropomorfização.

O romance estrutura-se em treze capítulos, começando com a seca já no capítulo intitulado como “Mudança” e encerra a trama através de prenúncios de uma nova seca, o que dá ao romance uma característica de narrativa cíclica, em que cada capítulo centra-se mais particularmente na história de um personagem por vez.

Passaremos ao romance *Angústia*, essa foi a terceira obra do autor, publicada em 1936, com um dos protagonistas mais problemáticos do autor. A obra contém uma estrutura autobiográfica e o foco narrativo é tecido por Luís da Silva, homem aflito que narra, a partir de fatos do presente, suas lembranças embaraçadas entre a infância, seu isolamento e seu complexo inferior.

Como *Angústia* constitui também o *corpus* desta pesquisa, é sobre esta obra que serão tecidas importantes considerações neste tópico, a fim de se compreender o contexto da obra em que está Marina, personagem analisada no terceiro capítulo desta monografia.

É através de Luís da Silva que conhecemos a descrição e compreensão dos demais personagens que povoam esta narrativa, já que a obra é narrada em tom confessional e memorialista, assim, todos os personagens serão compreendidos dentro do pensamento dele. O protagonista, em meio ao tormento que virou sua vida, busca respostas para os atos que praticou e que não deixam de afligi-lo.

No romance temos um efeito de circularidade que reinicia todas as aflições, técnica que intercepta o presente e o passado, trazendo a ideia de narrativa que não termina. Quanto a isso, Moisés (2012, p. 530) afirma que o: “Fragmento do monólogo que fecha o romance, com ele o protagonista e nós retornamos ao ponto de partida da narrativa [...] assim estabelecendo um círculo vicioso ininterrupto, que exprime a angústia em Luís da Silva até o fim dos dias”.

O protagonista, em um monólogo interior, traz à tona o calvário que fecha e abre a trama novamente. “Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me

reestabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios” (RAMOS, 1982, p. 7). Este fragmento denuncia, já de início, o drama que Luís da Silva vivencia, devido ter cometido um crime de assassinato, o qual só será confirmado no final da narrativa, por isso o protagonista apresenta-se como um homem angustiado e atormentado, passando a construir em sua mente todos os traços que compuseram sua vida. É partindo daí que ele passa a autoanálise de sua condição humana em meio ao caos e tormento que se tornou sua vida:

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida. (RAMOS, 1982, p. 7)

Observamos que o narrador demonstra ter retornado a sua vida normal, pois está fazendo seu trabalho lucidamente, mas este é interrompido por sombras do passado que se alojam em sua mente e fazem o seu mundo “normal” desandar. Luís da Silva menciona Julião Tavares como que uma alucinação a qual desfoca o protagonista, pois nessa aparência “balofa” está personificado todo o tormento de Luís da Silva, provocado pelo segundo personagem.

O personagem em seus momentos de movimentação de um lugar para outro, trava em si mesmo, em meio a seus monólogos interiores, análises que induzem a algumas digressões ao passado, permitindo que se conheça sua vida desde a infância.

Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. Os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o *Carlos Mágnio*, sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava. (RAMOS, 1982, p. 11, grifo do autor)

O protagonista identifica, através de sua memória, dados do seu passado, informando a linhagem de seu avô mantida no auge em sua fazenda, mas quando Luís conheceu seu avô Trajano, a fazenda estava em decadência. Vemos no pai, Camilo, indícios de um homem avesso aos negócios, como podemos perceber no modo como esse é descrito como

descompromissado com os cuidados da fazenda, pois passava horas fazendo coisas pessoais de seu gosto.

Luís da Silva, quando faz essas digressões ao passado, relembra o modo como era tratado por seus familiares, por exemplo, como seu pai o ensinou a nadar, afirmando que ele jogava-o, pelo braço, num lugar fundo do rio e depois pegava-o e esperava que ele tomasse o fôlego para repetir o mesmo movimento sucessivas vezes. Lembranças como essas causavam aflição, mesmo em se tratando de um passado já meio remoto.

Ele relaciona esse pensamento do passado numa tentativa de apagar Marina, que aparece no romance como causadora de suas angústias, por isso sente vontade de fazer o mesmo com ela, “Se eu pudesse fazer o mesmo com Marina, afogá-la devagar, trazendo-a para a superfície quando ela estivesse perdendo o fôlego, prolongar o suplício um dia inteiro....” (RAMOS, 1985, p.15).

O modo como Luís era tratado ainda em sua infância denuncia um pouco de como as pessoas ao seu redor não lhe davam muita atenção, isso pode ser comprovado com a morte de seu pai que, ao morrer, enquanto Luís estava na escola, ninguém preocupa-se em dar a notícia ao menino, “Quando voltei da escola, ele estava estirado num marquesão, coberto com a cabeça. Só ficavam expostos os pés, que iam além de uma das pontas do marquesão, pequeno para o defunto enorme” (RAMOS, 1982, p.17).

No modo como o protagonista se lembra da morte do pai não há nada de comovente, o fato de ele ter chegado em casa e encontrado seu pai morto não foi encarado com sentimentalismo, já que este repara mais nos aspectos físicos de sua matéria e na aflição que aqueles pés fora do lugar provocara em sua mente.

O menino, sem pai, pensava no que seria sua vida sozinho no mundo, mostrava-se inquieto em seus sentimentos interiores; “Tentei chorar mais não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar” (RAMOS, 1982, p.17). Consciente da solidão como companheira para enfrentar a vida, sua sensibilidade de criança foi engolida pelo medo, pois o menino já não se via realizado e envolvido pela família que tinha, assim, concretizou na morte do pai as expectativas escuras do futuro.

O momento do choro veio por meio de uma xícara de chá oferecida por Rosenda, mas não necessariamente por causa da morte do pai. Seus motivos são bem diferentes e evidenciam outros problemas.

– Muito obrigada, Rosenda.
E comecei a soluçar como um desgraçado.

Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.

– Obrigada Rosenda.

Iam levar o cadáver de Camilo Pereira da Silva. Corri para a sala, chorando. Na verdade chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui enganar-me e evitei remorsos. (RAMOS, 1982, p.19)

É nítido que Luís não recebia muito afeto e atenção das pessoas que se mantinham em sua volta, como demonstra o protagonista ao receber a xícara de café, alegando ter recebido até aí muito destrato ao enfatizar que poucas foram as pessoas que já o ajudaram. Então, esse ato de Rosenda em se preocupar e cuidar de Luís na situação em que ele encontrava-se demonstra um grande gesto de cuidado com ele, fato que o faz chorar durante o velório do próprio pai.

Esse choro serviu como uma máscara para o protagonista, pois as pessoas que estavam em sua volta pensavam que Luís chorava a morte de seu pai, quando este estava comovido por ter recebido uma xícara de café, sentindo-se importante para alguém pelo menos uma vez na vida, o que o faz chorar de felicidade.

Após a morte de Camilo Pereira da Silva, Luís da Silva, de vida na zona rural, segue para o meio urbano a fim de enquadrar-se na cidade onde sobrevive com uma rotina bem estabelecida:

Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas. Apronto-me, calço as meias pelo avesso e saio correndo. Paro sobressaltado, tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um Luís da Silva qualquer. Mexo-me, atravesso a rua a grandes pernadas. (RAMOS, 1982, p. 23)

O protagonista, ao instalar-se no centro de Maceió, teve de se acomodar à correria diária dos grandes centros, mantendo uma rotina fixa de repetições canônicas. Tinha uma vida dessas aperreadas, com a qual denuncia, através desses passos que segue todos os dias, o cansaço que se faz presente devido a vida e o trabalho degradante enfrentado dia após dia.

Na cidade, mantinha-se como quem anda anestesiado, pois está tão cheio de coisas para fazer a ponto de não sentir o meio onde vive. Isso aparece no protagonista como

momentos de seus pensamentos que aparecem como monólogos interiores e que o fazem sair de órbita para retornar ao passado. Todavia, quando retorna a si tenta parecer igual a todos que o rodeiam, indiciando seu complexo de inferioridade, porquanto pouco a pouco se sentia diferente dos outros.

Nesse ambiente urbano e na condição de funcionário público, Luís da Silva sentia-se reduzido diante das pessoas de prestígio e classe social superior a sua, é o que se percebe quanto ao seu comportamento no café que frequentava:

Há o grupo dos médicos, o dos advogados, o dos comerciantes, o dos funcionários públicos, o dos literatos. Certos indivíduos pertencem a mais de um grupo, outros circulam, procurando familiaridades proveitosas. Naquele espaço de dez metros formam-se várias sociedades com caracteres perfeitamente definidos, muito distanciadas. A mesa a que me sento fica ao pé da vitrina dos cigarros. É um lugar incômodo: as pessoas que entram e as que saem empurram-me as pernas. Contudo não poderia sentar-me dois passos adiante, porque às seis horas da tarde estão lá os desembargadores. É agradável observar aquela gente. Com uma despesa de tostões, passo ali uma hora, encolhido junto à porta, distraíndo-me. (RAMOS, 1982, p.24-25)

É visível o inconformismo social do protagonista, que se via num estado de total degradação, servindo como um reles funcionário público e, por isso, ele mesmo montava uma hierarquia social a ponto de negar-se como homem livre na sociedade. Descreve-se então como um ser sem importância na sociedade e que deve passar despercebido perante as pessoas, pois acha que sua presença irá incomodar aos indivíduos de status, dinheiro e melhor posição social.

Na condição de funcionário, público tinha uma rotina árdua na repartição em que trabalhava:

[...] vinha a banca de revisão: seis horas de trabalho por noite, os olhos queimando junto a um foco de cem velas, cinco mil-réis de salário, multas, suspensões.

E coisas piores, que me envergonham e não conto a Moisés. Empregos vasueiros, a bainha das calças roída, o estômago roído, noites passadas num banco, importunado pelo guarda. Farejava o provinciano de longe, conhecia o nordestino pela roupa, pela cor desbotada, pela pronúncia. E assaltava-o:

– Um filho do Nordeste, perseguido pela adversidade, apela para a generosidade de v. ex^a.

Valoriza a esmola:

– Trago um romance entre meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer aos meus conterrâneos. Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras. (RAMOS, 1982, p. 28)

Sua relação com o trabalho não é das melhores, é insatisfeito com o ofício de ter de escrever para a imprensa sobre o que mandam, às vezes tendo de distorcer a verdade dos fatos para beneficiar os grandes chefes, mas o faz, pois é obrigado em função de ter de sobreviver do mísero salário.

Tal ofício o deixava angustiado, uma vez que era forçado a escrever sobre assuntos que não lhes interessavam, pois a sua escrita beneficiava os políticos, quando na verdade a situação era contrária ao que pediam que escrevesse.

Luís da Silva tinha gosto em escrever, isto é percebido quando ele cita alguns livros de versos e contos que compôs. Mas, como sua escrita era desviada e corrompida pelas pessoas que determinavam o que deveria escrever, ele considerava que corrompia a sua própria escrita, em vez de que tinha de sobreviver de seus escritos, não tendo ele liberdade para escrever sobre o que realmente desejava.

O ambiente onde Luís morava, descrito deixando explícita sua condição de miséria, acomodava-se na Rua do Macena, e considerava que os lugares onde morou influenciaram no seu caráter. “O meu horizonte ali era o quintal da casa à direita: as roseiras, o monte de lixo, o mamoeiro. Tudo feio, pobre, sujo. Até as roseiras eram mesquinhas [...]. Monturos próximos, águas estagnadas, mandavam para cá emanções desagradáveis.” (RAMOS, 1982, p. 40). Segundo a narração, o ambiente denuncia sua condição de pobreza, pois tinha de dividir o pouco espaço que tirava para sossegar com a deterioração presente, tão sufocante que até as plantas cultivadas denunciavam a condição precária do lugar.

Vivendo em meio a essa degradação, Luís conhece Julião Tavares, seu oposto em tudo, o representante da classe burguesa:

Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa. Lembrem-se dele. Os jornais andaram a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentavam-me de longe, fingindo superioridade:
– Como vai, Silva? (RAMOS, 1982, p. 45)

Julião Tavares é um advogado, de família rica, cujo contato com Luís é desagradável para este, porque se sente inconformado com a posição e prestígio que Julião ocupa na sociedade, a ele são feitos muitos elogios por representar o burguês detentor de dinheiro, projeção social e o berço de ouro. Todo esse louvor é sentido por Luís da Silva como um diminutivo de sua condição de homem no mundo e de nenhum prestígio social.

Em Julião Tavares se concentram todas as características pelas quais Luís da Silva se sente avesso na sociedade, uma vez que na vida do protagonista está uma mostra do Brasil decadente, cheio de problemas que dificultam a vida do povo. Julião Tavares, por sua vez, apresenta-se como um patriota, um amante do país, devido a vida fácil e a falta de contato com as dificuldades.

Luís sentia remorsos ao ver Julião como um homem socialmente aceito por todos só por causa de sua condição social a qual lhe possibilitava uma certa segurança enquanto pessoa: “Porque seria que o peitinho de Julião Tavares brilhava tanto e não se amarrotava? Julião Tavares ficava duro como um osso fraturado envolvido em gesso, tinha o espinhaço apumado em demasia, olhava em frente com segurança” (RAMOS, 1982, p. 121). Através de Julião, que andava livre de todos os ressentimentos sociais, o protagonista estabelecia nítidas oposições entre os modos de ser, pois Luís, de posição social claramente desconfortável, não andava com a cabeça tão erguida quanto a do futuro rival.

A minha camisa estufa no peito, é um desastre. Quando caminho, a cabeça baixa, como a procurar dinheiro perdido no chão, há sempre muito pano subindo-me na barriga, machucando-se, e é necessário puxá-lo com o cinto, que se afrouxa. Estes movimentos contínuos dão-me a aparência de boneco desengonçado, uma criatura mordida pelas pulgas. A camisa sobe constantemente, não há meio de conservá-la estirada. Também não é possível manter a espinha direita. O diabo tomba para a frente, e lá vou marchando como se fosse encostar as mãos no chão. Levanto-me. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes. (RAMOS, 1982, p. 122)

Na descrição do vestuário e maneira de andar de Luís da Silva e Julião Tavares aparecem disparidades: Julião Tavares anda na rua como se dominasse o espaço, sentindo-se à vontade, gozando de uma posição superior e merecedora de respeito; Luís da Silva anda desolado, mal vestido e torto, denunciando sua aparência de funcionário público em condição social inferior, sua submissão, o dinheiro pouco, apontando através de sua fisionomia e modo de vestir toda a opressão causada pelas circunstâncias sociais.

Luís da Silva nunca simpatizou com Julião Tavares, embora este sempre cruzasse seu caminho e frequentasse sua casa. O ponto máximo da raiva de Luís da Silva por Julião é quando este faz o casamento do primeiro com Marina, sua noiva, fracassar, pois esta o abandona por aquele, que a abandona quando a engravida.

Marina, enjoada e abatida, embalava-se para esquecer a desgraça. O barulho dos armadores lembrou-me o tempo em que ela me endoidecia com risadas e cantigas. A compaixão que eu havia sentido alguns dias antes esmoreceu. Encolizei-me e disse-lhe mentalmente toda a sorte de nomes feios. Levantei-me, bati na mesa, e as voltas da corda tremeram. (RAMOS, 1982, P. 153)

É possível ver aqui que Luís da Silva já havia tomado consciência de que Julião Tavares havia deixado Marina grávida e sem assistência, deixou de frequentar a casa dela e nunca mais voltou, deixando-a abandonada. Assim, Marina, que sonhava subir de nível social, fica desolada e a espera de um filho sem pai para assumir.

A partir disso, há na narrativa vários momentos em que Luís da Silva arquiteta matar Julião Tavares, pois este apareceu na vida do protagonista para concretizar a sensação de rejeição em que Luís está envolto, tendo em vista que Julião Tavares contém características de opressor e é detentor de tudo que Luís sonhava ter. No entanto, Julião Tavares ainda rouba-lhe Marina, a mulher que despertou seus desejos amorosos, que provocaram atos impensados no protagonista e impulsionou aos poucos o assassinato de Julião Tavares.

Luís da Silva então passa a seguir fielmente os passos de Julião Tavares, se “Julião Tavares entrava no café. Ia sentar-me longe dele, voltava-lhe as costas, mas examinava o espelho” (RAMOS, 1982, 159). O personagem passa a sentir-se ainda mais incomodado com a presença do antagonista, um homem, segundo o narrador, insignificante, gordo, desprovido de beleza, sedutor das mulheres, que só consegue reconhecimento por causa do dinheiro, além da falta de compromisso com Marina, “roubada” bruscamente do protagonista e das portas do altar, por quem Julião Tavares não tinha um interesse sério.

Ali no café, com o jornal enrolado sobre o mármore, a mão gorda distribuindo acenos, o sorriso nos beiços grossos, derretia-se para as moças que passavam na calçada. Por detrás das linhas brancas do espelho, a cara redonda se afogueavam, as bochechas moles inchavam, o olho azulado queria escapular-se da órbita e meter-se no seio das mulheres. (RAMOS, 1982, p. 161)

Como observamos no recorte acima, Luís da Silva incomodava-se com o descaso que Julião Tavares mostrava para com as mulheres, além de estar frustrado com o término de seu relacionamento, e pela falta de compromisso do seu rival com Marina.

Deslocado, em Luís da Silva se encontram características angustiantes, como querer passar despercebido no meio do povo, com medo do incômodo de sua presença, vendo-se

como uma mazela na sociedade, reduzido ao nada e obrigado a fazer coisas insignificantes, como prostituir sua escrita e conviver com pessoas que o atormentam:

Era, pois, na repartição que eu obtinha sossego. As imagens que me atormentavam na rua surgiam desbotadas, espaçadas e incompletas. O ambiente era impróprio à vida intensa que elas tinham lá fora. Quando se iam fixando, um tique-taque de máquina de escrever, o chiar de uma folha que roçava sobre outra como lixa, um toque distante de campainha, uma voz descontente e adocicada, todas as complicações miúdas que se sustentam, cortavam as figuras esboçadas. Julião Tavares era uma sombra que se arredondava, tomava a forma de um balãozinho de borracha. (RAMOS, 1982, 165)

O meio urbano em que Luís da Silva encontrava-se se apresentava caótico, desestruturado. Ele não se sentia confiante em conviver na cidade, tudo o atormentava, pois neste personagem encontram-se traços de um Brasil rural que estava em decadência, sem resultados positivos no sertão Nordestino, segue para a capital de Alagoas numa época de modernização e vida agitada que os grandes centros urbanos necessitavam por causa da industrialização.

Na rotina perturbadora de Luís e sua investida em assassinar o seu rival, refletia em seu interior e implorava que seu opressor desaparecesse, deixando-o livre e órfão de sua presença e da culpa que carregaria se consumasse o ato:

Desejei que Julião Tavares fugisse e me livrasse daquele tormento. Se ele corresse pela estrada deserta, estaria tudo acabado. Eu tentaria alcançá-lo. Inutilmente. Pensei em gritar, avisá-lo de que havia perigo, mas o grito morreu-me na garganta. Não grito: habituei-me a falar baixinho na presença de meus chefes. Era preciso que alguma coisa prevenisse Julião Tavares e o afastasse dali. (RAMOS, 1982, p.197)

Era como se seu rival despertasse uma essência pura apesar dos impulsos assassinos, pois não os tinha por motivos de valentia ou de ser má pessoa. Tais impulsos são consequências da sociedade capitalista de luxos, farras, luxúrias, como praticava Julião, a ponto de usar as pessoas que viviam ao seu redor para satisfazer seus prazeres. Luís da Silva asseverava estar fazendo um bem a sociedade se eliminasse uma pessoa que passava por cima de princípios que corrompiam outros ao seu favor.

Ainda assim, nos sentimentos mais íntimos de Luís, este desejava que seu rival se livrasse da cilada prestes a ocorrer, mas foi tarde demais, Luís tirou então a corda do bolso:

A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. (RAMOS, 1982, p. 198)

Finalmente Luís da Silva consolida o assassino de seu rival, a opressão que o personagem principal sentia na sociedade distancia-se de seu eu, ele matara o burguês enforcado, foi aí que Luís da Silva viu pela primeira vez um Julião diminuto, que já não era mais nada na sociedade.

Nesse momento, Luís da Silva sentia a glória de seu feito, a presença de Julião que lhe sufocava em toda narrativa já não mais existia e no seu sentimento de ser miserável sentiu-se grande ao parecer outra pessoa e não mais aquele pequeno funcionário público, que recebia ordens de tudo e de todos.

2.3 Jorge Amado: representações da identidade baiana e de um Brasil colorido

Jorge Amado teve uma longa trajetória literária, seus romances emergiram atrelados aos problemas do Brasil. Em seus enredos encontram-se sensualidade, cultura, críticas sociais, encontro da ficção com a realidade, a Bahia e suas faces como inspiração e pano de fundo para sua escrita.

O escritor, engajado no movimento de 1930, busca mostrar a questão da identidade nacional e cultural do país, procurando focar a formação das raças, do povo, a relação que se estabelece entre a nossa pátria e o capital estrangeiro, a necessidade de fazer uma inovação no país e, rompendo com formas do passado, descreve um Brasil colorido. Quanto a isso Bosi afirma que:

Jorge Amado, fecundo contador de histórias regionais, definiu-se certa vez “apenas um baiano romântico e sensual”. Definição justa, pois resume o caráter de um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes “vitais”: românticas e sensuais... A que, vez por outra, emprestaria matizes políticos. A rigor, não caminhou além dessa colagem psicológica a ideologia do festejado escritor baiano. Nem a sua poética, que passou incólume pelo realismo crítico e pelas demais experiências da prosa moderna, ancorada como estava em um modelo oral-convencional de narração regionalista. (BOSI, 1994, p. 405-406)

Jorge Amado viveu muitas experiências que são retratadas em alguns de seus romances e, como ele próprio se define romântico e sensual, insere tais aspectos como uma maneira de exibir a essência do povo baiano. O autor aborda temas relacionados a sua terra natal, a Bahia, dando ênfase ao regionalismo em voga, às suas convivências e o que pôde presenciar de fato, transmitindo para sua obra a vida urbana da capital, o coronelismo do interior e os tipos do litoral.

Para Albuquerque Júnior (2011, p. 239), desde a obra inicial de Jorge Amado sua proposta é: “captar a identidade do país e de sua cultura, e captar sua singularidade a partir de uma busca das raízes populares, da realidade do povo, da recuperação, para o texto e para a imagem do país, da fala, das figuras e cenas populares”. Sua obra surgiu da preocupação em procurar soluções que pudessem sanar os problemas da nação e dos povos que a habitam, e na esperança e urgência de transformar o país em uma nova nação. Nesse sentido, o romancista enxergava com precisão os problemas do país e do povo.

As obras de Jorge Amado, segundo Almeida (1999), divide-se em duas fases: a primeira se inicia com a obra *País do carnaval* (1931) e se fecha com o romance *Seara vermelha* (1946) sendo essa a última obra relevante dessa fase; a segunda inicia com a obra *Gabriela, cravo e canela* (1958), nessa obra a preocupação romanesca do autor já abandona a preocupação político-ideológica e a entonação séria que teria assinalado seu romance até então, para dar espaço a uma narrativa com características lúdicas, humorísticas, trazendo um espírito de paródia e elementos fantástico, sendo esse o estilo dominante dessa fase.

Em sua segunda fase, o romancista se volta para apontar os costumes que assinalam o hibridismo da sociedade e da cultura brasileira. Contudo, seus personagens principais giram em torno de heroínas femininas, sendo retratadas geralmente como personagens à margem da vida social, que subvertem a ordem social estabelecida, inaugurando um novo tempo, elucidando a celebração presente numa certa liberdade do feminino: “Trata-se da passagem da mulher de objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino – amoroso ou profissional.” (BELLINE, 2008, p. 27). Em seus romances, a mulher não aceita a imposição do masculino, pois luta pelo seu lugar na sociedade, mostrando-se arredia às regras sociais estabelecidas.

Em *Mar morto* (1936) narra a história de Guma, herói forte e valente protegido por Iemanjá, que conhece Lívia, durante a festa dedicada à protetora dos mares, e se casam. Mas, para a realização desse casamento, Lívia foge, pois os tios que a criaram opõem-se a este matrimônio, porque desejavam que Lívia obtivesse um casamento com alguém de posses, entretanto: “A iniciativa indica que a jovem decide seu próprio destino.” (BELLINE, 2008, p.

28). Com isso, atesta-se que Jorge Amado já mostra uma preocupação social relacionada à condição da mulher dependente às decisões familiares.

Passaremos agora a uma breve análise sobre a obra *Gabriela, cravo e canela* (1958), já que, junto com *O quinze* e *Angústia*, forma o *corpus* deste estudo e a personagem Gabriela será estudada no capítulo 3, além das outras duas personagens femininas das obras citadas.

A história situa-se na cidade de Ilhéus, em 1925, época em que a cidade está passando por constante transformação na política, na economia e no que se refere às questões sociais da região. Apresenta-se uma Ilhéus em momento de transição social, a cidade perde o tom rústico, que era marcado por uma época em que se apresentava como um local com “ar de acampamento guerreiro que a caracterizava no tempo da conquista da terra: fazendeiros montados a cavalo, de revólver à cinta, amedrontados jagunços de repetição em punho atravessavam a rua sem calçamento” (AMADO, 2001, p. 13). Ilhéus começa a se modernizar, esses aspectos indicam como ela era formada ainda no tempo em que havia disputas para se estabelecer por lá.

A cidade se modernizava e prenunciava um novo tempo que irá se desmembrar através dos novos estilos de vida na cidade: “a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios.” (AMADO, 2001, p. 13). A cidade estava perdendo seus ares de meio rural, passando a ganhar feições de um meio urbano, já que lojas e comércios invadiam a cidade e a tornava agitada.

Ao passo que Ilhéus vai se modernizando, há os que não aceitam a mudança de perspectiva de vida que a cidade adquire, pois essas mudanças abalavam as tradições que se colocam para o feminino e para o masculino. No entanto, o coronel Ramiro Bastos mostra-se indiferente a certas modernizações que afetavam as relações femininas.

Ele compreendia, aceitava os cabarés, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo, ele também fora jovem. O que não entendia era clube para rapazes e moças conversarem até altas horas, dançarem essas tais danças modernas, onde até mulheres casadas iam rodopiar em outros braços que não os de seus maridos, uma indecência! Mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar. Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha. Não pudera impedir a fundação do clube, bem se esforçara. (AMADO, 2001, p. 59)

O coronel não repudiava a modernização e urbanização que chegara a Ilhéus como, por exemplo, o cabaré. Ele assevera que os homens necessitavam desse tipo de diversão,

como de costume, para tornarem-se “homens machos” em sua juventude. Porém, a implantação de clubes em que mulheres e homens podem frequentar, divertindo-se de igual para igual, não agrada o coronel. Para ele, o envolvimento do homem com essa mulher “livre” para passear em clubes não era visto como correto, nem para praticarem uma simples dança, configurando esses atos como indecentes e inaceitáveis para a formação feminina. Por isso, retifica que o destino das “mulheres direitas” de Ilhéus está aportado em um só padrão: esperar casar-se para seguirem seu destino como donas de casa.

Na obra são apresentados vários tipos de perfis femininos. Assim, faremos algumas análises sobre algumas mulheres do romance. Começaremos com Glória, mulher que mora no centro da cidade de Ilhéus, em casa posta pelo Coronel Coriolano, fazendeiro rico e seu amante.

Glória é descrita como se fosse um patrimônio cultural da cidade de Ilhéus, pois toda a tarde os frequentadores do Vesúvio, bar de Nacibe, reuniam-se para esperar o momento em que Glória se inclinava na janela com sua beleza e seus seios evidentes que chamavam atenção dos curiosos: “Do bar, repleto a partir das cinco da tarde, os homens alongavam os olhos para a janela de Glória do outro lado da praça.” (AMADO, 2001, p. 87).

De sua janela, Glória observa o que acontecia em Ilhéus, percebe o sentimento que Malvina, estudante do colégio das freiras na cidade, desperta no professor Josué. Este todas as tardes aproximava-se da janela de Glória para ver a vizinha Malvina, que não correspondia às suas investidas. O professor Josué e outros personagens da trama não aceitavam que uma mulher como Glória se instalasse no centro da cidade, pois dava mau exemplo às mulheres “direitas” como Malvina. Daí Glória sentir-se solitária e injustiçada em Ilhéus:

De indignação estava cheio seu peito, contra os homens em geral. Eram covardes e hipócritas. Quando, nas horas de mormaço do meio da tarde, a praça vazia, as janelas das casas de família fechadas, aos passar sozinhos ante a janela aberta de Glória, sorriam para ela, suplicavam-lhe um olhar, desejavam-lhe boa tarde com visível emoção. Mas bastava que houvesse alguém na praça, uma única solteirona que fosse, ou que viessem acompanhados para que lhe virassem a cara, olhassem para outro lado, acintosamente, como se lhes repugnasse vê-la na janela, os altos seios saltando da bordada blusa de cambraia. (AMADO, 2001, p. 89)

Glória aparece na trama como vítima da sociedade, tem uma pureza contrária a das mulheres de elite, reclusa do convívio social por representar a mulher que em troca de uma boa vida doa seu corpo para adquirir o luxo que desejava através do Coronel Coriolano. A personagem fica restrita, em boa parte da obra, no espaço da casa que habita e mantém uma

vida solitária, sem amigos e sem ter com quem conversar, triste e indignada, observando a vida hipócrita das pessoas.

Apesar dos ares de modernização que invadiam a cidade de Ilhéus, o romance retrata como os indivíduos nessa sociedade criavam suas próprias regras. É neste segmento que é tecida a história da Sinhazinha, mulher do coronel Jesuíno, com o qual não se sente realizada no plano amoroso. A Sinhazinha conhece o verdadeiro amor nos braços do dentista Osmundo, mas essa transgressão em seu casamento custa-lhes a vida dos dois amantes por subverterem as regras do casamento, numa cidadezinha que conserva valores patriarcais em que honra de marido traído se lava com sangue.

A jovem Malvina, personagem de ideias atrevidas para uma moça de família, questiona e não aceita as regras sociais que lhes são impostas, ela não se conforma em viver sob o mando de outra pessoa que a controle, esses fatos são todos comprovados através das ações que realiza na trama, pois quando Malvina é impedida de fazer algo que deseja na trama, como por exemplo, ler um romance de Eça de Queiroz, não aceita essa condição e, além de ler a obra proibida, faz com que suas amigas também a leiam escondidas. Vale lembrar também que Malvina foi a única mulher em Ilhéus que prestou solidariedade a Sinhazinha indo ao seu velório:

Ante os olhos espantados da rua comprimida nas portas e janelas, vinha fazer ali, no funeral de uma esposa morta por adultério, essa moça solteira, estudante, filha de fazendeiro? Nem que fossem amigas íntimas. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu para o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão, moveu os lábios numa prece, saiu de cabeça erguida como entrara, Nacib estava de queixo caído. (AMADO, 2001, p.130)

Não ligava para as convenções sociais de Ilhéus e enquanto muitos indivíduos não tiveram coragem de ir ao funeral do casal morto por adultério para não manchar a honra diante as pessoas, Malvina, com seus sentimentos abalados e comovida com o atentado, sente-se no dever de ir despedir-se da Sinhazinha. Com esse ato, Malvina, ao mesmo tempo em que é recriminada, é também admirada por seu gesto de coragem. Na ideologia social em que esta personagem se encontrava, era imprudente que uma moça solteira se aproximasse de uma mulher adúltera, entretanto a moça, como é avessa a tudo que reprime o feminino, vai além dos papéis que a sociedade lhe impõe.

A notícia da morte dos amantes espalha-se pelas ruas de Ilhéus como se fosse um ato de grandeza para o coronel Jesuíno:

E toda aquela gente terminava no bar de Nacib, enchendo as mesas, comentando e discutindo. Unanimemente davam razão ao fazendeiro, não se elevava voz – nem mesmo de mulher em átrio de igreja – para defender a pobre e formosa Sinhazinha. Mais uma vez o coronel Jesuíno demonstrara ser homem de fibra, decidido, corajoso, íntegro, como aliás à sociedade o provara durante a conquista da terra. (AMADO, 2001, p. 91-92)

Entendemos que os indivíduos sociais não reprovaram a ação do coronel Jesuíno, pois foi exaltado pelas pessoas e mais respeitado ainda, não houve explicitamente pessoas que se opusessem ao ocorrido nem para lamentar a morte da Sinhazinha nem do amante, com exceção de Mundinho Falcão, que, recém-chegado à cidade, não compartilhava dessa ideologia local atrasada, e da menina Malvina que era avessa às velhas ideologias da cidade. Essa era a lei produzida pelos ilheenses desde os primeiros tempos do cacau: “não estava no papel, não constava no código, era, no entanto, a mais válida das leis” (AMADO, 2001, p. 92). Um caso de assassinato por traição ao marido quando chegava a julgamento, o criminoso sempre era absolvido em função da lei da terra, que não estava registrada oficialmente, mas assegurava a impunidade do criminoso.

Mas o personagem Nacib, enquanto caminha na busca de uma cozinheira, reflete sobre o assassinato dos amantes e tira suas próprias conclusões:

ANDANDO PARA A estrada de ferro, na hora triste do crepúsculo, o chapelão de abas largas, o revólver na cinta, Nacib recordava Sinhazinha. Do interior das casas vinha um ruído de mesas postas, risos e conversas. Falariam certamente de Sinhazinha e Osmundo. Nacib a recordava com ternura, a desejar, no escondido do coração, fosse esse miserável Jesuíno Mendonça, sujeito arrogante e antipático, condenado pela justiça, coisa impossível, bem certo, porém merecida. Costumes ferozes esses de Ilhéus... (AMADO, 2001, p111).

Nacib a recorda com cuidado e solidariedade, sempre se lembrando de sua beleza e da vida que lhe foi tirada com indignação, desejando que a justiça se fizesse ao caso, com a condenação do coronel Jesuíno, mas tudo isso só se manifestava em seus pensamentos íntimos, pois tinha de estar enquadrado nos costumes do lugar para preservar sua imagem de homem macho.

Aparece aí um homem inconformado com a injustiça presente numa cidade em que o progresso se instalava. Seu pensamento vai ao encontro do moderno, analisando que se a cidade torna-se um meio urbano deve-se adotar novas formas de olhar para as pessoas,

deixando de lado valores que foram criados no passado. Por essas convenções impostas na cidade de Ilhéus, Nacib não se casava:

Por essas e outras ele, Nacib, não se casava: para não ser enganado, não ter de matar, derramar o sangue alheio, enfiar cinco tiros no peito de uma mulher. E bem gostaria de casar... Sentia falta de um carinho, de ternura, um lar, casa cheia com uma presença feminina a espera-lo no meio da noite, quando fechasse o bar. Pensamento a persegui-lo de quando em quando, como agora no caminho do *mercado dos escravos*. Não era homem para andar atrás de noiva, não tinha sequer tempo, o dia inteiro no bar. Sua vida sentimental reduzia-se aos xodós, mais ou menos longos, com raparigas encontradas nos cabarés, mulheres ao mesmo tempo dele e de outros, aventuras fáceis nas quais não cabia o amor. (AMADO, 2001, p. 112, grifo do autor)

Nacib mostra-se antipatizado pelo casamento ao considerar como a ideologia de Ilhéus impõe certas regras ao matrimônio, que aprova fins trágicos para mulheres que traem o marido, estabelecendo essas condutas acima das leis regulamentadas no país. Ele chegou a receber, vez ou outra, críticas relacionadas ao fato de ele não ter casamento, considerava-se sem tempo para procurar uma mulher que pudesse ser sua noiva, por isso preferia satisfazer-se com mulheres dos cabarés, mantendo um certo sentimento por elas, como teve por Rizoleta, sentimentos superficiais e sem compromisso com a verdade.

Nacib vivia uma saga noite e dia para conseguir a cozinheira dos quitutes do bar, mas a saga chega ao fim no mercado dos escravos:

DEIXOU PARA TRÁS a feira onde as barracas estavam sendo desmontadas, as mercadorias recolhidas. Atravessou por entre os edifícios da estrada de ferro. Antes de começar o morro da Conquista ficava o mercado dos escravos. Alguém assim apelidara, há tempos, o lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho. O nome pegara, ninguém chamava de outra maneira. Amontoavam-se ali os sertanejos fugidos da seca, os mais pobres entre quantos deixavam suas casas e suas terras no apelo do cacau. (AMADO, 2001, p. 113)

Nesse momento acontece então o primeiro contato entre Nacib e Gabriela, esta estava no mercado dos escravos a procura de alguém que lhe desse um emprego e logo que Nacib a vê resolve contratá-la para servir-lhe.

Portanto, nessa obra vemos o painel da nova sociedade que se estabelecia cheia de conflitos, das ideologias anteriores e seu rompimento que aos poucos se consolidava em Ilhéus novas maneiras de ser socialmente.

Diante as análises empreendidas neste capítulo no qual estudamos o universo literário dos autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado dando ênfase em analisarmos as obras corpus deste trabalho *O quinze, Angústia e Gabriela, cravo e canela* para mostrarmos o ambiente de que trata cada romance é que passaremos a estudar nosso objeto de análise com o qual trataremos de desenhar o perfil feminino das protagonistas das obras Conceição, Marina e Gabriela.

3 CONCEIÇÃO, MARINA E GABRIELA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS DO ROMANCE DE 30

Este capítulo trata de analisar de modo mais específico as personagens femininas Conceição, Marina e Gabriela, mulheres protagonistas das obras *O quinze*, *Angústia* e *Gabriela, cravo e canela*. Como no capítulo 2 cada obra foi analisada retratando o espaço de onde emergem essas mulheres, agora nos dedicaremos em traçar os perfis femininos destas personagens conforme as características e comportamentos que compõem estas mulheres.

3.1 Conceição subvertendo as repreensões do feminino com sua inteligência e nível cultural

Trataremos agora de traçar o perfil feminino de Conceição do romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz. A narrativa em que a personagem foi construída tem como pano de fundo a seca de 1915, nessa obra a autora se utiliza desse acontecimento para narrar o efeito devastador desta catástrofe no Nordeste, mostrando como as pessoas reagem às consequências causadas por ela, tanto no sertão como na cidade. É nesse contexto que compreendemos que os dramas e misérias que perpassam o Nordeste de *O Quinze*, tem conceição como principal personagem, ao passo que ela vivencia todo o desconforto causado aos seres devido esse efeito climático, ao assistir/participar dos dramas sofridos pelos outros personagens da narrativa. Entretanto, é nessa narrativa que Rachel de Queiroz apresenta-nos a personagem Conceição, procurando compor a moça como uma mulher independente e que procura formar sua identidade nos livros que lê.

A obra inicia-se com Conceição no Logradouro, visitando sua avó a fim de convencê-la a ir para a cidade de Fortaleza, por causa da seca no Ceará. Logo no primeiro diálogo que abre o romance, já é perceptível como Conceição é uma mulher diferente das mulheres que se mantinham presas aos dogmas impostos as mulheres do século passado: “– E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena... Dona Inácia [...] – Tenho fé em São José que ainda chove!” (QUEIROZ, 2004, p. 11).

Neste diálogo, Conceição apresenta argumentos racionais, que se opõem aos argumentos de fé de sua avó, pois a primeira mostra não ser uma mulher devota, como é de costume na época, quando as mulheres seguiam a religião católica à risca, venerando todos os santos como sua avó, por exemplo. Por isso, percebemos a incredulidade que deposita nas

rezas de sua avó, confiando mais em sua razão do que na fé, dando mostra de que acredita mais na concretude dos fatos e no que consegue observar.

Rachel de Queiroz traz Conceição como uma personagem que estava à frente do tempo das mulheres comuns da época e a delineou em um perfil que contempla formas de uma mulher que possui suas próprias ideias e que vive buscando constantemente o conhecimento:

Foi à estante. Procurou, bocejando, um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesa [...].
 Aqueles livros – uns cem, no máximo – eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear [...].
 Pegou no primeiro livro que a mão alcançou, [...] abriu à toa o volume. [...] Era uma velha história polaca, um romance de Sienkiewicz, contando casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas.
 Conceição o folheou devagar, relendo trechos conhecidos, cenas amorosas, duelos, episódios de campanha. Largou-o, tomou os outros – um volume de versos, um romance francês de Coulevain.
 E ao repô-los na mesa, lastimava-se:
 – Está muito pobre, esta estante! Já sei quase tudo decorado!
 Levantou-se, foi novamente ao armário. E voltou com um grosso volume encadernado [...].
 Era um tratado em francês, sobre religiões. Bocejando, começou a folheá-lo. Mas pouco a pouco, qualquer coisa a interessou. [...] Conceição ia se embecendo nas descrições de ritos e na descritiva mística, e soletrava os ásperos nomes com que se invocava Deus, pelas terras do mundo. (QUEIROZ, 2004, p. 12-13).

Conceição é apresentada como uma mulher inteligente que, com conhecimento e instrução, fazia leitura de livros nacionais e estrangeiros, que influenciavam sua conduta de vida. Leitora assídua saciando fome de conhecimento, não vivia sem os livros, material que trazia satisfação para sua vida, tanto pessoal como profissional, tendo em vista que é através deles que se instrui para a vida e faz suas escolhas. Foram estas leituras que trouxeram criticidade para sua vida, de acordo com as necessidades que as precisava, era com eles que formava o seu caráter e suas influências.

Possuía um grande acervo de livros e conhecia cada um deles, o mundo dos livros se fazia aberto para a personagem, por este motivo ambicionava cada vez mais livros novos que pudessem alargar o seu conhecimento, revelando-se uma mulher diferente das que se conformam com um destino com fins no casamento.

Conceição prefere preencher seu tempo se constituindo uma mulher instruída e letrada, desse modo, adquiria uma visão de mundo distinta e modo de ser que a faz diferente do esperado para a mulher da época. São as leituras que preocupam a sua avó, pois ela vê que

delas é que Conceição cria as suas ideias de mulher muito independente e que não se deixava influenciar por tradições, nem por sua avó.

Para romper com o paradigma do perfil feminino da mulher da década de 30, Rachel molda a personagem como uma mulher que foi criada pela avó, pois ficou órfã ainda muito cedo e, apesar de ter nascido e crescido no sertão, ainda muito jovem foi morar sozinha na capital do Ceará. Foi para Fortaleza a procura de melhorias de vida, onde estudou e se formou professora. A personagem traz em seu perfil características de mulher independente e autônoma, porquanto em Fortaleza tem sua própria profissão e é desta ocupação que se mantém na cidade onde mora sozinha.

A representação que podemos formar com Conceição morando sozinha em um grande centro urbano, sem a companhia de alguém da família, emoldura em seu perfil feminino ares de superioridade e modernidade que a coloca como o oposto das mulheres da época, pois a maioria delas sempre estava restrita a tutela de alguém que as cuidassem.

Sua busca e relação intensa com o conhecimento representa uma mulher atualizada, que procura sempre está em contato intenso com novas informações, procurando, portanto, evoluir em aprendizagem cada vez mais, o que proporciona que tenha uma mente aberta para escolher o próprio destino. Sua convicção é explícita já no início da narrativa, quando, contrariando o destino esperado para toda mulher, afirma com felicidade e satisfação que não nasceu para se render ao casamento.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

– Esta menina tem umas ideias!

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse *umas ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos [...].

Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó. (QUEIROZ, 2004, p.13-14, grifo do autor).

A personagem, já na “idade de se casar”, tem uma postura firme ao dizer que não nasceu para ceder ao casamento, contradizendo os valores da época, tornando-se uma mulher evoluída para transitar com confiança na sociedade em que está inserida, não pretendendo se dobrar ao destino esperado às mulheres da época, cujo objetivo se centra no casamento e na maternidade e, possivelmente, implicaria na submissão feminina ao mando masculino.

Conceição busca por renovação, deseja que sua voz seja ouvida e respeitada pelos indivíduos da sociedade, porquanto se mostra descontente com os padrões a que a mulher tinha de se submeter, o qual priorizava unicamente as relações familiares, negando à mulher a oportunidade de expressão de seus pensamentos e ações através de seu intelecto para trabalhar e produzir.

A personagem, com sua qualidade de mulher intelectual, subverte a ordem escrevendo livros, sonetos, configurando-se uma mulher que ao mesmo tempo em que se embebia de conhecimentos, repassava-os às suas produções. E é através dos conhecimentos adquiridos nos livros que lê, como podemos ver no final da última citação acima, que a personagem tem um gosto variado pela leitura, arriscando-se até em leituras socialistas, o que podemos dizer que formava sua própria ideologia, incompatível com a da sociedade da qual fazia parte. Era através dessas leituras que ambicionava uma posição na sociedade de igualdade entre homens e mulheres, essas ideias configura-se como uma busca pessoal, particular e interna na protagonista, que tentava conquistar, com seus próprios esforços, um lugar na sociedade.

No entanto, a busca por mudança no papel feminino era repreendida pelas tradições e costumes que se apresentavam ainda forte. A avó de Conceição é marcada por esta tradição e não aceita bem o comportamento da neta, ou seja, quando sua avó sentenciava, por exemplo, que a mulher tem de se casar e constituir família porque era assim que tinha que ser na época, está tentando influenciá-la a se encaixar num eixo ideológico ao mostrar que ela tem todas as ideias que não condizem com o ideal de mulher do tempo.

No perfil feminino de Conceição, concentra-se força e ousadia, olhando para o modo como se comporta na obra, ao quebrar valores tradicionais e denunciando suas próprias ideias e ideais, tais como proferir que não nasceu para casar, ter sua própria maneira de pensar, sem se deixar influenciar pela ideologia e julgamentos dos outros sobre sua pessoa. Deste modo, Conceição é antagônica à mulher que está presa em uma sociedade patriarcal, porque seu perfil feminino não traz os valores de submissão e dependência. Nela há fatores de personalidade que apontam para a realização da vida da mulher sem estar fadada ao casamento e aos filhos, mas em outras maneiras e meios de se viver.

A personagem, que “nascera solteirona”, possui um sentimento amoroso, recíproco por sinal, por seu primo, Vicente. Percebemos este sentimento entre ambos quando Vicente vai até a fazenda de Dona Inácia a procura de um remédio para seus animais e chegando lá se surpreende com a presença da prima ainda no Logradouro.

E quando os primos não estão mais na presença de Dona Inácia, dialogam e Conceição logo pede que Vicente se explique por não procurar vê-la sempre, “Juro que só veio aqui, hoje, por causa do carrapaticida, não disse ainda agora? [...] – E se viesse por causa de alguma pessoa, não perdia meu tempo e minha viagem?” (QUEIROZ, 2004, p. 20). Os dois, ao se verem sozinhos, conversam algo mais íntimo que exala o sentimento amoroso, no qual Conceição é quem se mostra mais indiferente na aceitação de uma relação com o primo.

No momento em que Vicente vai embora, Conceição reflete sobre o modo de ser do primo e o traduz como um homem inculto e rude. Contudo, Conceição reflete que Vicente deixa explícito em seu modo de ser que sua maior ambição está assentado no amor e cuidado que dispõe para cuidar da terra que habita, o sertão. Através dessas reflexões sobre características do primo é que Conceição é conduzida a lembrar-se de uma festa na casa de Vicente:

Mal começou a dançar, entrou Vicente, encourado, vermelho, com o guarda-peito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas. A Conceição, pareceu que uma rajada de saúde e de força invadia subitamente a sala, purificando-a do falsete agudo do gramofone, das reviravoltas estilizadas dos dançarinos. [...] Já Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando orgulhosa do cavalheiro, [...]. (QUEIROZ, 2004, p. 21)

A presença do primo a enchia de alegria, embora fosse ele de uma personalidade rude e denunciadora de um homem grosseiro, que renunciara a vida de estudos que poderia ter para se dedicar a vida na fazenda. Destas características de Vicente agradavam a protagonista o contato e o amor que ele tinha pela terra, mas este mesmo elo de vida rude e falta de estudos do rapaz é o que mais tarde desencadeará o abismo que compromete a realização amorosa entre Vicente e Conceição, apesar dela sentir uma forte atração pelo primo.

O perfil feminino de Conceição é analisado por Vicente, o qual vê suas qualidades intelectuais como uma condição superior a dele e isto faz com que Vicente tenha medo de uma reprovação, em relação a sua falta de instrução, por parte da moça, o que em alguns momentos da narrativa é percebido como uma oposição entre os dois, ela inteligente e ele rústico, cada qual com sua leitura de mundo.

Vicente, como um rude vaqueiro sem estudo e sem formação intelectual, tem a personalidade tecida de acordo com o contato que trava com a terra. Conceição se configura como seu oposto, pois a moça compõe sua personalidade nos livros que lê e advém daí a diferença de níveis que pode gerar um olhar superior de Conceição diante a falta de

qualidades intelectuais de Vicente. No início da tentativa de relacionamento, Conceição ganha o carinho e admiração de Vicente, que se abre para ela ao perceber seu carinho e admiração, por isso Vicente tentava uma aproximação com a prima e em suas reflexões admirava a intelectualidade dela:

Havia de ser quase um sonho ter, por toda vida, aquela carinhosa inteligência a acompanhá-lo. E seduzia-o mais que tudo a novidade, o gosto de desconhecido que lhe traria a conquista de Conceição, sempre considerada superior no meio das outras, e que se destacava entre elas como um lustro de seda dentro de um confuso montão de trapos de chita. (QUEIROZ, 2004, p. 49)

Neste momento confirmamos Conceição como uma mulher que destoa do grupo de mulheres da época, como por exemplo, Cordulina, que segue seu esposo chocada e triste numa caminhada de perdas e misérias, sem questioná-lo, e sua avó, Dona Inácia, que aceita sem questionar a submissão ao masculino. Aqui Conceição ganha sua mais acentuada forma de sujeito autônomo do espaço que ocupa, pois, não obstante estar “detida” numa sociedade patriarcal na qual a mulher tem de se manter sujeita ao homem, ela tem qualidades que a fazem diferente neste universo. Configura com seu perfil desafiador e transgressor da ordem a nova mulher que emerge na sociedade da década de 30, um sujeito ativo e não um objeto. Conceição é admirada por sua imagem de mulher intelectual, que a faz superior a seu pretendente, a ponto de ele se sentir seduzido pelas qualidades avançadas das quais ela dispunha, fato que a afastava também das demais mulheres.

No romance, Conceição se sentiu desprezada pelos sentimentos do primo ao tomar conhecimento de um possível envolvimento de Vicente com outra mulher, nesse ponto percebemos o início do desapego do sentimento amoroso que ela nutre por Vicente, porque vê os valores que acredita, como respeito e fidelidade, rompidos. Isso é o bastante para quebrar o encanto que sentia pelo primo, pois jamais aceitaria um marido que tem como certo os padrões da época, em que a infidelidade masculina não é mal vista na sociedade.

Todo esse sentimento se transforma em revolta e desperta em Conceição seus mais torpes preconceitos. De mulher instruída passa a usar alguns julgamentos preconceituosos por se sentir inconformada com um possível envolvimento de Vicente com uma mulher que tem características que ela as determina como: “Uma cabra, uma cunhã à-toa, de cabelo pixaim e dente podre!...” (QUEIROZ, 2004, p. 64). Nesse sentido, Conceição qualifica a moça como uma pessoa incapaz de se relacionar com um homem bem afeiçoado e de boa família como

Vicente, porque se sentiu traída. É o que vemos mais explicitamente nesse diálogo com sua avó:

- Eu já tinha ouvido dizer... Tolice de rapaz! [...]
- Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras? [...]
- Mas, minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão – sempre saem essas histórias... Além disso não é uma negra; é uma caboclinha clara...
- Pois eu acho uma falta de vergonha! E o Vicente todo santinho, é pior do que os outros! A gente é morrendo e aprendendo!
Dona Inácia meteu os olhos pelo passado e recordou-se dum velho tempo em que ela tivera também aqueles rompantes e aquelas revoltas... E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força...
Tentou consolar a neta que voltara ao quarto:
- Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.
Conceição voltou-se rápida:
- Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direito! Olhe, Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo duma história assim, não tinha santo que desse jeito! (QUEIROZ, 2004, p. 66).

Vemos que a avó de Conceição, criada com valores arraigados no modelo patriarcal e que trata do fato com naturalidade, persiste em querer mostrar que isso é natural para o homem e que as mulheres têm de aceitar. Com isso, Dona Inácia queria colocar a neta no eixo do patriarcalismo, mas esta se apresenta com uma opinião que infringe os padrões ao desprezar a submissão que gira no entorno feminino, não aprovando as tradições da época.

Na narrativa, Conceição é apresentada também como uma mulher humanitária, ao passo que se solidariza com os sofrimentos dos retirantes, exercendo um trabalho voluntário no Campo de Concentração, destino dos retirantes que emigravam para a capital.

Conceição estava na escola.
Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros.
E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os olhos da avó. (QUEIROZ, 2004, p.77)

Lá se empenhava Conceição em ajudar os refugiados da seca, ela tem uma consciência política que permite enxergar o sofrimento dos pobres retirantes, a ponto de se solidarizar com a dor humana do próximo, trabalhando no Campo de Concentração, ajudando os precisados da seca num ambiente deplorável. Além de ser professora, é também uma

mulher engajada, que, após sair do trabalho, não se deixa vencer pelo cansaço e vai trabalhar em prol do bem dos outros.

Conceição é uma mulher muito forte e humana para enfrentar sua luta com os refugiados, pois, no romance, o local onde ficam os retirantes é lastimoso, degradante e fétido, todos os dias havia retirantes mortos ou agonizando e a protagonista ajudava no que podia, presenciando cenas de causar horror.

Percebemos as características avançadas de Conceição até quando ela aqui subverte os costumes da época, andando sem companhia na cidade, fato este ignorado por Vicente: “– Pois mesmo assim sendo professora velha, como você diz, se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda...” (QUEIROZ, 2004, p. 80). Construída como uma mulher independente, ela traça seu próprio modo de ser, mantendo-se autônoma e sem deixar que as pessoas determinem como deve agir. A confiança que ela tem em andar sozinha gera desconforto em Vicente e na avó, que não consegue entender os costumes da neta, com modos de ser diferente e características avançadas que a definem como dona das suas vontades e costumes.

A intelectualidade de Conceição e a não aceitação em se render ao mando masculino que se fazia presente na sociedade põe-se como um afastamento entre Conceição e Vicente:

E ele foi descobrindo uma Conceição desconhecida e afastada, tão diferente dele próprio, que, parecia, nunca coisa nenhuma os aproximara. Em vão procurou naquela moça grave e entendida do mundo, a doce namorada que dantes pasmava com a sua força, que risonhamente escutava os seus galanteios, debruçada à janela da casa-grande, cheirando o botão de rosa que ele lhe trouxera. (QUEIROZ, 2004, p. 83-84)

E Conceição, assim como Vicente, vê uma grande barreira que os separa:

Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado... Nem nada do que ela lia. Ele dizia sempre que de livros só o da nota do gado... Num relevo mais forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida. (QUEIROZ, 2004, p. 84)

Neste ponto, Vicente desconhece a doce Conceição de antes, aquela que lhe dava bastante atenção e se satisfazia em contemplar o primo em beleza e conversação. Agora se mostrava distante dele e apresentava-se como a mulher culta e inteligente, mostrando-se racional e não mais sentimental, resultando numa visão por parte do primo de uma Conceição

deslocada do seu ambiente sertanejo. Sua inteligência e intelectualidade aparecem na narrativa indicando um desnível cultural que impede a concretização do romance, pois a professora se dá conta que Vicente era o seu oposto e nela se encontravam qualidades que a faziam diferente e, por isso, a atração que sentia pelo primo foi se rompendo.

É tanto que começa a perceber que Vicente não dispunha de qualidades intelectuais que pudessem fazê-la feliz e plena ao seu lado. Neste aspecto, Conceição mostra que a realização para ela não está no casamento, apesar de a mulher da época depositar sua felicidade e realização no matrimônio. E quando Conceição reflete sobre ter Vicente como esposo, analisa como seria incompleto não ter com quem dividir o seu conhecimento, a sua intelectualidade, suas leituras. Portanto, reflete “onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as ideias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando?” (QUEIROZ, 2004, p. 85). Ela analisa como seria um casal infeliz, pois como ele era uma pessoa rude e sem conhecimento, não enxerga um futuro promissor entre ambos.

Conceição vivencia a seca, assim como os flagelados, mas os danos causados para ela não tinham intensidade, pois dispunha de recursos e condições favoráveis para se manter bem enquanto a seca passasse, entretanto ela vivenciava as dificuldades dos precisados da seca à medida que os ajudava e convivia com eles no Campo de concentração. Ela passava por lá todos os dias, sempre procurando pessoas que pudesse conhecer para ajudá-las, pois, apesar da debilidade em que os retirantes se encontravam, ela fazia de tudo para reconhecê-los. Foi deste modo que Conceição reconheceu a família de Chico Bento, a qual havia chegado ao Campo de Concentração totalmente arrasada da viagem:

A moça dirigiu-se a Cordulina:

– E você, comadre, como vai? Tão fraquinha, hein?

A mulher respondeu tristemente:

– Ai, minha comadre, eu lá sei como vou!... Parece que ainda estou viva...

– É este o meu afilhado?

Mas Conceição, que tivera a intenção de o tomar ao colo, recuou ante a asquerosa imundície da criança, contentando-se em lhe pegar a mão – uma pequenina garra seca, encascada, encolhida.... (QUEIROZ, 2004, p. 95)

Ao ver a família de Chico Bento, Conceição logo analisa que os traços dos retirantes denunciam todo o sofrimento que tiveram durante a travessia, por isso trata logo de tentar ajudá-los a se estabelecer no local. Daí surge a face mais humana de Conceição, pois faz de um tudo para acudir a família recém-chegada.

Ela escutava com atenção Chico Bento narrar todos os horrores vivenciados durante a peregrinação, mostrando também sua compaixão para com o sofrimento do outro. Logo Conceição ajuda Chico Bento através de suas qualidades intelectuais ao escrever uma carta muito comovente solicitando um emprego para o pobre retirante faminto.

É quando se encontra com a família de Chico Bento que Conceição desperta seu instinto materno com o afilhado, Duquinha, o menino que enfrentara a travessia com os pais retirantes se encontrava em um estado bastante debilitado e Conceição o adota, passa a cuidá-lo com seu carinho maternal, já que a criança chegou tão doente: “Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto.” (QUEIROZ, 2004, p. 110). A personagem, então, torna-se mãe sem contrair matrimônio, contestando os paradigmas sociais da época.

Assim, a personagem evidencia a possibilidade de viver de modo diferente, ou seja, expondo a possibilidade de constituir uma família fora dos padrões tradicionais da sociedade patriarcal, já que se torna uma mãe solteira e independente.

E já não olhava a madrinha com a primitiva expressão assustada. Tinha para ela olhares agradecidos e meigos, que a acompanhavam a circular no quarto, e demoravam longamente, com uma fixidez brilhante, nas pregas do seu vestido branco, nos laços de suas tranças.
Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade. (QUEIROZ, 2004, p.111-112)

Seu cuidado com o Duquinha foi tão maternal que o menino não a olhava mais com indiferença, como quando sentia o mal estar de não ter mais sua mãe biológica por perto, isso foi superado com o carinho e cuidado que Conceição lhe dava. Podemos presumir que a criança passou a fitar a madrinha com o olhar de um filho que encontra na imagem da recente mãe um porto seguro, e o vínculo entre mãe e filho estava aos poucos se solidificando.

Conceição, como de costume em seus momentos de descanso, embriagava-se no mundo dos livros, destes que se formavam as ideias e intelectualidade dela:

– Já de volta, Mãe Nácia?
– E você sem largar esse livro! Até em hora de missa!
A moça fechou o livro, rindo:
– Lá vem Mãe Nácia com briga! Não é domingo? Estou descansando.
Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:
– E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...
Conceição riu de novo:

– Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...

– De que trata? Você sabe que eu não entendo francês...

Conceição ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas ideias: (QUEIROZ, 2004, p. 131-132)

É perceptível que a moça não tinha o hábito de ir à igreja, firmando-se como uma mulher que não vê necessidade em levar tão a sério uma vida religiosa, que lhe fosse doutrinar como deveria agir perante a sociedade. Com este modo de ser, ela destoava das demais mulheres da época, é o que podemos perceber em relação a sua avó, a qual a discriminava por fazer leituras escolhidas sem recomendação, ignorando os preceitos da igreja, que na época determinava como as mulheres deveriam se comportar.

Vemos aqui a preocupação da avó de Conceição ao saber que a neta está lendo livros feministas, reprova suas leituras tentando colocar a neta no “devido lugar” da mulher da época, mas a professora se mostra avessa à reprovação da avó. Com as leituras desses livros, Conceição se descobria uma mulher avançada para a época e, por isso, procurava fazer-se em um lugar diferente das demais mulheres, não aceitando, por exemplo, render-se ao casamento com um homem que não compartilha dos mesmos ideais que ela. Era dessas suas leituras que ganhava força com a mente mais aberta para se dedicar em seu trabalho social:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapo, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia.

Dona Inácia, as vezes que podia, acompanhava a neta nessa labuta caridosa, em que a moça empregava o melhor da sua natureza. (QUEIROZ, 2004, p. 134)

O conhecimento intelectual da nossa heroína a transformava a cada dia em uma mulher mais humana, pois a formava com uma visão mais crítica da sociedade, visto que ela adquiriu ideias revolucionárias, que abriram sua mente para ver as dificuldades do seu próximo.

Na condição que ela se encontrava em relação aos flagelados da seca, poderia olhá-los com indiferença, mas isso não acontecia, ela se sentia na obrigação de fazer alguma coisa para ajudar aos necessitados nessa época de sequidão e fome. Assim, além de lecionar todos os dias, também fazia seu trabalho voluntário, mesmo sabendo que estaria em um ambiente

difícil, tratando e cuidando dos flagelados em meio as mazelas, mortes e doenças no Campo de Concentração.

E no fim do romance *Conceição* termina sem se render ao casamento e, refletindo sobre o amor, afirma:

– Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho certeza de que nasci para viver só... (QUEIROZ, 2004, p. 155-156)

Sobre a sua relação com o amor, mostra-se desacreditar neste sentimento, aqui ela expõe que não casou por não encontrar alguém que a completasse e ainda afirma que o que existe é uma necessidade nas pessoas de ficarem juntas por pura convicção social, devido a sociedade determinar que a realização da mulher encontra-se no casamento. No entanto, a resistência de *Conceição* fica marcada pelo confronto que realiza com as normas patriarcais ao apresentar capacidade de ser uma mulher independente, ao passo que se mostra inadaptada ao meio em que vive.

Portanto, *Conceição* é trazida por Rachel de Queiroz como uma mulher que não se casou no sentido de que não se submeteu a sina das mulheres de sua época. Assim, *Conceição* apresenta em seu perfil características de mulher forte, dedicada, intelectual e que renuncia até da vida amorosa em virtude de convicções próprias. Sendo a mulher aqui analisada independente e arredia aos costumes da época, traça seu próprio destino através da intelectualidade adquirida com as muitas leituras e estudos realizados, mostrando-se, por esse motivo, uma mulher de mente aberta e pronta para ajudar o próximo com sua qualidade de mulher humanitária e também subvertendo os costumes da época ao adotar seu afilhado, Duquinha.

3. 2 Marina, a moça que procura realizar suas vaidades e desejos luxuosos através do casamento

Analisaremos agora o perfil feminino de Marina, personagem de destaque na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos. O romance é narrado em primeira pessoa através do personagem Luís da Silva, personagem problemático, como se asseverou no segundo capítulo deste trabalho, através das discussões realizadas por Bosi (1994).

O pano de fundo que dá vivacidade a obra está aportado em um narrador-personagem angustiado com um crime que cometeu com o qual traz a tona às memórias de toda a sua vida, narrando os episódios dela como se estivesse escrevendo num diário íntimo e pessoal em que tenta reconstruir e verificar os passos que levou sua vida ao fracasso.

Desse modo, toda a realidade ficcional que se imprime no romance, aparece filtrada pela sensibilidade e subjetividade do narrador-personagem, Luís da Silva, que desenha todos os personagens sob sua visão, pois na obra todos são descritos por ele e é através desse personagem que temos acesso ao perfil de Marina.

Marina, logo nas primeiras páginas da romance, é apresentada como alusões vinda à cabeça de Luís da Silva, “Que está fazendo Marina? Procuo afastar de mim essa criatura. Uma viagem, embriaguez, suicídio...” (RAMOS, 1982, p. 9). Nesse aspecto, Marina é exposta de início como um fator de sua angústia e do incômodo interior que o atormenta, pois se concentra nesta personagem a causa pela qual Luís da Silva assassinou seu rival.

Marina aparece de início no romance através de alusões que atormentam Luís da Silva, sem que percebamos a sua importância dentro da narrativa. Até que em meio a uma digressão ao passado, quando retoma a uma memória de seu passado estudantil, ao lembrar que enquanto estava na escola, conseguia ver do outro lado da rua, uma casa que tinha o quintal cheio de roseiras como o de sua vizinha, Marina.

É através de sua lembrança ao passado rural que Luís da Silva logo lembra-se de quando conheceu Marina, pois a recordação se associou ao quintal cheio de roseiras mal cuidadas pertencente a casa que Marina morava, é justamente a partir deste episódio que Luís da Silva começa a trazer características da moça “Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo.” (RAMOS, 1982, p. 16). Então ele faz uma breve alusão a Marina e já nos deixa uma pequena característica da moça, em relação aos seus aspectos físicos, como os cabelos louros, percebido através da expressão “cabelos pegando fogo”.

No romance, Marina é exposta como uma mulher que mexe com o estado de alma tranquilo do personagem Luís da Silva, o qual, antes de conhecê-la, descreve-se em momentos de estabilidade e tranquilidade, “deitado numa espreguiçadeira, fumando e lendo um romance” (RAMOS, 1982, p. 33).

Contudo, Luís da Silva, que considerava a vida equilibrada em momentos de “bons” negócios e dívidas pequenas, sai de sua reflexão quando vê um vulto no quintal pelo qual vê, pela primeira vez Marina e a descreve como: “Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam tão oxigenados. Foi só o que vi, de supetão, porque não

sou indiscreto, era inconveniente olhar aquela desconhecida como um basbaque. Demais não havia nada interessante nela.” (RAMOS, 1982, p. 34). Como percebemos, Marina é trazida com características de beleza que incomodam e aguçam o olhar do homem para ela.

Observamos que o protagonista fica um pouco incomodado com a nova vizinha, e já notamos também o interesse dele por Marina, pois, nesta primeira olhada, ele já nota suas feições que denunciam a vaidade da moça: “A mocinha, no lado de lá da cerca, não me dava atenção. Perua cabelos de milho, unhas pintadas, beijos vermelhos e o pernão aparecendo.” (RAMOS, 1982, p. 38). Tal vaidade ajuda a mostrar a sensualidade de Marina, que atrai os olhares masculinos para a sua beleza realçada com o modo de se vestir e de se maquiar, o que atrai o olhar de Luís da Silva para ela, começando a desejar a moça, mas, ao mesmo tempo, também se mostra incomodado com o exagero de maquiagem que a moça traz em suas feições, pois julga sua vaidade como exagerada. O quintal da casa de Luís da Silva é o local em que se desenvolvem os encontros entre os dois e por esta razão é um lugar de grande importância para o romance:

Tornei-me, pois, amigo de Marina. Com certeza começamos por olhares, movimentos de cabeça, sorrisos, como sempre acontece. Depois, palavra aqui, palavra ali, em poucos tempos estávamos camaradas, tratando-nos por você. Procurando reproduzir os nossos diálogos, compreendendo que não dizíamos nada. Frívola, incapaz de agarrar uma ideia, a mocinha pulava como uma cabra em redor dos canteiros e pulava de um assunto para outro. O que me aborrecia nela eram certas inclinações imbecis ou safadas.

– Porque é que você não manda fazer um *smoking*, Luís? Um rapaz que ganha dinheiro andar com essas roupas mal-amanhadas! Eu, se fosse você, brilhava, vivia no trinque.

– Eu pilheriava com ela:

– Maria, nem só de *smoking* vive o homem. (RAMOS, 1982, p. 40).

De tanto se observarem, Marina e Luís foram se tornando amigos e esta relação começou com calma, pois o modo como Luís menciona é um começo tímido com a troca de olhares e depois de poucas palavras, até firmar uma relação mais íntima, com liberdade de usar o tratamento “você” um para com o outro. No perfil de Marina que aqui é exposto, vemos que ela é uma mulher que não mede seus diálogos, pois neles demonstra falta de seriedade e coerência ao pular constantemente de um assunto para outro, evidenciando grande espontaneidade.

Fica evidente neste fragmento também a ambição que Marina tinha de ascender socialmente, quando indica que seu amigo compre um “*smoking*”, apontando não compreender a situação econômica de Luís da Silva, fantasiando-o como se fosse um homem

de ascensão social elevada. Todavia, ela nota as roupas simples de Luís da Silva, mas não tem discernimento suficiente para perceber sua pobreza, no entanto Luís da Silva não tentava explicar sua condição financeira, apenas se faz de humilde, dando a entender que se sente bem com seus trajes.

Esses modos de ser de Marina não agradavam a Luís da Silva, o qual a repudiava ao adjetivar seus modos de agir como “imbecis” e “safados”. Isso fica definido quando Luís da Silva enfatiza o fato de Marina saltar de um assunto para outro, como uma de suas características, ao conversar com ele. É desse modo que de repente Marina começa a demonstrar a admiração que tem por D. Mercedes:

Marina excitava-se:

– Que couro, que nada! D. Mercedes é uma senhora vistosa, bem conservada, muito distinta. E rica. Tem filha no colégio e manda dinheiro ao marido.

Vejam que miolo. E que tendências. Eu, se não fosse um idiota com fumaças de homem prático, lido e corrido, teria cortado relações com aquela criatura. Admirar uma estrangeira que vive só, tem filha no colégio e sustenta marido ausente!

Estirava-me na espreguiçadeira, abria o livro, carrancudo. A leitura não me atraía, mas atirava-me a ela. Marina ficava por ali, rondando, machucando pétalas de rosas, acanhada, o nariz comprido, procurando conversa. Dava um grito entre os canteiros, temperava a goela e, de repente:

– Que livro é esse que você está lendo?

Fingia-me distraído, encostava a cara ao volume.

– Deve ser uma obra interessante.

– Nem por isso.

– Eu também estou lendo um livro interessante da biblioteca das moças.

Muito penoso.

Olhava-a com ódio:

– Passe bem, Marina.

(RAMOS, 1982, p. 43)

Vejamos como Marina, que ainda há pouco seguia o diálogo indicando que Luís comprasse roupas para melhor se apresentar na sociedade, já muda de ideia e entra em outro assunto, demonstrando sua característica de mulher frívola, é com esta mudança de argumento que ela introduz sua admiração por D. Mercedes, mulher descrita na obra com muita finesa e luxuosidade. É visto aqui o entusiasmo de Marina por D. Mercedes, isso denuncia a vontade que sente de mudar de condição social facilmente, para deste modo, poder vestir roupas luxuosas, ser vista socialmente e admirada também pelas outras pessoas.

Ao passo que ela mostra essa devoção que sente por D. Mercedes, pois esta possui tudo que Marina desejava ter, surpreende-se Luís da Silva, homem que conserva a tradição do

meio rural que trouxe com ele para o meio urbano, ao ver a moça com características que subvertem os valores patriarcais.

Para Luís da Silva, D. Mercedes demonstra valores que são inaceitáveis para uma moça de família, como o companheiro ausente, pois na narração as alusões feitas a este marido são apenas relacionadas às vezes que ele passa a noite com D. Mercedes e Luís da Silva consegue entrar na intimidade deles por causa das paredes juntas das casas, mas no outro dia, quando amanhece, ninguém o vê, não conhecendo o homem que a encontra às vezes a noite.

Toda essa conduta que transparece nas conversas de Marina desagradava Luís da Silva, o qual a via como uma mulher de ideias inadequadas e atrevidas demais para a época presente no romance, ele reprova até a permanência da filha de D. Mercedes na escola, mostrando-se incomodado com a educação dada as mulheres. Uma questão importante ainda neste trecho é quando Marina tenta emendar outra conversa com Luís da Silva após a raiva que o causou, indagando-o sobre o livro que lê. Ela recebe uma resposta seca e, quando mostra que também está lendo um livro, desperta grande raiva em Luís da Silva. Mesmo ela lendo obras que estão de acordo com o que a sociedade já aceita para as mulheres, incomoda-se ele com a moça que pratica leituras: “– Um romance comovente. Esqueci o nome do autor. Enredo bonito. / Estúpida. Lia as notas sociais, casamentos, batizados, aniversários, coisas deste gênero. Estúpida.” (RAMOS, 1982, p. 44). Disto percebemos que Luís da Silva, por conservar valores patriarcais, não vê com bons olhos as leituras praticadas por Marina, mesmo que esse tipo de leitura seja conveniente para as mulheres da época.

Há também julgamentos feitos pelos outros em relação à amizade de Luís e Marina, como, por exemplo, o de Vitória, uma velha que mora e trabalha na casa do protagonista, julgando a amizade dos dois íntima demais, ao ver a moça conversando com um homem até alta hora da noite, considerando que isso não fosse bem visto para a reputação da moça aos olhos dos outros, o que fazia com que a velhinha a denominasse como uma moça com costumes a frente de seu tempo: “– Franguinha assanhada. Cochichando com um homem no escuro! Cabrita enxerida” (RAMOS, 1982, p. 43)

Marina vinha de uma família muito pobre. Sua mãe, d. Adélia, teve uma ideia de pedir a Luís que arranjasse um emprego para a filha, pois a vida estava difícil em meio a tanta pobreza e carestia. Quando Luís da Silva pensa que se depara com uma pessoa que o entendesse, engana-se, porque ela vê nele um homem bem visto na sociedade, que poderia servir de pistolão para a filha. d. Adélia vê Luís da Silva como uma possível solução de seu problema financeiro.

Ao expor o que Marina sabe fazer, explica que cose e borda, mas que o trabalho feito em casa é demorado e não dá quase lucro, no entanto, com essas características, Marina está reduzida no rol de mulheres que é prendada para o entorno familiar. E o próprio Luís da Silva põe dúvida se a menina conseguirá emprego ao defrontar a mãe da moça sobre ela ter algo mais avançado no currículo, como um curso de datilografia e a negativa da resposta expõe que a moça tem de ter qualidades avançadas em outros aspectos para conseguir emprego.

Luís da Silva sai à procura do emprego, inventando um currículo que a moça não possuía, “uma cambada de mentiras inúteis” (p. 59). Apesar da grande procura pelo trabalho, só encontrou “um emprego de cem mil-réis numa loja de fazendas.” (RAMOS, 1982, p. 59) que trouxe a Marina bastante desconforto:

- Numa loja? disse Marina com um risinho mau. Obrigação de aturar pilhérias e até descomposturas dos fregueses. E beliscões dos empregados. Muito bem.
- Oh! Marina!
- Julgo que minha mãe está com intenção de me ver na rua. E você também está.
- Oh! Marina! Que horror! Se você não quer, acabou-se. Meti-me nisso porque sua mãe me pediu, compreende? E porque lhe quero muito bem. (RAMOS, 1982, p. 63).

Como constatamos, Marina é uma moça que sonhava ganhar visibilidade socialmente e um emprego atrás do balcão de uma loja a distanciaria de realizar seus planos. Com um emprego destes, ver-se-ia vencida pela vida mísera que levava e, por isso, expõe o fardo que seria trabalhar em um ambiente desses, onde seria mal tratada tanto pelos colegas de trabalho como fregueses, pois todos a tratariam com desrespeito, como se ela tivesse se tornado uma mulher pública. É exposto aqui como o trabalho feminino era discriminado na época e as mulheres que se submetiam a tal ocupação, além de mal remuneradas, enfrentavam certos tipos de abuso e assédio. O modo como Marina se pronuncia diante da descoberta atribui a seu perfil uma extrema dramaticidade que em instantes faz com que a ideia do emprego seja desfeita.

Neste momento da narrativa, que segue ainda a conversa entre os dois sobre o emprego de Marina, Luís da Silva desperta o desejo sexual reprimido que ele sente por Marina e acontece o primeiro contato íntimo entre eles:

Apertei-lhe a mão, mordi-a mordi o pulso e o braço, Marina, pálida, só fazia perguntar:

– Que é isso, Luís? Que doidice é essa?

Mas não se afastava. Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isto, as minhas mãos percorriam-lhe o corpo. Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo. Tudo em redor girava. E Marina estava tão perturbada que se esqueceu de recolher um peito que havia escapado da roupa. Eu queria mordê-lo e receava ao mesmo tempo que d. Adélia nos surpreendesse, encontrasse a filha descomposta. (RAMOS, 1982, p. 64)

No trecho, entendemos que o relacionamento acontece de maneira forçada, ao ponto que vemos Luís da Silva debruçar-se em cima de Marina, ela percebe que seu comportamento é inadequado, visto que põe em risco sua honra, já que é uma moça que nunca teve contato com outro homem, mas se mantém passiva diante do ato.

Marina é uma moça que não é completamente marcada pela tradição patriarcal, vemos isso na forma como seu relacionamento com Luís começa, o que traz a seu perfil marcas de futilidades, quando se soma ao seu excesso de vaidade e a cobiça que nutre pelo luxo. E mesmo sem compreender muito bem o que estava acontecendo, deixa-se envolver com Luís e, aos prantos, quer uma explicação sobre o que irão fazer de agora em diante, recebendo ele um sim da proposta de casamento a ela oferecida.

É através deste ato que Luís também percebe que Marina foi uma conquista fácil, assim, é aí que ele marca para que aconteçam encontros entre eles em seu quintal à noite, quando todos estão dormindo:

Marina tinha deixado de ver-me à tarde, mas todas as noites a gente se reunia no fundo do quintal. Ela passava pelo buraco da cerca, encostava-se ao tronco da mangueira, e eram beijos, amolegações que nos enervavam.

– Vamos entrar, descansar um bocado, Marina já que chegou aqui, dê mais uns passos.

– Você está maluco? Eu vou dar o fora. Qualquer dia a gente mete o rabo na ratoeira. Os velhos descobrem tudo, estrilam, e é um fuzuê da desgraça.

– Deixa disso, Marina, vamos lá pra dentro.

– *Good-bye*.

– Vem cá, Marina.

– Vai-te embora [...]. (RAMOS, 1982, p. 67, grifo do autor)

Os namorados criaram o hábito de se encontrarem no quintal da casa ao pé da mangueira, em um horário e lugar que ninguém conseguiria vê-los, o que dava liberdade para que ficassem à vontade e trocassem carícias. A partir disto, verificamos que Luís via na moça um meio fácil de satisfazer seus desejos sexuais, é tanto que a convida para entrar em sua casa. Mas Marina, que tem plena consciência no que aconteceria se ultrapasse o quintal para o

interior da casa de Luís, não aceita, “– Vou nada! Torcia o corpo, defendia a virgindade com unhas e dente.” (RAMOS, 1982, p. 69), preservando sua pureza, já que no quintal não vão além das carícias, porém não deixa de estar praticando atos que são proibidos e mal vistos para as moças da época.

É assim que Marina consegue fazer Luís gastar todas as suas economias em um enxoval de casamento. Ele, no dia seguinte, foi logo retirando um pouco de suas economias do banco e entregando a Marina para preparar o enxoval, mas recomenda que se faça tudo poupando o máximo “– [...] Mas com modéstia. Não é d. Adélia? Dispensa-se o véu? Eu por mim casava hoje” (RAMOS, 1982, p. 72). Entretanto, as economias e meio prático de fazer um casamento barato não agradam a Marina, que é amante do luxo e deseja que tudo seja feito com grandes gastos.

Alguns dias depois Marina me chamou para mostrar os objetos que tinha comprado. Não era quase nada: calças de seda, camisas de seda e outras ninharias.

– Que é do resto?

– Que resto? Perguntou espantada. É só isto. Veja se as camisas estão bem feitas, diga se as cores lhe agradam.

– muito boas, murmurei.

– Mas você nem está olhando.

– Para quê? Não entendo. O que vejo é que falta quase tudo.

– Que se há de fazer? É a carestia. Em todo o caso julgo que você aprova...

Que remédio! Havia de brigar com ela, dizer-lhe que tivesse juízo, explicar que sou pobre, não posso comprar camisas de seda, pó-de-arroz caro, seis pares de meias de uma vez? Seis pares de meia, que desperdício! Se ela suasse no veio da máquina ou aguentasse as enxaquecas do chefe na repartição, não faria semelhante loucura. Mas não despropositei, como o coração pedia.

– está bem. Vamos comprar o resto. Faço economia, ouviu? Os cobres estão escassos.

Sangrei mais quinhentos mil-réis. Depois sangrei duzentos, adquiri móveis em leilão e vesti-me de novo, porque as minhas camisas estavam esfiapadas e o paletó se cobria de nódoas. (RAMOS, 1982, p. 77)

Como podemos depreender, Marina vê em Luís da Silva uma oportunidade de sair do martírio de pobreza em que se encontra ao lado de seus pais. Vaidosa, Marina gastou o dinheiro que havia recebido do noivo com algumas luxuosas peças de seda, coisas que são vistas por seu noivo como desnecessárias. Mas, como Luís da Silva vê em seu futuro casamento com Marina a oportunidade de ser bem visto dentro da sociedade que o exclui, almeja também através da moça uma posição de destaque, já que com o casamento passaria a imagem de um homem enquadrado nos valores sociais. Ele depositava no casamento com

Marina uma parca confiança de se aproximar do mundo burguês, fato que é provado com a transformação que vinha fazendo em seu exterior, ao comprar roupas que o torna mais “vistoso” na sociedade.

Marina conseguiu fazer com que o noivo acabasse com as economias que tinha no banco e, por fim, ele ainda compra um anel e um relógio para presenteá-la: “Saí da joalheria com vinte mil-réis na carteira, algumas pratas e níqueis. Mais nada. Apenas confiança no futuro, apesar dos encontrões que tenho suportado.” (RAMOS, 1982, p. 77). Luís investia seu pouco dinheiro no casamento com Marina e, já que ele não conseguiu fazer com que a noiva fosse uma mulher simples, tenta satisfazer os luxos dela pelo medo de perdê-la, pois confiava que a união com a moça o faria subir na vida. Mas foi também a felicidade que esses presentes iam proporcionar a Marina e encher o noivo de orgulho por satisfazer os gostos da noiva que teve a maior decepção:

Ao chegar à Rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. (RAMOS, 1982, p.78)

Como Marina já havia percebido que o noivo não conseguiria dar o conforto que ela queria para a vida, como não queria levar uma vida simples e desejava aparecer na alta sociedade, frequentar lugares luxuosos, vestir-se bem e poder cuidar de sua vaidade, ela passa a ver em Julião Tavares, homem de muitas posses, o marido ideal para satisfazer suas vontades, podendo lhe proporcionar uma vida de ostentações.

O noivo de Marina fica em dúvida sobre a lealdade da moça: “Que é que me faltava? Livre. Se me viesse aquela desgraça depois do casamento? A sem-vergonha, admiradora de d. Mercedes, tinha feitio para cornear marido mais vigilante que eu” (RAMOS, 1982, p. 85). Luís traz ao perfil de Marina características de mulher traidora e presume que a moça poderia traí-lo depois de casados, afirmando que seria um escândalo para a honra de ambos e, por isso, declara que o viável é que a moça acabe tudo e fique livre para escolher quem quiser. Mostraria, assim, princípios de integridade, já que é uma mulher que deseja se apresentar com luxuosidade e seu noivo atual não teria condições de satisfazer o desejo fútil que também compõe a personalidade da moça.

Marina confirma sua face de dissimulada ao ser pega pelo noivo trocando olhares com Julião e mesmo assim negar tudo:

Marina me explicou tudo direitinho que eu não tinha razão. O que tinha era falta de confiança nela. Chorou, e fiquei meio lá, meio cá, propenso a acreditar que me havia enganado.

– Posso obrigar uma pessoa a não olhar para mim? Posso furar os olhos do povo?

Não senhora. A coisa era diferente. Eles tinham sido pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mundo. Tinham ou não tinham? Sim senhor, mas sem malícia.

– Posso furar os olhos do povo?

Esta frase besta foi repetida muitas vezes, e, em falta de coisa melhor, aceitei-a. Sem dúvida. As mulheres hoje não vivem como antigamente, escondidas, evitando os homens. (RAMOS, 1982, p.86)

Aqui nos é passada toda a característica de dissimulação das coisas que se concentram na personagem, tendo em vista que, mesmo sendo flagrada na troca de olhares com Julião Tavares e ser questionada pelo noivo, faz-se de desentendida das coisas, tentando levá-lo a acreditar que isso tudo não passava de algo criado por sua imaginação. Marina apresenta diálogos contraditórios, porque afirma que Julião a estava olhando e ela também, já que diz não poder fazer com que alguém pare de olhá-la, usando um argumento hipócrita por esconder a real intensão desses olhares.

O noivo de Marina, com medo de perdê-la, conforma-se com o ocorrido e até entende que as mulheres estão mudadas, e se é bonita é para ser apreciada. Em meio a isso, Marina consegue, com sua feição de mulher dissimulada e chorosa, abafar o deslize que cometeu e continuar noiva de Luís da Silva, o qual a presenteia naquele momento com um relógio e um anel, o que faz mudar as feições da moça de repente, parando de chorar e se pondo a admirar os presentes.

Quando Luís entra em detalhes sobre o casamento, Marina afirma estar faltando ainda muita coisa para completar o enxoval, e o protagonista propõe que ele mesmo comprará o que falta, pois tem de ser econômico, o que desagrada a noiva.

E quando Luís foi entregar algumas coisas que tinha comprado, já se endividando, foi recebido friamente pela noiva, que não deu atenção nem para ele nem para os objetos, concluindo ele que Marina andava “com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda” (RAMOS, 1982, p. 88).

Aparecem aí as primeiras evidências reais de que Marina já não estava se importando com o noivado e, com toda essa frieza, Luís tomava conclusões que o faziam resmungar ao sair de encontros frios com a noiva: “– Escolher marido por dinheiro. Que miséria! Não há pior espécie de prostituição” (RAMOS, 1982, p. 89).

Partindo desta conclusão, analisamos que Marina não estava atrás de um casamento para ser qualificada como a mulher do lar, mas um casamento que desse o passaporte para que pudesse ter uma vida representada pelo luxo, vaidade e o poder de frequentar os melhores lugares sociais, o que aponta para a escolha de um marido rico, como era Julião Tavares, que, aos poucos, seduziu Marina:

Ao dobrar a Rua Augusta, avistava Julião Tavares na prosa com ela, vermelho, soprando, derretendo-se, a roupa de brim com manchas de suor nos sovacos. Vendo-me, o canalha voltava as costas, porque estava intrigado comigo. Abri-me com d. Adélia, comentei aquele escândalo:

– A senhora aprova o comportamento de sua filha?

D. Adélia torceu as mãos, engoliu em seco e respondeu numa atrapalhão:

– É a mocidade.

Perdi os estribos:

– Que mocidade! É sem-vergonheza. Não lhe invejo a sorte, d. Adélia. Sua filha acaba mal. (RAMOS, 1982, p. 90)

No entanto, o comportamento de Marina diante da sociedade suscitava alguns julgamentos dos outros, e seu próprio noivo julgava a moça de estar praticando atos inapropriados para uma jovem mulher que estava noiva de um homem pobre e o trocara pela riqueza do outro. É importante ressaltar que a mãe de Marina, em nenhum momento, dispôs-se a conversar com a filha para esclarecer a situação, apenas afirma que a atitude faz parte da juventude de Marina. Luís, percebendo que estava sendo trocado, adverte dona Adélia, cobrando alguma atitude sua para com a filha.

Não demorou para que Marina engatasse um namoro com Julião Tavares. Ela vê neste novo relacionamento a oportunidade de se realizar financeiramente e socialmente e, assim, essa nova relação chega para ela como possibilidade de conseguir os luxos que tanto deseja:

Aos domingos iam ao cinema, juntos, de braço dado, bancando marido e mulher – ele com ar bicudo e saciado, ela bem vestida como uma boneca e toda dengosa. Seda, veludo, peles caras, tanto ouro nas mãos e no pescoço que era uma vergonha. (RAMOS, 1982, p. 99)

Sua relação com o Julião Tavares vai se concretizando, ao passo que é proporcionada a Marina uma nova vida regrada de jantares requintados, patrocinados pelo então novo namorado, sua casa passa a ser frequentada fielmente por Julião Tavares, que traz sempre presentes para agradar as mulheres da casa. Até que o relacionamento transpõe o ambiente de

sua casa e passa a ser exibido em espaços mais elegantes, frequentando lugares da cidade como o cinema e o teatro. Os passeios também começam a serem feitos em transportes luxuosos como limusine, e Marina vestida com lindas sedas, joias e perfumes que embebiem a rua, o que indica um namoro movido por esses objetos e desejos que a moça sempre ambicionou.

Com esse novo namoro, Marina realiza muitos de seus desejos que estão fadados ao mundo burguês, é saciada pelo prazer de se ver com um artigo de luxo. Nesse ponto, Marina acaba mostrando que percebeu que Julião Tavares possui todas as qualidades que ela procura em um homem, pois anda bem vestido e é rico.

Nesse aspecto, a moça estava mais esperta, pois só conseguiu ter uma real certeza da pobreza de Luís da Silva através de seu envolvimento para a compra do enxoval. É desse modo que percebe que escolheu o homem errado, e sem condição de promover todos os desejos de vida luxuosa e confortável que espera. Por isso, Marina percebe em Julião Tavares uma solução para se afastar da pobreza e da falta de perspectiva em que se encontra, é assim que Marina concretiza um relacionamento com o antagonista, que apresenta como sua principal característica ser “deflorador de moças”.

Assim, Julião Tavares percebe em Marina a moça ingênua e ambiciosa, fácil de ser seduzida. Aquele, satisfeito com a nova conquista, não perde a oportunidade de satisfazer seus gostos e desejos, seduzindo a moça, que, por sua vez, pensa estar assegurando um casamento com um homem rico.

Após Julião Tavares, o burguês sem princípios, conseguir possuir Marina, concretizando sua desonra, abandona-a grávida. A gravidez é então descoberta por seu ex-noivo, que escuta uma discussão entre Marina e a mãe através da parede de sua casa que dá para o banheiro da vizinha:

– Que Deus, que Nossa Senhora, que nada! Gritou Marina reduzindo a cacos as lamúrias e a religião da mãe. De que é a culpa? A senhora não sabia? Para que fingir que não sabia? A senhora sabia.

Calaram-se, fungando.

– Criar uma filha tantos anos, gemeu d. Adélia, passar a vida sonhando com a felicidade dela, e de repente uma desgraça desta!

– Pois sim, disse Marina com um risinho. Bonita criação. Está vendo?

Tinha-se acalmado um pouco e podia falar, já não estava sozinha no mundo, urrando lamentações. Arremetia contra a mãe, arfando, grunhindo, como um bicho mal domesticado que quer morder:

– Coitadinha! Não via, não sabia. Tão inocente! Agora já sabe. Pois é. Escangalhada, com um filho na barriga. Não faça essa carinha de santa não. É o que lhe digo. Estou mentindo? Arrombada, com um moleque no bucho. Não quer ouvir não? Tape os ouvidos.

– Cale a boca, Marina, gaguejou d. Adélia tremendo. Me respeite, Marina.
(RAMOS, 1982, p.142-143)

Marina sentia-se irredutível com a situação em que se encontrava, era um filho indesejado, que poderia lhe trazer a felicidade que tanto almejava ao lado de Julião Tavares, o qual poderia lhe dar a vida burguesa que tanto queria, mas a verdade é que esse filho veio para findar o relacionamento, já que Julião a abandonou, deixando-a desesperada e desamparada. Assim, Marina transfere toda a culpa dos atos praticados e enganos a que foi submetida a sua mãe, chamando atenção para o fato de que ela não a orientava em nada, mas assistia a tudo também enxergando nesse namoro a oportunidade de a filha sair da vida pobre que tinha, deixando-a refém do burguês.

O desfecho de Marina no romance é com a prática de um aborto e, neste caso, a personagem se viu muito nova com a responsabilidade de criar o filho sozinha, por esta razão prefere abortá-lo, para não se escandalizar como mãe solteira na sociedade, o que a deixaria mal vista e incapacitada de conseguir um novo casamento.

Assim sendo, Marina é descrita no romance de Graciliano Ramos como uma mulher, que já se apresenta distante de valores patriarcais, denunciando a sociedade habitada por Marina, está em constante transformação nos valores tradicionais. Destarte, Marina é uma mulher fútil que tem seus valores e sentimentos ancorados no seu desejo de ascender socialmente, para, desse modo, possuir uma vida de luxo e vaidade, e que, por não ter condição de se realizar sozinha, deposita a expectativa de mudar de vida no casamento que busca nos braços de Luís da Silva. Este, ao gastar suas economias para satisfazer as futilidades da noiva, é desprezado por ela, que encontra em seu oponente, Julião Tavares, um meio de satisfazer suas façanhas na busca do luxo que ambiciona, mas no fim acaba apenas sendo mais uma vítima da sedução de Julião Tavares, que é assassinado ao fim do romance através do sentimento de ciúme de Luís da Silva.

3.3 Gabriela: sensualidade e liberdade espontâneas por natureza

Iremos tratar agora da personagem Gabriela da obra *Gabriela, cravo e canela*, do romancista Jorge Amado. O romance narra a história de Gabriela, retirante recém-chegada em Ilhéus, uma cidade que vem sendo marcada por mudanças econômicas, físicas e sociais, e onde as pessoas guardam princípios conservadores e sofrem com a inversão de valores que

está acontecendo no lugar, derivada da modernização que, aos poucos, vai tomando conta da cidade.

Gabriela é uma retirante sertaneja que chega a Ilhéus fugindo da grande seca do sertão e, a procura da sobrevivência, conseqüentemente, faz uma grande travessia a pé com um pequeno grupo de retirantes do qual se separa ao chegar a Ilhéus. No mercado dos escravos, ela foi contratada por Nacib, que mesmo desconfiado dos dotes culinários da moça, resolve contratá-la como cozinheira, para fazer os quitutes de seu bar.

Nacib, ao ver Gabriela pela primeira vez, não consegue enxergar seu encanto e beleza, pois a sertaneja vinha com a sua beleza escondida na sujeira adquirida durante a travessia: “era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrehados, imundos de pó, os pés descalços” (AMADO, 2001, p. 115). Nestas condições, difícil ver sua sensualidade e beleza, é tanto que ela é confundida com uma senhora idosa por ele, que a vendo neste estado não consegue distinguir suas feições. Só no momento que ele escuta a voz de Gabriela é que percebe que se trata de uma jovem, mas a beleza da retirante se mantém escondida em meio a sujeira.

A beleza de Gabriela só é constatada por Nacib depois que ele a encontra dormindo e livre de toda a sujeira trazida da viagem, é a partir daí que pode ver a encantadora mulher que era a sertaneja:

[...] os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformados em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente.

– Meu Deus! – Nacib ficou parado sem acreditar.

A espiá-la, num espanto sem limites, como tanta boniteza se escondera sob a poeira dos caminhos? Caído o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher jovem, feições de menina. [...]

– O senhor... Já lavei roupa, arrumei a casa. Depois fiquei esperando, peguei no sono – uma voz cantada de nordestina.

Dela vinha um perfume de cravo, dos cabelos talvez, quem sabe do cangote.

– Você sabe mesmo cozinhar?

Luz e sombra em seu cabelo, os olhos baixos, o pé direito alisando o assoalho como se fosse sair a dançar.

– Sei, sim senhor. [...]

– Se você sabe mesmo cozinhar, lhe faço um ordenado. [...]

– O que o moço quiser pagar, tá bom pra mim... (AMADO, 2001, p. 126-127)

Neste primeiro encontro de Nacib com Gabriela despida de toda a rudeza que trazia da travessia travada em busca de sua sobrevivência, ele consegue perceber o encanto e beleza da jovem. Quando Nacib a encontra debruçada, adormecida e o esperando, já notamos que ele fica maravilhado com a formosura dela. Daí percebemos que Gabriela é tratada na obra como uma mulher que seduz naturalmente os homens, pois exala beleza e sensualidade sem precisar de artifícios para atrair a presença masculina à sua apreciação.

O modo como Nacib aprecia a sertaneja quando consegue distinguir suas feições já demonstra que Gabriela é uma mulher superior às outras por ser encarada em seu estereótipo como uma semideusa de Ilhéus, pois havia apenas se despido da sujeira que tomava conta de seu corpo, o que concedeu que ela mostrasse os encantos assentados em sua beleza de mulher simples.

Seu cheiro de cravo, que pelo título do romance tem influência com seus dotes culinários, desperta no homem, em relação à moça, uma conotação de querer possuí-la. São estas as primeiras características que compõem a sua imagem e que agradam os homens que a veneram como se fosse uma deusa.

Na conversa que acontece neste instante, Gabriela se mostra uma mulher disposta ao trabalho a ela ordenado, elucidando sua disposição para o trabalho já no zelo que teve ao fazer as tarefas da casa, mesmo tendo acabado de chegar há pouco ao seu destino de trabalho. Com isso, afirmamos que Gabriela não é apenas apreciada pela forma de seu corpo, mas também pela sua capacidade de dedicação. Este mesmo trecho ainda demonstra ser ela uma mulher que nada pede, é o que notamos quando ela é interrogada sobre o pagamento de seu trabalho, surpreendendo ao não dar tanta importância para o que receberá.

A mulher Gabriela possui um dom culinário encantador, sua comida trazia um gosto e um tempero sem igual em Ilhéus, comida singular aprovada por Nacib que, ao acordar no dia seguinte, tem um café da manhã preparado pela sertaneja, a qual trabalha na cozinha com visível satisfação.

Engolia pedaços de cuscuz, os olhos enternecidos, a gula a prendê-lo à mesa, [...]. Divino aquele cuscuz, sublimes as talhadas de banana frita. Arrancou-se da mesa com esforço. Gabriela amarra uma fita nos cabelos, devia ser bom morder-lhe o cangote moreno. Nacib saiu quase correndo para o bar. A voz de Gabriela acompanhava-o, a cantar [...] (AMADO, 2001, p. 128).

A recém-chegada atiçara em Nacib a vontade de possuí-la, mas todo esse jeito não era provocado por imposição dela, a moça agia naturalmente e toda a sua simplicidade já era o

bastante para elevar sua beleza de mulher, uma simples fita que colocava nos cabelos já ressaltava ainda mais toda a sua beleza e sensualidade.

Gabriela representava uma mulher completa: cheia de dotes, sabia cozinhar divinamente, limpava e cuidava das atividades da casa perfeitamente. Gabriela também trazia em seu perfil características semelhantes a de uma criança, o que trazia para a personagem uma áurea de pureza, o que nos faz constatar que a malícia não tinha vez em sua personalidade. Observemos como ela reage quando o menino Tuísca fala de seu trabalho artístico no circo e o modo como ela entra na dança com ele:

Imediatamente pôs-se a dançar, tinha a dança dentro de si, os pés criando passos, o corpo solto, as mãos batendo ritmo. Gabriela olhava, com ela era igual, não se conteve. Abandonou tabuleiros e panelas, salgados e doces, a mão a suspender a saia. Dançavam agora os dois, o negrinho e a mulata, sob o sol do quintal. Nada mais existia no mundo. Em certo momento Tuísca parou, ficou apenas a bater as mãos sobre um tacho vazio, emborcado. Gabriela volteava, a saia voando, os braços indo e vindo, o corpo a dividir-se e a juntar-se, as ancas a rebolar, a boca a sorrir. (AMADO, 2001, p. 154)

A princípio, Gabriela só observa Tuísca dançar, mas toda a sua inocência e candura de menina a faz deixar de lado o trabalho que estava fazendo para entrar na dança. Gabriela era uma mulher desmedida que não se prendia a nada, nisto vemos que fazia o que tinha vontade e lhe trazia felicidade, como, por exemplo, o ato de dançar que tomou conta de seu ser naquela ocasião, fazendo com que pausasse o trabalho o qual desempenhava, devido sentir satisfação pela dança. Entendemos que ela foi conduzida pelo vigor de criança que a circunda, demonstrando felicidade e desenvoltura em tudo que faz.

Conhecemos Gabriela de início como a excepcional cozinheira de Nacib, no começo preparava apenas as comidas para o bar e para as refeições diárias do patrão. Porém, a sua comida ganhou fama em Ilhéus, pois era muito bem temperada e agradava o paladar de todos, a clientela que frequentava o bar de Nacib aumentou ao passo que os elogios dos salgados e doces feitos por ela iam se espalhando.

A personagem criou o hábito de levar o almoço de Nacib ao bar, dando aos fregueses do bar a oportunidade de vê-la, até passarem a esperá-la chegar só para ter a alegre e bela companhia da moça que arrancava suspiros de todos os frequentadores do bar.

A personagem, deste modo, é construída como um símbolo da mulher que busca romper com os padrões femininos, uma vez que Gabriela tem uma ingenuidade e com ela se mantém fora de todas as regras e de todas as convenções impostas pela sociedade. É, em

Ilhéus, a mulher que modifica as regras sociais, com uma simplicidade nos atos que denuncia uma libertação da ideologia que rege a cidade. Gabriela é uma ruptura dos modelos de mulher tradicional, fato que é perceptível em suas ações:

Ela ajudava a servir, para mais depressa o movimento acabar, senão a comida esfriaria na marmita, perderia o gosto. Os chinelos arrastando-se no cimento, os cabelos amarrados com uma fita, o rosto sem pintura, as ancas de dança. Ia por entre as mesas, um lhe dizia galanteios, outro a fitava com olhos súplices, o Doutor batia-lhe palmadinhas na mão, chamava-a *minha menina*. Ela sorria para uns e outros, parecia uma criança não fossem as ancas soltas. Uma súbita animação percorria o bar, como se a presença de Gabriela o tornasse mais acolhedor e íntimo.

Do balcão, Nacib a via aparecer na praça, a rosa na orelha, presa nos cabelos. Semicerravam-se os olhos do árabe – a marmita cheia de comida gostosa, àquela hora sentia-se esfomeado, contendo-se para não devorar os pastéis e empadas de camarão, os bolinhos dos tabuleiros. E a entrada de Gabriela significaria mais uma rodada de bebida em quase todas as mesas, aumento de lucro. Ao demais, era um prazer para os olhos vê-la ao meio do dia, rememorar a noite passada, imaginar a próxima. (AMADO, 2001, p.156, grifo do autor)

A simplicidade era uma característica presente no perfil de Gabriela, isto pode ser notado em seus trajes, como os chinelos simples de couro, os cabelos amarrados numa simples fita, não usava maquiagem, mas vestidos simples e se sente muito bem com sua maneira simples de se apresentar. No bar, estava pronta para servir os fregueses nos minutos que lá passava e todos os frequentadores do bar já haviam se habituado à presença dela para servi-los, e ela o fazia com grande satisfação.

Notamos, assim, a liberdade de ir e vir de Gabriela, o que a diferenciava das suas contemporâneas, que se mantinham reclusas ao ambiente do lar, participando apenas das atividades internas. Com Gabriela era diferente porque nessas suas idas ao bar tinha contato com o ambiente externo e desempenhava nele também seu trabalho, servindo o povo do bar, rendendo, desta maneira, lucros para o bar com sua presença.

Tal presença alegrava todo ambiente onde ela chegava, com sua simplicidade e estado de pureza em não ver maldade nas coisas, ela agia de maneira espontânea. É apreciada e cobiçada por todos devido à beleza e sensualidade que transborda de suas feições e corpo, isso é perceptível, entre outras passagens, quando chega ao bar de Nacib, sendo recebida por todos que lá estavam com voluptuosidade, pois despertava grande prazer e desejo no sentido dos homens que a observavam.

Gabriela, por sua vez, olhava para esse desejo dos outros homens por ela como algo natural e não se esquivava a nenhum galanteio feito a sua pessoa, ela gostava de se sentir livre e poder estar em contato com aquelas pessoas a admirá-la, pois também admirava a beleza humana.

O fato de Gabriela ser vista pelos outros apenas como a empregada de Nacib abria espaço para que os homens tentassem se envolver com ela, sem comprometer a sua honra e integridade, pois ela era livre para fazer o que quisesse por não ter família e nem marido para dar satisfação. Também a personagem chega a Ilhéus e não participa dos princípios que são estabelecidos para as mulheres da cidade, porque não entendia os códigos sociais impostos. Por isso, tem um olhar puro sobre as convenções, uma vez que o modo como se comporta na sociedade quebra todos os valores estabelecidos, o que nos impulsiona dizer que se concentra na sua figura uma espontânea subversão aos dogmas femininos da época.

Nacib, satisfeito com a escolha da sertaneja no mercado dos escravos, enaltece as aptidões de Gabriela, que o serviu como empregada, cozinheira e amante. Esse enaltecimento da personagem só é possível devido a maneira livre que a sertaneja tem de olhar para as coisas, a sua visão de mundo e a forma como se comporta, relacionada a sua não rejeição de viver os prazeres que a vida oferece.

O comportamento de Gabriela, de início, trazia tranquilidade para Nacib, até de suas idas ao bar ele gostava, ficando feliz com o aumento que sua presença provocou na freguesia. Mas Nacib começa a se atentar para os riscos que corria de perdê-la, pela possibilidade de ela ser interesseira e dominável pelas propostas dos que a ela ofereciam bons salários e casa montada.

Todavia, Gabriela demonstra que sua felicidade estava na satisfação que tinha de trabalhar para Nacib, era realizada vivendo do seu modo, sem ambição alguma e amante da simplicidade. Mesmo quando faziam ofertas com promessas de um bom ordenado por seu trabalho, a moça rejeitava, mantendo-se fiel a acolhida que Nacib lhe dera ao chegar do sertão. E quando tinha aumento em seu ordenado, sempre afirmava que não precisava e que não estava pedindo. Ao receber os presentes simples e baratos de Nacibe, explicitava alegria:

– Moço bom, seu Nacib...

Broches de dez tostões, brincos de mil e quinhentos, brincos de mil e quinhentos, com isso lhe agradecia as noites de amor, os suspiros, os desmaios, o fogo a crepitar inextinguível. Cortes de fazenda vagabunda duas vezes lhe dera, um par de chinelos, tão pouco para as atenções, as delicadezas de Gabriela: os pratos de seu agrado, os sucos de fruta, as

camisas tão alvas e bem passadas, a rosa caída dos cabelos na espreguiçadeira. (AMADO, 2001, p.167)

Esses presentes eram recebidos por Gabriela com tamanha felicidade que transparece em seu perfil a humildade, representando o modo Gabriela de ser, longe das amarras sociais, com gosto pela simplicidade que existe nas pequenas coisas e que lhe traz satisfação e alegria. Nesses presentes também está simbolizada sua liberdade, como gostava de tê-la ao se vestir e calçar com peças que não reprimem seus movimentos e sua liberdade de ir e vir.

Das conversas de Gabriela com dona Arminda sobre as investidas dos coronéis de Ilhéus, que se propunham colocar casa para dar vida de luxo a sertaneja, transparece em seu perfil um caráter que aponta que sua intenção não era tornar-se mercadoria de ninguém que pudesse pagar por sua presença, já que a moça é satisfeita com a naturalidade e simplicidade presentes em seu jeito de ser. Vemos isso também quando dona Arminda fazia alusão a um possível casamento entre Nacib e Gabriela, quando esta negava esta convenção social:

... Seu Nacib é para casar com moça distinta, toda nos trinques, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar. Clemente na estrada, Nhôzinho na roça, Zé do Carmo também. (AMADO, 2001, p. 183)

Neste trecho há uma reflexão de Gabriela em relação às investidas das pessoas que tentavam cercear sua liberdade, ela sentia realmente paixão por Nacib, contudo não compartilhava dos valores estabelecidos que reprimiam sua maneira de ser e viver. Se aceitasse participar da convenção social do casamento, seria como se assinasse um contrato que a transformaria em propriedade de uma única pessoa, a qual controlaria todos os seus passos, proibindo-a de fazer o que tivesse vontade.

Em todo o romance, Gabriela mostra-se satisfeita com o pouco que tem, contente em ser cozinheira e amante de Nacib, circunstância que se apresenta com tanta força que ela não vê necessidade em aceitar uma proposta de casamento do próprio amante, nem qualquer outra proposta que a reduzisse a condição de objeto. Gabriela reprovava o casamento, compreendia que não servia para casar, pois não abriria mão de sua liberdade, como usar suas roupas simples, seus chinelos, continuar com sua essência natural de cravo e continuar realizada por ser desejada, mostrando-se diferente das moças que já se preparavam desde meninas para se realizarem com o casamento.

Apesar de Gabriela ter contato sexual com vários homens, ela não é considerada uma prostituta, porque não pratica esse ato em troca de dinheiro, mas sim por esses modos de agir fazer parte de sua própria essência: ela gosta mesmo é de dar prazer e de se satisfazer no prazer. É tanto que rejeita as investidas dos coronéis que prometiam vida regrada de regalias para possuí-la e também gostava apenas de homem com juventude e beleza. Era, portanto, uma mulher livre, avessa ao conjunto moral que impunha uma série de regras às mulheres da época.

Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava com ela e com as demais. Não se importava. Podia ir com outra. Não para ficar, só para dormir. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se seu Tônico, beleza de moço!, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com todos eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos seu tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, as mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tônico. Era tão bom bastava pensar. (AMADO, 2001, p. 204)

Gabriela gostava de viver a liberdade, de ter contato com as pessoas, fazia tudo que sentia vontade e não tinha ninguém que a pudesse controlar, pois ela era uma mulher de personalidade livre que trazia consigo uma inocência de criança. Isso pode ser notado nas suas próprias reflexões, na forma como ela não se importava com o modo convencional como as pessoas agem na sociedade, mostrando uma inocência e pureza quando percebe os sentimentos de ciúmes de Nacib por ela. Estes são sentimentos que Gabriela não compreendia o porquê, não entendia a razão de as pessoas quererem limitar as vontades umas das outras.

Em sua forma de ser mulher, ela fazia o que tinha vontade, pois não estava presa à ordem patriarcal estabelecida no interior baiano, por isso não queria se casar com Nacib, porque era livre e o casamento tiraria sua liberdade. Ela se mostra conhecedora dos sentimentos do amor, porquanto percebemos que ela amava Nacib e quer viver com ele, mas não casada, mostrando que o valor do casamento para ela não tinha importância, mas sim o sentimento que ela tem pela pessoa que ama.

Como Jorge Amado criou essa personagem com uma personalidade de valores que subvertem a tradição da época, porque Gabriela chega a Ilhéus com um olhar despido de preconceitos para com a sociedade e suas normas, isto é demonstrado através da forma que o perfil feminino da personagem foi construído. Vemos a personagem avessa aos valores da

cidade, por isso é livre das concepções formadas diante da moral burguesa, dos comportamentos e bons costumes convencionais da época.

Então, Gabriela é construída com uma personalidade que a podemos qualificar como singular em Ilhéus, pois a personagem tem como sua maior marca a sensualidade, a qual compreendemos como a característica chave utilizada por Jorge Amado, para subverter os valores que eram diferentes dos ditames históricos.

No entanto, Gabriela, que é cobiçada por muitos homens de Ilhéus, é logo pedida em casamento por Nacib, o qual, por ciúme do desejo que a personagem desperta nos outros homens, teme perder a amante para outro. Mas Gabriela tem como norte de sua vida a alegria e liberdade de viver, não pretende, por esse motivo, prender-se a nada nem ninguém, motivo que a faz resistir até a última hora ao pedido de casamento: “Quando lhe dera a notícia, quando pedira sua mão, ela ficara a pensar: / – Por que, seu Nacib? Precisa não... / – Não aceita? / – Aceitar, eu aceito. Mas, precisava não. Gosto sem isso. (AMADO, 2001, p. 235). A moça, mesmo sendo inadequada para um casamento, devido já ter uma vida sexual ativa, tem com Nacib a oportunidade de formar uma família dentro dos padrões patriarcais da época, quebrando, assim, paradigmas em Ilhéus.

Mesmo assim, mostra que não pretende casar-se com Nacib por vontade própria, cedendo ao pedido apenas para realizar a vontade do homem que ama. Entretanto, com o casamento concretizado, Nacib passa a guiar os passos de Gabriela, retirando seu poder de decisão e dos atos que praticava quando solteira. Assim, já no primeiro dia de casados, Nacib explicita sua intenção de “reeducar” Gabriela, pois pretende torná-la uma mulher dentro dos padrões burgueses:

- Bié...
 - Seu Nacib...
 - Por que *seu* Nacib? Sou seu marido, não seu patrão...
- Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou a arrumar, os pés descalços. Ele tomou-lhe da mão, repreendeu:
- Não pode mais não Bié...
 - O quê?
 - Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora.
- Assustou-se:
- Posso não? Andar descalça de pé no chão?
 - Pode não.
 - E por quê?
 - Você é uma senhora, de posses, de representação.
 - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela...
 - Vou te educar – tomou-a nos braços, levou-a pra cama.
 - Moço bonito... (AMADO, 2001, p. 236-237 grifo do autor)

O casamento para Gabriela veio como uma repreensão para sua liberdade. E logo ela já é repreendida desde a forma de tratamento que usa para falar com Nacib até a sua postura para com os sapatos, já que ela gosta de usar coisas simples. Mas agora, com o casamento, Nacib pretende “reeducar” Gabriela e já começa dando ordens para que ela não ande mais sem sapatos e, apesar de obedecer ao pedido, ela estranha as regras que vão se impondo.

A aversão que a personagem tem dos sapatos simboliza a negação aos valores sociais por parte dela, que foi obrigada, após o casamento, a usar a peça para que seu esposo pudesse vê-la encaixada na ordem social de Ilhéus, da qual a personagem não participava, mas agora seria obrigada a participar.

As restrições que surgem com o casamento não agradam a Gabriela, que é proibida de praticar coisas que gostava, como ir ao circo, porque tinha se tornado a mulher Saad, sobrenome que ganhara quando casou com Nacib. Porém, quando a personagem manifesta sua vontade de ir ao circo e convida o esposo para ir também, é repreendida por ele, que afirma que eles vão para uma conferência: “– Ouça, Bié, já te disse: você agora não é mais uma empregadinha. É uma senhora. A senhora Saad. Precisa se compenetrar disso. Tem uma conferência, vai falar um doutor que é um colosso. Toda a nata de Ilhéus vai estar lá. Nós Também” (AMADO, 2001, p. 254).

É imposto por Nacib que Gabriela tem de se comportar e frequentar os lugares que as pessoas bem vistas na sociedade de Ilhéus também frequentavam. Ele cobra atitudes dela para que ela se transforme em uma mulher de elevada posição social, o que era difícil para ela, cuja vida era guiada por seus próprios parâmetros, agora se vê presa a alguém que pretende nortear seus passos de modo a contrariar suas vontades. Assim, a vida de casada não traz satisfação para Gabriela, pois as práticas sociais as quais querem que nela se insiram são por ela rejeitadas. O esposo tenta mudar o comportamento dela, proibindo-a de ser/fazer o que gosta, como, por exemplo, a proibição de sua participação no terno de reis:

Que diria o povo de Ilhéus, seus amigos do bar, as senhoras da alta roda, o coronel Ramiro que tanto a distinguiu? Impossível, Gabriela, impossível pensar em tal coisa, nunca vira absurdo maior. Bié precisa se convencer que não é mais uma pobre empregada, sem família, sem nome, sem data de nascimento, sem situação social. Como imaginar a senhora Saad na frente do terno, a trazer na cabeça coroa dourada de papelão, rebolando o corpo na dança de paços miúdos, vestida de cetim azul e vermelho, empunhando estandarte, entre vinte e duas pastoras conduzindo lanternas, a pastora Gabriela, a primeira de todas, a mais notada de todas? Impossível, Bié, que ideia mais doida... (AMADO, 2001, p. 302)

Entendemos que ele se importava demais com o julgamento dos outros sobre o comportamento de Gabriela. Como o terno de reis é uma tradição de fim de ano praticada pelas pessoas que estão à margem da sociedade em Ilhéus, se Gabriela participasse da festividade estaria destoando das condutas de participação social da alta classe, o que a diferenciaria do grupo e geraria falatórios a seu respeito, fato que suscitaria constrangimentos no esposo.

Mas como Gabriela não se importava com os julgamentos que os outros pudessem fazer sobre suas condutas, quando viu o terno de reis chegando, misturou-se com o grupo e se pôs a dançar, contrariando o esposo, que ficou envergonhado: “Gabriela descalçou os sapatos [...]. Seu corpo rodou, suas ancas partiram, seus pés libertados a dança criaram” (AMADO, 2001, p. 307). Neste instante, Gabriela revoluciona os padrões sociais, pois, quando entra no terno de reis com toda sua alegria, é também acompanhada pelas pessoas da alta sociedade de Ilhéus, que também entram na dança.

Gabriela, com a dança, subverte a ordem do esposo, mostrando que é uma mulher impossível de se encaixar no modelo social que reprime seus instintos de liberdade. Ou seja, ela é uma pessoa cujo perfil está ligado à necessidade que tem de sentir prazer diante da simplicidade da vida, já que é avessa às práticas sociais que lhe tolhem a liberdade. A partir disso, começa a praticar uma série de desobediências ao marido que amava, mas que não a compreendia.

As práticas que deixam explícitas a recusa à vida de casada por parte de Gabriela se consolidam com a traição ao esposo: “NUA, ESTENDIDA NA cama de casal, Gabriela a sorrir. Nu, sentado à beira do leito, Tônico, os olhos espessos de desejo. Por que não os matara Nacib? Não era a lei, a antiga lei cruel e indiscutida? Escrupulosamente cumprida sempre que se apresentava ocasião e necessidade?” (AMADO, 2001, p. 313). Gabriela pratica a traição como uma consequência que pudesse trazer de volta a sua liberdade, pois ela sofria com a submissão que Nacib propunha, pois a personagem não conseguiu contrariar sua natureza, vivendo de cobranças advindas do casamento. Ela decide seguir seus desejos, mesmo causando perdas e dor, o que demonstra que a personagem não aceitou viver de normas, rompendo sempre com elas.

Com essa traição, há uma mudança nos costumes dos maridos traídos de Ilhéus, pois Nacib não matou Gabriela, como fez o assassino da sinhazinha para lavar a honra. Simplesmente Gabriela é mandada embora pelo dono do bar, depois de levar uma grande surra. Já o amante de Gabriela, Tônico, ao invés de ser morto por Nacib, como convém a lei

adotada pelos homens comuns de Ilhéus, leva apenas uma “bofetada” do homem traído. É perceptível aí a quebra realizada nos costumes de Ilhéus através da traição de Gabriela.

Na cidade, as pessoas tentam compreender a personalidade de Gabriela, é o que vemos no questionamento do Capitão a João Fulgêncio:

– Como você explica, João Fulgêncio, o caráter de Gabriela? Pelo que você conta, ela gosta mesmo de Nacib. Gostava e continua a gostar. Você diz que a separação para ela é muito mais dura do que para ele. Que o fato de botar-lhe os chifres não significa nada. Como assim? Se gostava dele, por que o enganava? Que explicação você me dá? [...]

– Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma.

– Corpo formoso, alma de passarinho. Será que tem alma? [...]

– Alma de criança, talvez [...]

– De criança? Pode ser. De passarinho? Besteira, Josué. Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais. Faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explicá-la. Para mim basta vê-la saber que existe. (AMADO, 2001, p. 319)

Observamos no diálogo que as pessoas não entendiam porque Gabriela traiu o esposo se o amava, eles consideram que a traição praticada por Gabriela só trouxe dor para ela. É notado que Gabriela sabia dividir o fato de se entregar a outro do amor que sentia por Nacib. Com seu jeito de ser, ela conseguia se deixar sentir prazer por “gostar de deitar”. Por conseguinte, a traição para Gabriela não significava nada demais, porque ela estava fazendo o que gostava e, com este ato, rompeu a submissão a que ficou sujeita.

Como Gabriela não se explica, porque é uma pessoa singular que possui uma identidade única, diferindo-a das demais mulheres, tem uma personalidade que não aceita se prender a regras, ela tem a necessidade de liberdade, é impossível limitar suas qualidades e conhecer o seu íntimo. Entretanto, apesar de Gabriela ser uma mulher conhecedora de muitas coisas da vida, ela tem uma inocência em seu modo de agir que a faz pura e inocente em suas ações, disso decorre sua comparação com criança. Por exemplo, ela não entendia as convenções sociais patriarcais que limitam os modos de ser das pessoas e principalmente das mulheres, por isso praticava ações que os outros consideravam impróprias para o comportamento feminino.

E queria, como queria!, vê-lo sorrir com seu rosto tão bom, sua cara bonita. Sorrir junto dela, tomá-la nos braços, dizer-lhe Bié, enfiar os bigodes no cangote cheiroso. Não havia no mundo mulher que tanto gostasse de um

homem, que com tanto amor suspirasse por seu bem-amado como suspirava, morta de amor, Gabriela por seu Nacib. (AMADO, 2001, 321)

Agora Gabriela já não era mais a senhora Saad, mas demonstra continuar amando Nacib. Neste fragmento, notamos que ela já não estava mais presa a ninguém e que ela era só Gabriela, como gostava de ser, mas, ao mesmo tempo em que ganhou sua liberdade, não estava feliz, ela desejava sua vida de antes do casamento, ser cozinheira e amante de Nacib.

Gabriela conseguiu subverter a ordem estabelecida para as mulheres, pois conseguiu colocar um fim no casamento e ainda voltou a sua vida simples de antes, retomando sua cozinha e seu amante, revolucionando, portanto, os costumes em Ilhéus.

Destarte, Gabriela é apresentada na obra como uma sertaneja recém-chegada a Ilhéus, fugida da seca, a qual é amparada por Nacib, que a emprega como sua cozinheira, ficando, assim, reconhecida em Ilhéus pelos quitutes incríveis que agradam o paladar de todos frequentadores do bar de Nacib e como a sensual mulher que desperta o desejo dos homens que a vê. Outra característica presente em Gabriela se assenta em sua sensualidade natural, que desperta tanto em Nacib como em todos que a vê, o desejo de possuí-la. A moça também apresenta em seu perfil características que a fazem tão inocente quanto uma criança, pois Gabriela tem em sua configuração uma áurea de ingenuidade e pureza na forma de olhar para tudo, o que mostra que ela não vê malícia em nada que pratica. Mas, sua maior característica está na forma como se dispõe da liberdade em sua vida, por mostrar-se incontrolável em seus instintos e atos, é o que vemos quando pratica um adultério para recuperar a liberdade que foi cerceada com o casamento.

3. 4 Comparando Conceição, Marina e Gabriela

Nos perfis femininos analisados, através das personagens centrais das obras que formam o *corpus* desta pesquisa, podemos perceber algumas aproximações em relação às personagens estudadas, em se tratando do modo como se comportam na sociedade enquanto mulheres.

As personagens Conceição, Marina e Gabriela aproximam-se através do modo subjetivo de ser de cada uma delas, como mulheres de personalidade forte que infringem os parâmetros sociais. Elas não se comportam de maneira submissa às imposições que lhes são impostas, pois estão sempre subvertendo a ordem do que está determinado pela sociedade.

Um outro aspecto também que aproxima as personagens é a maneira diferente que elas têm de olhar para a instituição do casamento, foi o que percebemos diante do estudo. Conceição enquanto mulher não se rendeu ao casamento, mesmo tendo encontrado na figura de Vicente uma oportunidade para o amor, não aceitou se render ao matrimônio porque não encontrou pontos em comum entre os dois como, por exemplo, o seu nível intelectual que não teria capacidade de ser partilhado com Vicente, que era apenas um rude vaqueiro, e também por não aceitar conviver com um homem que é marcado pelos costumes tradicionais, fator que provocaria sua submissão ao mando masculino.

Já a personagem Marina tem uma forma de pensar o casamento também diferente do modelo tradicional, ela via o casamento como uma oportunidade de se agarrar a alguém que pudesse lhe dar um status social. O casamento funcionaria como uma mudança dos seus padrões financeiros.

Gabriela se casou com Nacib sem estar à vontade para travar um matrimônio com ele, pois uma das coisas que essa personagem não queria era ter alguém para lhe dar ordens e determinar o que fazer e como agir. Era ingênua e livre para satisfazer seus desejos.

Todas estas personagens trazem uma visão diferente do modelo do casamento patriarcal, portanto a subjetividade que elas possuem não se encaixa nos padrões tradicionais, os quais são os de se casarem para serem as rainhas do lar.

As personagens também têm em comum os anseios de liberdade. É Conceição a mulher que busca a liberdade de ser independente, trabalhando como professora, sendo voluntária no Campo de Concentração e também sendo mãe sem contrair matrimônio. Em Gabriela a liberdade está nas ações que pratica, gosta de sentir prazer, não aceita se enquadrar na educação feminina da mulher da época e não permite que a vaidade burguesa retire sua simplicidade. Marina também compartilha deste mesmo ideal, pois é a mulher que procura sua liberdade em um casamento que possa lhe proporcionar uma vida de luxo. A aliança, no caso desta personagem, é a porta para a liberdade.

O fracasso que elas detêm em relação ao amor é outro ponto que encontramos em comum nas personagens. Conceição não chega nem a realizar uma relação entre ela e Vicente, pois sua intelectualidade a impede de vê no primo um homem com quem possa se relacionar, já que ele tem seus valores na tradição da época e não aceita muito bem o fato de Conceição ser independente. Em Marina, o amor está relacionado a sua ambição pelo dinheiro e luxo, na verdade ela não ama, mas vê nos homens com quem se relacionou a oportunidade de ser bem vista socialmente. Com Gabriela o amor fracassa, porque ela é o tipo de mulher livre que

gosta de se relacionar com o homem que quiser, por isso sua traição leva ao fracasso no amor em favor da liberdade.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa compreendemos que o sujeito feminino, no decorrer de sua história, foi mantido abaixo do homem na hierarquia social, porque essa era a divisão dos sexos tida como natural dentro da sociedade. Mas é no século XX que surge na sociedade uma nova mulher questionadora dos papéis sociais a ela atribuídos e é nesse quadro de questionamentos que surge uma figura que tem voz dentro da sociedade, pois é nessa época que valoriza seu conhecimento intelectual, mostrando-se um sujeito que sabe pensar e agir, o que começa a provocar mudanças na forma como a mulher é vista diante a sociedade.

Compreendemos também que em 1930 emerge uma literatura pura por excelência, através de um grupo de romancistas engajados que representam a realidade que se passa despercebida nas regiões mais afastadas dos grandes centros do país, dando ênfase a um projeto ideológico com o intuito de debater sobre problemas sociais e políticos que afetam a vida do ser humano. Através de romances que narram secas, histórias do cangaço, conflitos sociais, estas narrativas também refletem o momento histórico do feminino dentro da literatura da época.

É diante dessa discussão que esta pesquisa buscou analisar a figura feminina das personagens Conceição, Marina e Gabriela, das obras, *O Quinze*, *Angustia* e *Gabriela, Cravo e Canela*, dos autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Com o estudo das personagens nas obras aqui analisadas, chegamos a constatação de que os romances são construídos num período em que se abre espaço para a construção de personagens femininas que passam a questionar os papéis que a elas são atribuídos na sociedade.

Dentro desta perspectiva, Conceição, de *O quinze*, é uma personagem que busca se encontrar numa sociedade castigada pela seca de 1915, em que os personagens do romance vivenciam esse fenômeno climático, o qual traz sequelas para a vida dos que com ela convive. Numa sociedade de ricos e pobres enfrentando a seca, Conceição é uma mulher diferenciada, que traz características em seu perfil da nova mulher que emerge no século XX, é a mulher inteligente e intelectual, a mulher que busca compor a identidade nas leituras que pratica, procurando trilhar seu próprio destino, conservando-se autônoma de suas ideias e ideal. Arredia aos costumes da época, é a mulher que renuncia as convenções sociais como o casamento, que poderia ter se realizado com o primo Vicente, mas que foi abnegado por ela

por consciência de incompatibilidade de personalidade. Ao contrário do que fariam as moças educadas para casarem e serem subjugadas ao esposo.

Marina é a personagem que emerge em um romance narrado em primeira pessoa, através do narrador personagem Luís da Silva, homem problemático e cheio de frustrações. Ela é trazida na narrativa através do olhar de Luís da Silva. Desse retrato que ele desenha de Marina, observamos que as suas características é a da mulher que traz uma futilidade no modo que se comporta na sociedade, é a mocinha que procurava ascender socialmente, pois gostava de estar sempre bem trajada e composta. Noiva de Luís da Silva a fim de conseguir ascender socialmente, vê na promessa do matrimônio a saída da pobreza. Por isso troca Luís por Julião Tavares, que consegue deixá-la deslumbrada com todo o luxo que proporcionava, como os passeios de limusine, joias e roupas de luxo. O perfil de Marina é o da mulher interesseira, que, convivendo numa sociedade urbana, causa certa desordem no papel feminino esperado para a sociedade da época, a qual prepara meninas para serem doces provedoras do lar.

A personagem Gabriela emerge de uma sociedade em que se encontra em processo de modernização, pelo qual os antigos costumes postos vão sendo subvertidos aos poucos no romance. É nesse cenário que surge a personagem, vista na obra como a mulher que, ao não participar dos padrões da sociedade de Ilhéus, consegue aos poucos ir rompendo os padrões que lhe vão sendo impostos, o que deixa uns revoltados, mas outros admirados com sua singularidade em ter punho forte para viver do seu modo. Com ela temos a visão do indivíduo livre, configurando-se em um perfil de mulher corajosa e ousada, amante do prazer e da liberdade.

Constatamos no decorrer desta pesquisa que os perfis das mulheres traçados dentro da literatura de 30 é o da questionadora de padrões estipulados. Essas mulheres são descritas como desbravadoras de novas formas de conviver na sociedade, pois cada personagem aqui analisada trilha caminhos que não condizem com o ideal de mulher esperado pela sociedade da época, por isso, cada uma delas lutam para conquistar seu espaço tido como não convencional para o pensamento de muitos.

Com esta pesquisa esperamos ter contribuído para estudos de análise literária direcionada a personagens femininas dentro da literatura, pois, como sabemos, a representação literária é uma representação da realidade, podemos comprovar isso com as personagens aqui estudadas, que trazem características das mulheres do século XX, as quais vão à luta para conquistar seu espaço.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Marcelita Pereira. A Primeira Feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi. (org.) **Representações do feminino**. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. p. 15-37.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2001.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” – uma História do Gênero Masculino (1920 – 1940)**. São Paulo: Intermeios. 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Representações do feminino. In: GOLDSTEIN, Norma Seltizer. (org) **Caderno de leituras: a literatura de Jorge Amado**. Companhia das letras, 2008.
- CAMINHA, Edmilson. **Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.
- CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi. (org.) **Representações do feminino**. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. p. 107-123.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2006.
- CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- D’INCAO, Maria Ângelo. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 223-240.
- LUCENA, Maria Inês Ghilardi. As Representações do Feminino na Publicidade. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi. (org.) **Representações do feminino**. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. P. 159-177.
- LOURO, Garcia Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MACHADO, Gilka. Ser mulher... Consulta. In: **Jornal de poesias**. Poema do livro Cristais partido. 1915. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gm1.html> Acesso em 30.11.16.

ORSINI, Maria Stella. Histórias sonhadas, Histórias perdidas. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi. (org.) **Representações do feminino**. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003.p. 81-91.

PIRES, Vera Lúcia. A Identidade do Sujeito Feminino: uma leitura das desigualdades. In: LUCENA, Maria Inês Ghilardi. (org.) **Representações do feminino**. Campinas. São Paulo: Átomo, 2003. p. 201-2013.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1999.